



Universidade Católica de Santos

Mestrado Profissional em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas

Zirlaide Barreto Mendonça

**RESILIÊNCIA: IMPLICAÇÕES NO PROCESSO FORMATIVO PARA A VIDA
RELIGIOSA CONSAGRADA (VRC)**

Santos, 2022



Universidade Católica de Santos

Mestrado Profissional em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas

Zirlaide Barreto Mendonça

**RESILIÊNCIA: IMPLICAÇÕES NO PROCESSO FORMATIVO PARA A VIDA
RELIGIOSA CONSAGRADA (VRC)**

Dissertação de mestrado apresentada como parte do requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas, pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Santos.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Alves

Santos, 2022



Universidade Católica de Santos

Mestrado Profissional em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas

Zirlaide Barreto Mendonça

**RESILIÊNCIA: IMPLICAÇÕES NO PROCESSO FORMATIVO PARA A VIDA
RELIGIOSA CONSAGRADA (VRC)**

Dissertação de mestrado apresentada como parte do requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas, pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Santos.

Aprovada em 15 de dezembro de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hélio Alves – Orientador – Membro Nato –
UniSantos

Prof. Dra. Daisy Inocência Margarida de Lemos –
Membro Titular – UniSantos

Prof. Dr. Sergio Marques Jabur – Membro Titular –
Universidade Metropolitana de Santos

Dados Internacionais de Catalogação]

Departamento de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos

Viviane Santos da Silva – CRB 8/6746

M539r Mendonça, Zirlaide Barreto

Resiliência: implicações no processo formativo para a vida religiosa consagrada (VRC) / Zirlaide Barreto Mendonça; orientador Hélio Alves. -- 2022. 157 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de Santos,
Programa de Pós-Graduação stricto sensu Programa de Pós-Graduação stricto sensu em
Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas, 2022

Inclui bibliografia

1. Resiliência (Traço da personalidade). 2. Vida Religiosa Consagrada. 3. Existência e Modos de Cuidar I.Alves, Hélio - 1951-. II. Título.

CDU: Ed. 1997 -- 159.9(043.3)

RESUMO

Esta investigação teve como principal objetivo a compreensão de como, ao longo das suas vidas, as religiosas e religiosos, participantes da pesquisa, desenvolveram a sua resiliência, bem como a identificação de fatores que possibilitaram o processo de construção da resiliência frente às adversidades do cotidiano.

Os participantes da pesquisa são pessoas em formação para a Vida Religiosa Consagrada, entre 21 e 40 anos, que estão na etapa do Juniorato e vivem em Comunidades Religiosas nas diversas realidades do Brasil.

A análise dos dados foi realizada à luz da ATD (Análise Textual Discursiva) proposta por Moraes e Galiuzzi (2016). Do Corpus textual (Entrevistas) surgiram as categorias emergentes: Experiências - Vínculos de confiança; Existência ou essência; Sentido na Vida e Modos de Cuidar de Ser.

As análises realizadas através das contribuições teóricas de autores de referência nacionais e internacionais e dos discursos produzidos pelos participantes da pesquisa demonstram que a resiliência é um processo que pode ser desenvolvido em todas as fases da vida e envolve características pessoais, acolhimento e redes de apoio: famílias, amigos, educadores, comunidades e instituições.

Os dados apontam, também, muitas semelhanças nas trajetórias dos participantes da pesquisa, possibilitando identificar condutas resilientes comuns entre eles: determinação, persistência, bom uso da memória e do esquecimento, respeito, solidariedade, empatia, motivação, fortalecimento nas adversidades, autotranscendência, busca de sentido, bom humor, ética, autoestima, autoconfiança, senso crítico, valorização dos estudos, autoeficácia, sonhos e espiritualidade.

Palavras-Chave : Resiliência, Vida Religiosa Consagrada, Existência e Modos de Cuidar.

Resumen

El objetivo principal de esta investigación fue comprender cómo, a lo largo de su vida, los religiosos y religiosas que participaron de la investigación desarrollaron su resiliencia, así como la identificación de factores que posibilitaron el proceso de construcción de resiliencia frente a las adversidades cotidianas.

Los participantes de la investigación son personas en formación para la Vida Religiosa Consagrada, entre 21 y 40 años, que se encuentran en etapa de Juniorado y viven en Comunidades Religiosas en las diferentes realidades de Brasil.

El análisis de los datos se realizó a la luz del ATD (Análisis Textual Discursivo) propuesto por Moraes y Galiuzzi (2016). Del Corpus textual (Entrevistas) surgieron las categorías emergentes: Experiencias - Vínculos de confianza; Existencia o esencia; Sentido en la Vida y Modos de Cuidar el Ser.

Los análisis realizados a través de los aportes teóricos de autores de referencia nacionales e internacionales y los discursos producidos por los participantes de la investigación demuestran que la resiliencia es un proceso que se puede desarrollar en todos los ciclos de vida e involucra características personales, redes de aceptación y apoyo: familias, amigos, educadores, comunidades e instituciones.

Los datos también apuntan a muchas similitudes en las trayectorias de los participantes de la investigación, lo que permite identificar comportamientos resilientes comunes entre ellos: determinación, persistencia, buen uso de la memoria y el olvido, respeto, solidaridad, empatía, motivación, fortalecimiento en la adversidad, autoestima, trascendencia, búsqueda de sentido, buen humor, ética, autoestima, autoconfianza, sentido crítico, valoración de los estudios, autoeficacia, sueños y espiritualidad.

Palabras clave: Resiliencia, Vida Religiosa Consagrada, Existencia y Modos de Cuidar

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	7
APRESENTAÇÃO.....	10
INTRODUÇÃO	13
1. QUESTÕES DA PESQUISA:.....	16
2. OBJETIVOS.....	17
2.1 Objetivo Geral.....	17
2.2 Objetivos Específicos.....	17
3. RESILIÊNCIA: O QUE É? QUE FORÇA É ESSA?.....	17
3.1 Fatores de Promoção de Resiliência: acolhida e redes de apoio social.....	23
3.1.1 Aceitação incondicional.....	24
3.1.2 Redes de apoio.....	27
3.2 Pilares de Resiliência.....	29
3.2.1 Autoestima.....	31
3.2.2 Aptidões e Competências pessoais associadas à resiliência.....	32
3.2.3 Senso de humor.....	33
3.2.4 Espiritualidade.....	35
4. VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA: EXISTÊNCIA CONSAGRADA À RELAÇÃO COM DEUS E COM O OUTRO.....	39
4.1 Formar para gerar um futuro de esperança.....	43
4.2 O percurso da formação para a vida religiosa consagrada.....	46
5 - NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGIA: UM OLHAR SOBRE O MODO DE SER.....	49
5.1 A angústia como abertura para "si mesmo"	57

5.2 Cuidando de ser na articulação do sentido.....	61
5.3 Olhares que interroga.....	64
6 – METODOLOGIA	66
6.1 Análise Textual Discursiva: aspectos conceituais.....	66
6.2 – Participantes.....	70
6.3 Coleta dos Dados: Instrumentos.....	72
6.3.1 Primeira Etapa: Escala dos Pilares da Resiliência (EPR)	72
6.3.2 Segunda etapa: Entrevistas semiestruturadas	74
7. ANÁLISE DOS DADOS.....	75
7.1 A diversidade das vozes: dados da EPR e das entrevistas (corpus textual)	75
7.2 – Conhecendo os entrevistados da pesquisa: as unidades de significado.....	78
7.3 Estabelecendo relações entre as trajetórias dos participantes da pesquisa: as categorias de análise.....	85
7.4 Resultado: um olhar para o todo (metatexto).....	114
8. CONSIDERAÇÕES.....	121
REFERÊNCIAS.....	125
APÊNDICE A – Termo de compromisso Livre e Esclarecido.....	132
APÊNDICE B – Roteiros das Entrevistas.....	134
ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP.....	138
PRODUTO TÉCNICO: Guia para promoção da resiliência no proc. Format. para a V.R.C.....	142
1. INTRODUÇÃO:.....	144
2. OBJETIVOS.....	145
3. CAPÍTULO I: CONCEITOS DE RESILIÊNCIA.....	146
4. MÉTODO DE FORMAÇÃO EXPERIENCIAL.....	148
5. OFICINAS: quatro passos.....	151
REFERÊNCIAS	153

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus, Caminho, Verdade e Vida, inspiração e força para tudo que é bom e faz bem, como estudar e qualificar minha profissão/missão.

Gratidão a minha família, que nas torrentes da vida, é capaz de manter a fé e permanecer em comunhão. Na singularidade que lhe é própria, cada um(a) vai dando seus passos e, a seu ritmo, alcançando suas metas. Aos queridos pais e João, irmão (in memória), agradeço os grandes exemplos de resiliência. Pessoas tão simples, quanto fortes por amor! A todas e todos uma “Obrigada” que brota do coração.

Gratidão ilimitada à Ir. Cecília Rosa Lovato, grande incentivadora da leitura e escrita, soube ser paciente nas correções e valorizar todos os ensaios, o primeiro deles a carta que lhe escrevi pedindo para conhecer a Congregação há 40 anos. Sua capacidade de ver beleza em tudo me fez acreditar que vale a pena correr o risco da expressão.

Gratidão imensa a minha Família Religiosa – Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz – lugar de realização da minha Vocação como Religiosa Consagrada. Agradeço as experiências profundas de fraternidade, de formação e de missão. Um obrigada a todas as Irmãs representadas por Ir. Maria Dalessandro, Superiora Geral, Ir. Denise Coutinho Gomes, Ir. Maria Noêmia Kunsch, Ir. Edilamar da Glória Martins e a Comunidade Passionista São Gabriel que mais diretamente articularam essa possibilidade do Mestrado Profissional, ligada a tantas e diversas experiências significativas. Eternamente agradecida a todas as irmãs pela paciência nas “ausências”, pela comunhão e por me incluírem nos acontecimentos das Províncias e da família Passionista!

À Igreja Católica e Vida Religiosa Consagrada, agradeço pelo testemunho de compromisso com a Vida para todos, no esforço da sinodalidade: comunhão, participação e missão. Aos Religiosos e Religiosas participantes da Pesquisa, agradeço a especial contribuição, por acreditarem e demonstrarem que Ciência e Fé caminham juntas.

À Universidade Católica de Santos agradeço a “marca da excelência e humanização” como

Instituição Comunitária e a generosidade com que me proporcionou esta oportunidade de participar do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*- Mestrado Profissional em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas.

Minha gratidão às Professoras Yvette Sadeck dos Santos (in memória) e Angélica Gawendo, ícones de amizade, acolhimento e competência no Curso de Psicologia da Unisantos, recordadas sempre como referências da Fenomenologia pelo modo de olhar o mundo e cuidar das pessoas, da profissão, do conhecimento à serviço da vida. O acompanhamento do estágio clínico e do TCC “experiências habitadas pelo sentido” marcaram positivamente a minha trajetória acadêmica e fizeram minha vida profissional valer a pena. Obrigada, Professora Angélica por continuar sendo uma presença tão especial.

Agradeço a todas as pessoas que acompanho, por generosamente compartilharem suas dores, sofrimentos e adversidades, me oportunizando crescimento e aprendizado contínuo.

Agradeço aos professores e funcionários do programa de Mestrado, pelo grande suporte sempre. Gratidão aos colegas do Mestrado pelo intercâmbio de conhecimentos, alegrias e aflições.

Aos amigos que expressam comunhão. Obrigada, mesmo!

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Hélio Alves, agradeço imensamente a paciência para acolher as minhas propostas, aperfeiçoá-las e encaminhar-me, com sabedoria e leveza, como pesquisadora, sempre demonstrando muita confiança.

À Maria do Carmo Prestes Moraes, amiga do Curso de Psicologia há muito tempo, com quem aprendi conteúdos e lições de vida, de organização, de bondade e firmeza que continuam presentes na trajetória de vida e tenho a honra de tê-la como leitora “alfa e beta” da minha pesquisa. Com ela aprendi e vivenciei o significado do “alfa” como competência, zelo, atenção aos detalhes e “beta” pela generosidade, gratuidade e eficácia por saber valorizar tudo. Sinto-me privilegiada por poder contar com você. MUITÍSSIMO obrigada!

Gratidão aos Professores: Dr.a . Daisy Inocência Margarida de Lemos – Membro Titular – UniSantos e Dr. Sergio Marques Jabur – Membro Titular – Universidade Metropolitana de Santos por participarem da Banca Examinadora. Agradeço o modo zeloso de cuidado nas contribuições e propostas, a expressão de confiança em mim como pesquisadora. Quanta delicadeza, detalhes, valorização. Valeu o incentivo!!

Àqueles e àquelas que se fazem resilientes na luta contra os preconceitos, discriminação e desigualdade social, à todas e todos que defendem a dignidade humana e todas as formas de direito e cidadania no Brasil e no mundo, um “obrigada” bem pronunciado que brota do coração.

APRESENTAÇÃO

Memória da Resiliência como constante solicitação da vida

Há pouco tempo comecei a aproximar-me do conceito de resiliência. Desde sempre, porém, resiliência fez parte da minha vida, com outros nomes e interpretações. Como nordestina aprendi, muito cedo, a admirar o “cacto” como símbolo da força e resistência de um povo que se “abala” com as consequências traumáticas da seca que caracteriza a região e a carência de políticas públicas que assegurem a cidadania, mas que se mantem “de pé”, sustentado nas raízes da fé, da cultura e da arte, especialmente da arte de buscar a sobrevivência sem perder a esperança como bênção maior e mais poderosa. Quando penso no meu povo, do Nordeste e de muitas partes do Brasil e da Bolívia onde vivi e de muitas partes do mundo, tenho um conceito simples de resiliência: “capacidade de tirar flor de pedra”. Flor e água. Muitas vezes vi literalmente, na Bahia, uma enorme fila de pessoas esperando pacientemente a água que brotava das pedras e logo tinha um alcance enorme de vida, porque a terra é boa e as pessoas sabem cuidar.

A aproximação e educação das missionárias católicas, especialmente da Congregação Passionista, que tem como identidade carismática a educação cristã, centrada na defesa da dignidade da pessoa, influenciou e possibilitou o meu projeto de vida/vocação, a escolha da Profissão e dos valores norteadores da minha existência, na procura da felicidade na concepção cristã. De acordo com Maria Madalena Frescobaldi Caponni, fundadora da Congregação da qual sou parte, “Felicidade nessa vida e na eternidade”. Resiliência não é transcendência?

A vivência de 40 anos de Vida Religiosa Consagrada, a formação acadêmica e continuada e a prática profissional como Pedagoga e Psicóloga alimentam o sonho de contribuir para o fortalecimento das pessoas e a descoberta do sentido que faz a existência valer a pena. Há 20 anos trabalho como Psicóloga, alternando entre a clínica e a orientação vocacional, quer no acompanhamento individual e/os nas assembleias formativas, serviço prestado às Comunidades Eclesiais e à Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), com o foco no desenvolvimento humano, na busca de integração da mente, do coração e da vontade, que libertam para o sentido da vida. No caminho trilhado fui percebendo-me diante do “mistério” e da singularidade do modo de “ser/estar” no mundo, no movimento de ser cuidada e de cuidar de outros. O interesse em estudar resiliência

nasceu da necessidade de atualização e qualificação profissional diante das inquietações e desafios encontrados, especialmente na formação para a Vida Religiosa Consagrada.

Acompanho pessoas, em todas as fases da vida/missão, que se mostram possuidoras de uma força inexplicável, propulsoras de ressignificação dos acontecimentos, mobilizadoras da busca do sentido e do que há de melhor em si, nos outros e nas situações difíceis. Pessoas fortes, que tem projeto de vida. As adversidades, embora atingindo as pessoas, abalando-as a ponto de quase se deixar vencer, transformam-se em grandes oportunidades e a esperança se faz revitalizadora promovendo a retomada do equilíbrio. Outras pessoas, ou as mesmas, não menos dignas de admiração, em outro tempo e em outras circunstâncias, se deixam aprisionar pelas fragilidades e o contato com as adversidades desencadeia para elas o adoecimento, a desesperança, a dor, a desistência de projetos que antes eram geradores de felicidade e bem-estar. Há pessoas que demoram ou não conseguem retomar a força de vida. No exercício de aproximação e compreensão do “vivido”, algumas perguntas se fazem companheiras da “viagem” e vão ressoando em busca de respostas no dia a dia: de onde vem a força da superação, a coragem, a esperança? E o aprisionamento, a paralização, as reações tóxicas? O que dizem essas reações tão diferentes no contato com a dor? Como se dão os processos de compreensão dos conflitos, transformação, reconstrução da vida, dessa pessoa que me toca cuidar nesta condição?

Em 2020, a “tempestade” causada pela pandemia da COVID 19, atrelada à crise política, econômica e religiosa escancarou a vulnerabilidade existencial, pessoal e social e solicitou uma resistência proativa, especialmente dos profissionais da saúde que precisaram se reinventar nas relações de cuidado. Nesse período, tomei contato com a obra: “Resiliência, Espiritualidade e Juventude”, da Teóloga e Psicóloga Suzana Maria Rocca Larrosa, e fui impactada com o pensamento inicial, da folha de rosto, que naquele momento me tocou de um modo especial:

Se para além da queda existe o levantar e, para além da solidão na dor, a força protetora da união. Se para além da adversidade existe a esperança de superar e, para além da morte, a possibilidade de transformação. A vida, para a juventude, tem a última palavra, a da Comunhão e Ressurreição. (ROCA, 2015)

O interesse pelo tema e o compromisso com a qualidade da atuação profissional, motivaram-me a aproveitar a oportunidade singular de participar do Programa de Pós Graduação, Mestrado Profissional de Psicologia do Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos e optei por estudar as implicações da resiliência no processo formativo para a

Vida Religiosa Consagrada. Aprender e contribuir com a formação para a Vida Religiosa Consagrada (VRC), com sentido, é a minha “causa de vida”.

As reflexões, sobretudo em relação às Políticas Públicas, trazem luzes para um olhar “psicopolítico” do modo de ser e estar resiliente, que tem implicações nas questões de cidadania, direitos humanos, saúde mental, qualidade de vida e das relações, não só como sujeito individual, mas com o olhar para o fenômeno grupal, pois busca-se compreender a resiliência como processo dinâmico. Entre tantas definições de resiliência, escolhe-se aquelas que vão configurando sentido, porque indicam para além da capacidade de ser sensível à adversidade, de suportar a situação traumática e a possibilidade de contar com fatores externos que permitem resistir aos estímulos.

Sinto-me atraída em pensar “Resiliência” como capacidade de ler a história não apenas como uma sequência e desenrolar de fatos, mas e sobretudo, como possibilidade de costurar os acontecimentos com o fio do sentido. Esse modo de pesquisar a resiliência vem agregando conhecimento e qualificação à minha prática profissional como educadora, na dimensão da prevenção dos fatores de risco. A clínica me permite a aproximação e o cuidado, como procura da ressignificação da dor e reconstrução do ser, da saúde e bem-estar. Prevenção, reconstrução e humanização são dimensões importantes da nossa missão educativa passionista, inspirada na pedagogia de encontro do Nosso Mestre Jesus de Nazaré.

Reflexões sobre “Desenvolvimento e Políticas Públicas” apontam para a necessidade de ocupar espaços sociais de participação para defender políticas públicas que abracem os adolescentes e jovens e lhes deem voz. Quanto maiores os desafios a serem enfrentados, mais necessário se faz que a resiliência seja potencializada. Participar da construção de uma Psicologia Libertadora, que tenha em conta o bem-estar individual e coletivo implica em lutar, assegurar direitos e conseqüentemente potencializar a resiliência. As contribuições das disciplinas do mestrado profissional têm sido tão desafiadoras, ao nos convocar a pensar diferente, quanto iluminadoras, ao alimentar-nos a esperança de que pensar junto é possibilidade de abrir novos caminhos.

INTRODUÇÃO

A verdadeira medida de um homem não se vê na forma como se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas em como se mantém em tempos de controvérsia e desafio. Martin Luther King Jr. (PENSADOR.INFO))

Esta investigação intitulada de “Resiliência: Implicações no processo formativo para a Vida Religiosa Consagrada (VRC)” se faz relevante para interrogar a relação do ser/estar no mundo com o outro e o que faz com que algumas pessoas “resistam” mais e outras menos ao sofrimento, na imprevisibilidade do cotidiano.

O estudo contribui para escapar do determinismo humano e compreender a resiliência como processo que pode ser desenvolvido em todas as etapas. A resiliência não é atributo de alguns privilegiados e as vulnerabilidades independem da classe social.

No contexto de Vida Religiosa Consagrada, compreendida como “existência consagrada às relações com Deus e com o outro” e que os participantes da pesquisa se preparam para reafirmar a opção de vida, professando os votos definitivos, é preciso se perguntar sobre a consistência do compromisso. Uma das questões que se coloca: é possível ser resiliente e assumir compromissos duradouros neste contexto de tantas mudanças e crises de todos os tipos?

Espera-se que a realização desta pesquisa, para além do já exposto, possa contribuir para o desvelamento do que é a Vida Religiosa Consagrada no desenvolvimento da resiliência, fortalecimento dos valores humanos/cristãos e potencialização de direitos à vida plena para todos. Resiliência implica em condições de cidadania, qualidade de vida, saúde e bem-estar.

A promoção da resiliência não é uma questão pessoal, pois o processo de superação da adversidade é de responsabilidade social e política. É compromisso de todos! Precisamos fazer a nossa parte de prover e facilitar o acesso) às oportunidades de dignidade, paz, democracia e convivência harmoniosa.

Nesse contexto adverso reconhecido por estudiosos como “sociedade do cansaço e relações líquidas” é importante situar e definir resiliência. Segundo Brandão (2009), estamos diante de um número sem fim de conceitos de resiliência com muitas interfaces: capacidade de

peessoas ou grupo para enfrentar adversidades e sair fortalecidos de situações difíceis; conjunto de processos sociais e intrapsíquicos facilitadores do desenvolvimento saudável; capacidade individual e comunitária para prever e acessar recursos de saúde e bem-estar; capacidade de suportar adversidades, transcender-se, aprender com a dor, reconstruir-se e comprometer-se em uma nova dinâmica de vida. Através de uma revisão bibliográfica, a autora identificou, pelo número de citações e/ou pela relevância dos trabalhos, autores nacionais e internacionais de referência sobre o tema Resiliência, do que se utiliza como ponto de partida para esta pesquisa.

De acordo com a autora, delimitar o fenômeno a ser estudado empiricamente, escolhendo uma definição de resiliência, se faz necessário pela complexidade do conceito e inúmeras definições existentes.

Entre tantas definições apresentadas, algumas têm norteado o estudo sobre resiliência e as implicações no processo de formação para a Vida Religiosa Consagrada, indicando para a capacidade de transcender, aprender com a dor e reinventar-se frente às adversidades como afirmam Vanistendael e Lecomte (2004 apud BRANDÃO 2009, p. 16) “Resiliência é muito mais que o fato de suportar uma situação traumática, consiste também em reconstruir-se, em comprometer-se em uma nova dinâmica de vida.”

A reflexão sobre as implicações da resiliência na formação para a Vida Religiosa Consagrada que tem como eixo a vida em comunidade e a resiliência como potencial e possibilidade para todas as pessoas, encontra eco em Ungar et al (2008)

“Não apenas a capacidade individual para lidar com as adversidades, mas também a capacidade de uma comunidade de pessoas para prover os recursos de saúde necessários para criar e sustentar bem estar, proporcionando oportunidades individuais para acessar recursos de saúde de maneiras culturalmente relevantes” (UNGAR e colaboradores, 2008, p. 2 apud BRANDÃO 2009, p16),

Para Brandão et al (2019) a resiliência, no campo da psicologia, é entendida como um resultado do encontro positivo entre sujeito e adversidades, embora nos primeiros estudos tenha sido compreendida como traço e os sujeitos categorizados como resilientes ou não resilientes, vulneráveis ou invulneráveis e a diferenciação atribuída a características da personalidade. Segundo os autores, o termo resiliência tem sido evocado recentemente para tratar das histórias de sucesso de pessoas que enfrentam ou enfrentaram adversidades. Estudiosos que buscavam a identificação dos fatores de risco e de proteção, nos casos de presença ou de ausência de resiliência se surpreenderam com o desenvolvimento de pessoas que, apesar dos infortúnios, se deram bem na

vida. Pesquisadores observam, no entanto, que os indivíduos não mantêm, ao longo da vida, a mesma capacidade e forma de enfrentamento das dificuldades. Na segunda fase do estudo, foi dado espaço ao “como” se dá a resiliência, o que a potencializa, compreendendo-a como processo relativo e mutável de acordo com as circunstâncias, fatores de risco e de proteção existentes. Na terceira fase dos estudos as descobertas foram organizadas e transformadas em intervenções geradoras de resiliência. Os estudos anteriores resultaram na fase atual, conforme pesquisa realizada em 2019, caracterizada pelos múltiplos níveis de análise e mesmos objetivos na busca de correção das falhas teóricas e metodológicas para avançar no percurso.

Associar a resiliência às peculiaridades da Vida Religiosa Consagrada é desafio porque os estudos que fazem esse diálogo da resiliência com a Teologia ainda são incipientes. Foi necessário que se pesquisasse separadamente o referencial teórico sobre ‘resiliência’ e sobre ‘Vida Religiosa Consagrada’, buscando a conexão para a compreensão da temática.

O presente estudo apresenta sete capítulos, assim organizados:

O capítulo 1, Introdução, com algumas questões introdutórias sobre o tema da resiliência e relevância do estudo para a Vida Religiosa Consagrada.

O capítulo 2 elucida o objetivo geral e os objetivos específicos que nortearam a realização da pesquisa.

O capítulo 3, revisão da literatura sobre Resiliência, tecida a partir da perspectiva ética dos autores da corrente europeia que consideram a visão do sujeito como relevante para a avaliação da resiliência e a da corrente latino-americana, porque é mais comunitária e enfoca o social como resposta aos problemas do sujeito em meio às adversidades.

O capítulo 4, sobre a Vida Religiosa Consagrada (VRC) com base no Código de Direito Canônico (CDC), elucida o que é a VRC e que são as etapas da formação. A partir de autores de referência se coloca a questão: VRC – um fim anunciado ou uma história em construção?

O capítulo 5, trata da Fenomenologia, como uma visão de homem/mundo, a angústia como abertura para ser si mesmo, o olhar que interroga o modo de cuidar de ser.

O capítulo 6, Metodologia, retoma as questões da pesquisa, discorre sobre abordagem para a análise e a interpretação dos dados (Análise Textual Discursiva), bem como os participantes e os instrumentos e a modalidade utilizados para a coleta de dados.

O capítulo 7, Análise dos dados, inclui as vozes dos participantes da pesquisa, favorece o seu conhecimento, através de uma breve narrativa, estabelece relações entre as trajetórias dos participantes da pesquisa, apresenta o Corpus textual (dados da Escala dos Pilares da Resiliência e as produções das Entrevistas semiestruturadas), as unidades de significados, as categorias de análise e o metatexto. Ainda nesse Capítulo se faz algumas Considerações e interrogações acerca das limitações que apontam para a continuidade da Pesquisa sobre a temática.

1. QUESTÕES DA PESQUISA:

Considerando resiliência como fenômeno relacional, capacidade individual e de comunidades de pessoas no enfrentamento das adversidades, como o estilo de vida e os valores vivenciados no processo de formação para a vida religiosa consagrada potencializam condutas resilientes?

Quais fatores e/ou pessoas os participantes identificam como promotores de seu desenvolvimento?

Como, na percepção dos participantes, as comunidades formativas contribuem ou não para o fortalecimento no enfrentamento das adversidades?

O que “se mostra” na trajetória dos participantes da pesquisa na construção da resiliência?

Que modo de cuidar no processo de formação para a VRC se articula com o desvelar do sentido que permite não só a superação da dor, mas o aprender com a dor e compromisso com uma nova dinâmica de vida?

2.OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral:

Compreender como o fenômeno resiliência se mostra na experiência de pessoas em formação para a Vida Religiosa Consagrada (VRC).

2.3 Objetivos Específicos:

- Refletir como os formandos interpretam os eventos vivenciados a partir dos deslocamentos marcados pelos acontecimentos adversos.
- Identificar e Analisar características de resiliência como fatores de promoção para o enfrentamento das adversidades no processo de formação para a Vida Religiosa Consagrada;
- Descrever processos sociais e psíquicos que potencializam a resiliência a partir das experiências de um grupo de formandos previamente selecionado;
- Oferecer, através de um produto técnico, reflexões para a aproximação das experiências e o fortalecimento de valores relevantes para a formação.

3. RESILIÊNCIA: O QUE É? QUE FORÇA É ESSA?

O estudo não tem a pretensão de buscar toda a história da resiliência, mas compreender como se dá a tessitura desse fenômeno: o que vem se mostrando em pesquisas e no movimento de existir de pessoas em formação.

De acordo com Heidegger (2005, apud Perosa e Pucci 2018, p. 59), a compreensão é intrinsecamente ligada à linguagem. Considerando que os autores defendem que a descoberta de sentido, a articulação e desvelamento da linguagem são imprescindíveis para a compreensão que se dá na medida que a palavra retrata o vivido, vamos à origem da palavra.

Etimologicamente a origem da palavra resiliência vem do latim *resilio, resilire*. Resilio, conforme dois dicionários latim-português (FARIA, 1967; SARAIVA, 2000; TAVARES, 2001;

PINHEIRO, 2004 apud BRASIL, 2019), deriva de *re*, indicando retrocesso, e *salio*, indicando saltar, pular, significando assim saltar para trás, voltar saltando.

De maneira geral, há na literatura brasileira, consenso de que o termo resiliência é derivado da física, indicando o retorno de um material a seu estado anterior depois de sofrer uma determinada pressão. De acordo com (POLETTO, 2007; POLETTO; KOLLER, 2008; RACHMAN et al apud BRASIL, 2019, p. 22), estudos mais recentes mostram, com base no pensamento de Yunes e Szymanski (2002), que a origem histórica do termo resiliência tem como um dos precursores o cientista inglês Thomas Young que, em 1807, considerando tensão e compressão dos materiais, introduz pela primeira vez a noção de módulo de elasticidade.

Segundo essas autoras, Thomas Young se tornou o pioneiro na análise das deformações causadas pelo impacto sobre a matéria, estudando a relação entre a força aplicada a um corpo e a deformação que a mesma produzia. Reforçou esse entendimento no campo da física e engenharia, Tavares (2002) fez uma analogia com a ideia de um material flexível capaz de autorregular-se e autorrecuperar-se, voltando à sua forma original após sofrer uma pressão externa, uma modificação na estrutura. A partir dessa analogia, Brasil (2019) problematiza colocando interrogações sobre esse modo de pensar a resiliência: “Mas como pensar isso no ser humano?”, “Será que ele volta para o mesmo estado de quando sofreu a pressão?” (BRASIL, 2019, p. 22)

De acordo com Cyrulnik, pensador francês, referência para pesquisas multidisciplinares, trata-se de um processo, uma transformação de ato em ato, de palavra em palavra, de um conjunto de fenômenos harmonizados que permitem à pessoa um olhar para os próprios recursos, para as condições afetivas e socioculturais do seu contexto, inscrever o seu desenvolvimento e escrever a sua história. Na linguagem metafórica de Cyrulnik: “Resiliência é a arte de navegar nas torrentes”. (CYRULNIK, 2004, p. 207).

Para o autor, o trauma pode empurrar a pessoa para uma direção não desejada, mas uma vez na corrente que a faz rolar e a carrega para uma cascata de ferimentos, a pessoa resiliente faz memória, traz de volta os recursos apreendidos, resiste a se deixar arrastar pela inclinação natural dos traumatismos e navega, de golpe em golpe, até encontrar uma mão estendida que lhe ofereça outros recursos: uma relação afetiva, uma instituição social ou cultural que lhe permita a superação.

Cyrulnik ressalta a capacidade de aceitar a oferta da ajuda de outros como condição da pessoa resiliente. Os recursos internos aos comportamentos cativantes favorecem a atração de tutores de resiliência. No dizer de Cyrulnik:

A aquisição desse comportamento cativante, manifestação precoce de um estilo relacional e de uma maneira de resolver conflitos, constitui certamente um dos principais fatores de resiliência. Todos os que foram feridos na infância se admiram, na idade adulta, com a quantidade de mãos estendidas que encontraram. (CYRULNIK, 2004, p.113)

Cyrulnik defende a resiliência como processo de reconstrução, citando a afirmação de Burnier: “[...]a resiliência não é nem uma vacina contra o sofrimento, nem um estado adquirido imutável, mas se trata de um processo, de um caminho a ser percorrido”. (Bouvier 1999 apud CIRULNIK 2004, p. 209).

Resiliência não está relacionada ao êxito social nem a uma adaptação bem sucedida. Nas palavras de Cyrulnik: “o sucesso social não é necessariamente prova de resiliência, pois pode ser, em termos psicanalíticos, um ganho secundário, quando acompanhado de forte dificuldade de relacionamentos emocionais nos indivíduos traumatizados” (CYRULNIK 2012b, p. 199 apud DUARTE, WINOGRAD E KLIER, 2022).

Para Duarte, Winograd e Klier (2022), apesar dos constantes enaltecimentos de Cyrulnik em relação à resiliência, o autor faz notar os pontos frágeis do conceito delineado em sua obra, as dificuldades inerentes ao convívio entre os pressupostos epistemológicos e metodologias específicas das distintas áreas de conhecimento. Chama a atenção para o risco das simplificações conceituais afetadas pela cultura e da divulgação pouco criteriosa dessas nações, especialmente em relação aos conceitos de trauma e resiliência, que podem ser diluídos. Nas palavras de Cyrulnik: “o homem pode moldar o ambiente que o molda: esta é sua principal liberdade”. (CYRULNIK, 2014 p. 21 apud DUARTE, WINOGRAD E KLIER 2022)

Os estudos de Cyrulnik (2004), demonstram que nossa história não é um destino, os determinismos humanos são de curto prazo e os sofrimentos podem ser fontes propulsoras de esperança e transformação da vida. Na condição de lançados aos golpes da existência, podemos compreender que, embora um ferimento se inscreva em nossa história e a cicatriz não seja segura, não é um destino.

Partindo da visão de “ser humano” lançado na imprevisibilidade do mundo, em constante construção e reconstrução que autentica o modo de ser/estar no mundo, busca-se compreender a resiliência para além da avaliação dos efeitos dos golpes, com bases em estudos e autores de referência, especialmente os que contribuem nessa perspectiva de esperança. Entende-se que se faz necessário olhar para os fatores que permitem a retomada do desenvolvimento, o desvelar dos recursos na interação relacional, o significado dos acontecimentos com representações que tem a ver com a singularidade de cada pessoa na diversidade de contextos, as possibilidades e processos de resignificação.

No processo de desenvolvimento humano formativo, cada pessoa, ancorada na singularidade que lhe é própria, tem seu modo particular de olhar e compreender as adversidades. De acordo com Chequini (2009), os estudos sobre resiliência investigam a capacidade de superação das adversidades, buscando compreender os processos através dos quais se dá essa superação, o que leva pessoas e grupos a ultrapassarem situações extremamente difíceis e sobreviverem de forma renovada e fortalecida.

A compreensão da resiliência como a capacidade de uma pessoa ou grupo enfrentar as adversidades, conseguir transformá-las e serem transformados por elas, nos remetem a algumas interrogações: O que possibilita a algumas pessoas superarem seus infortúnios de forma que este não os paralise e não impeçam o desenvolvimento? Como promover condutas mais saudáveis e prevenir adoecimento e mal-estares decorrentes de situações de sofrimento? O que faz com que algumas pessoas, mesmo tendo sido submetidas a processos de desumanização, resistam aos desafios, assumindo uma nova dinâmica de vida? Quais condutas estão implicadas nessa “arte de navegar nas tormentas”?

De acordo com Brasil (2015), tanto os fatores de risco como os de proteção, assumidos como processos e não como eventos estáticos, devem ser compreendidos na particularidade das situações e contextos, pois os resultados dependem das implicações nas relações em cada situação e os indicadores podem se constituir tanto como risco quanto como proteção. Nesse sentido a resiliência se refere a processos que produzem características saudáveis na presença do risco.

Para Brasil (2019), em tempos tão difíceis, falar de resiliência é uma tarefa quase impossível, como um desnudar, transpor grandes barreiras e acreditar que dali algo novo pode

brotar, ainda que seja o broto do vazio. O que leva a pensar que a resiliência não tem um caráter de salvação nem implica necessariamente um final feliz, como nos contos de fada. A autora fala de um lugar de aprendizado, onde é possível transitar em labirintos existenciais, olhando para as dificuldades que se apresentam, com o foco nas possibilidades de integrar os novos saberes que se desvelam, visto que afetamos e somos afetados pelo meio. Superar não é apenas o movimento de alcançar o resultado, mas aprender com a situação problema e integrar a adversidade, enfrentada como apreensão do vivenciado.

A resiliência compreendida como fenômeno humano vem ganhando espaço tanto na educação como na psicologia e os debates contemporâneos aparecem como facilitadores do processo de formação a partir de reflexões e práticas formativas que integrem a complexidade humana, contemplem e valorizem cada dimensão, inclusive a espiritual.

De acordo com Amado et al (2021), o desenvolvimento humano implica nos diversos aspectos da vida da pessoa em formação, incluindo o tempo em que vive, os ambientes dos quais participa e as relações que estabelece em seus múltiplos contextos de interação. Seja na família, instituição ou escola, as influências e eventos de vida podem caracterizar-se como risco ou proteção, dependendo da existência e qualidade das relações afetivas e sociais e da reciprocidade que tais ambientes promovem.

O fenômeno da resiliência implica novos conhecimentos e diferentes estratégias. Nas palavras de Junqueira e Deslandes:

[...] possibilidade [humana] de superação num sentido dialético, isto é, representando um novo olhar, uma resignificação do problema, mas não o elimina, pois constitui parte da história do sujeito. O caráter contextual e histórico da resiliência se expressa seja do ponto de vista biográfico, seja do conjunto de interações dadas numa cultura determinada. (JUNQUEIRA E DESLANDES, 2003, p.235)

Para Grotberg (2005) as interpretações que vão possibilitando, ao longo do tempo, as novas ideias sobre a natureza da resiliência são um dos privilégios da pesquisa e reflexão sobre essa temática, considerando que as diferenças culturais diminuem quando as novas ideias são valorizadas e contribuem para o efetivo crescimento humano. Alguns enfoques tem afirmado que a resiliência, embora ligada ao desenvolvimento humano, independe do gênero e da idade e não tem relação com o nível socioeconômico. A pobreza é vista como condição inaceitável, mas não

como impedimento para a resiliência, que não se confunde com inteligência ou rendimento escolar e não tem conexão com a classe social.

É importante recordar a definição de Resiliência que dá origem a muitas outras variações, resiliência compreendida “como a capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade.” (GROTBERG, 2005, p. 15). Baseando-se nos resultados do Projeto Internacional de Resiliência, a autora e outros estudiosos identificaram o papel do desenvolvimento humano na capacidade de ser resiliente, bem como a possibilidade de criar estratégias de promoção de acordo com os estágios de Erik Erikson que contemplam basicamente o desenvolvimento da confiança básica, autonomia, iniciativa, identidade, sentido de produtividade e integração.

A contextualização da promoção da resiliência, no ciclo da vida, permite ter um guia de procedimento para cada etapa do desenvolvimento e promover novos fatores com base nas vivências anteriores. Considerar linhas de orientação para a promoção da resiliência de acordo com as etapas do desenvolvimento ajudam a ter expectativas concretas do comportamento. Quanto menor a criança, maior a dependência e necessidade de apoio externo. Uma criança de cinco anos, por exemplo, não necessita ser embalada para dormir e pode ajudar a organizar os brinquedos. A independência e autonomia vão sendo conquistadas de acordo com as etapas e as crianças, a partir de nove anos, em geral, são capazes de promover sua própria resiliência e procurar ajuda externa para as dificuldades.

A frequência de condutas resilientes na resolução dos conflitos não está relacionada ao gênero, embora as meninas tendam a possuir habilidades interpessoais e força interna e os meninos a serem mais pragmáticos.

Mais do que uma simples resposta à adversidade, a resiliência é reconhecida como característica da saúde mental, aporte efetivo para a promoção e manutenção da qualidade de vida que pode ser medida pela capacidade de enfrentamento e transformação diante da adversidade. É mais do que superar experiências difíceis, já que permite à pessoa reduzir a capacidade do estresse, ansiedade, raiva, aumentar a curiosidade e sair fortalecida por elas. É um processo que inclui fatores de resiliência, comportamentos e resultados resilientes. A crise, em todas as dimensões, maior ou menor, carrega o desafio de pensar na resiliência individual e comunitária, como possibilidade de

transformação social, a partir da implementação das redes de apoio que promovam a construção conjunta de soluções e empoderamento dos grupos. No dizer de Brito e Koller, rede de apoio social é um “conjunto de sistemas e de pessoas significativas, que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo”. (BRITO e KOLLER, 1999)

3.1 Fatores de Promoção de Resiliência: acolhida e redes de apoio social

A proposta de Edith Grotberg (2005) é significativa para esse estudo que pretende investigar e sistematizar ações e estratégias que podem ser utilizadas como suporte para a promoção de resiliência, fortalecimento da identidade, da capacidade de aprender a ser e conviver juntos, desenvolvendo valores, habilidades interpessoais e competências para se compreender e compreender o outro.

Os fatores resilientes identificados e organizados por Grotberg (2005) em quatro diferentes categorias são apresentados como um passo decisivo no processo de resiliência.

A primeira categoria “Eu tenho” significa confiar e ter o apoio de pessoas que o amam incondicionalmente, põem limites, ensinam com a própria conduta a maneira correta de proceder, ajudam a crescer na autonomia e evitar perigos e problemas.

A segunda categoria “Eu sou” implica sentir-se uma pessoa pela qual os outros podem sentir carinho e apreço, capaz de fazer algo bom e demonstrar afeto, respeitoso consigo e com os outros.

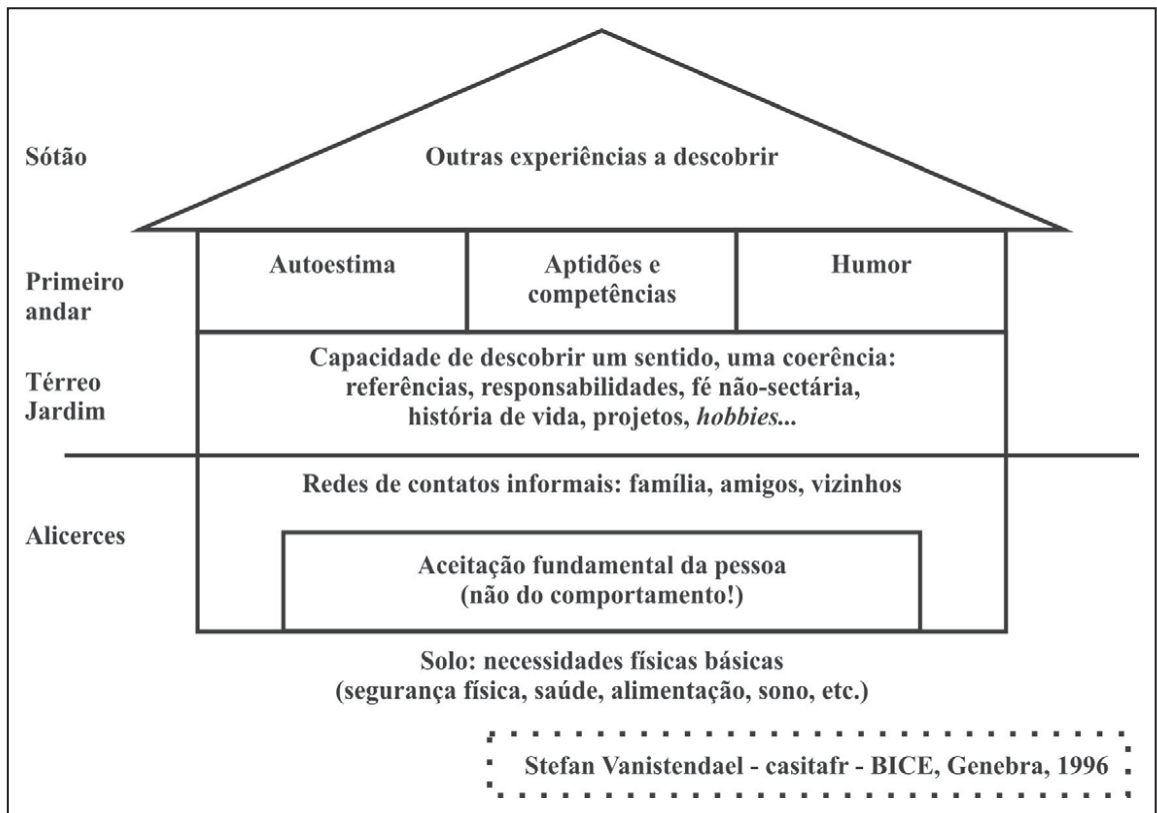
A terceira categoria “Eu estou” tem relação com o desenvolvimento da força psíquica e disposição de responsabilizar-se pelos próprios atos e a confiança de que se sairá bem.

A quarta categoria “Eu posso” tem a ver com a aquisição das habilidades interpessoais e resolução de conflitos, expressar o que assusta e inquieta, procurar o momento adequado para falar com alguém e a maneira de resolver os problemas, controlar a vontade de fazer algo errado ou perigoso e procurar ajuda quando necessário.

De acordo com Rocca (2015, p.48) a metáfora criada por Vanistendeal em 1996, chamada “la casita” (a casinha - termo que foi transmitido para outras línguas sem tradução) sintetiza os fatores de proteção da resiliência.

“LA CASITA”

Uma síntese de alguns elementos para a construção da Resiliência (Stefan Vanistendael - casita – BICE 1996)



Fonte: ROCCA, 2015, p. 48

3.1.1 – Aceitação incondicional

Há consenso entre os autores de que o ser humano se constitui na relação com o outro como ponto de apoio para o fortalecimento diante das adversidades, embora consciente das limitações e aprisionamentos próprios de cada pessoa.

Roca (2015), defende que o processo de resiliência acontece quando a criança, adolescente ou jovem que sofre, pode se sentir acolhido e aceito, por ao menos uma pessoa significativa, que mantém um vínculo positivo de confiança e empatia, que sabe ouvi-lo e ajudá-lo a desenvolver suas próprias capacidades de enfrentamento.

Em todas as etapas do desenvolvimento se faz necessária a presença de figuras significativas para contribuir com o crescimento sadio, a formação da identidade, a aproximação e compreensão das frustrações e dos sofrimentos. Confiança e apoio são indispensáveis ao longo da vida. É, portanto, esclarecedora a afirmação de Bowlby: “Acumulam-se evidências de que seres humanos de todas as idades são mais felizes e mais capazes de desenvolver seus talentos quando estão seguros de que, por trás deles, existe uma ou mais pessoas que virão em sua ajuda caso surjam dificuldades” (BOWLBY, 2001, p. 139).

Para Rocca (2015), tanto na observação como nos relatos de pessoas resilientes, nas diversas etapas do desenvolvimento é comum o reconhecimento da aceitação, confiança e apoio fundamentais de pessoas significativas em situações de sofrimento. As pessoas que acolhem, escutam e dão apoio irrestrito para o enfrentamento das adversidades, chamadas de tutores da resiliência, possuem basicamente quatro características: a primeira é a capacidade de empatia para saber colocar-se no lugar da pessoa que sofre, escutá-la e ajudá-la a se perceber, dar nome e ressignificar o sentimento de solidão; a segunda, refere-se ao interesse pelos aspectos positivos da pessoa que se mostra fragilizada para ajudá-la a restabelecer a sua autoestima; a terceira, a paciência e coragem necessárias diante das dificuldades para sustentação do vínculo e a quarta, a capacidade de posicionamento altruísta e respeito às proibições fundamentais.

Sobre a juventude, etapa dos participantes da pesquisa, o tutor de resiliência pode ser um outro jovem ou um adulto, uma vez que os recursos facilitadores de resiliência podem ser estimulados ou desvelados com a ajuda de educadores, formadores, acompanhantes, psicoterapeutas e demais profissionais, bem como amigos, familiares ou outras pessoas significativas. Busca-se compreender como as pessoas que assumem a tarefa de acompanhar jovens no processo de discernimento, elaboração e realização do projeto de vida/vocação podem contribuir de maneira efetiva e afetivamente. Algumas perguntas podem ser colocadas: Qual tipo de presença e acompanhamento potencializam resiliência e qualidade de vida implicadas em ser/estar com o outro? Que valores, atitudes e gestos estão imbricados no cuidado para relações humanizadas em contextos de grandes fragilidades e sofrimentos?

Presença, tempo e cordialidade são dinamismos que potencializam o processo de resiliência e a procura de sentido. Para Merino (2016) presença tem muito a ver com a memória, a solicitude, o cuidado. Mesmos os gestos pequenos de humanidade: um olhar, uma palavra, um sorriso, até a

aproximação atenta e silenciosa, os encontros curtos em contextos de fragilidades podem tomar grandes significados. Pessoas de todas idades têm possibilidade de crescer na presença de pessoas empáticas, que recordam crenças e exprimem valores, abrindo caminhos de esperança que as ajude a manter os sonhos e buscar alternativas, na liberdade.

De acordo com Juliano e Yunes (2014), na relação com a família, escola, comunidade, trabalho, as pessoas desenvolvem-se e conquistam uma diversidade de lugares de interação social. As relações entre pessoas e ambientes oferecem possibilidades de apoio nos momentos de crises ou mudanças e se configuram como relações de suporte e de afeto, dependendo das competências e recursos disponíveis para a proteção.

As autoras, citando Baumann e o que elas chamam de “modernidade líquida”, fazem referência a nova era da história mundial, da sociedade de consumo marcada pelo efêmero e por vezes descartável, com transformações aceleradas e enfraquecimento dos laços afetivos, que se tornaram provisórios e podem conduzir a situações de desamparo e desprendimento das redes de pertencimento social, família e comunidade. Uma aparente liberdade tem afetado as redes de apoio social e desestabilizado as pessoas, levando-as ao sofrimento e adoecimento: depressão, solidão e isolamento. As mesmas autoras chamam a atenção para a outra face da crise, como oportunidade de mudança para as pessoas, grupos e comunidades buscarem soluções viáveis, sustentáveis, geradoras de empoderamento, fortalecimento e de resiliência.

Condutas resilientes requerem a presença e a interação dinâmica de fatores de resiliência e ações efetivas. Como as situações de adversidades não são estáticas, mudam e solicitam mudança nas condutas resilientes, também os fatores vão mudando nos diversos estágios do desenvolvimento. As condutas resilientes precisam estar preparadas na medida em que as condições se modificam, para aprender e sair fortalecidas com a dor e sofrimento: abandono, doenças, mortes, mudança de país etc.

Construir e consolidar redes de apoio social são processos intimamente ligados à convivência e interação recíprocas que possibilitam o desenvolvimento humano, afetivo e efetivo na diversidade de papéis, alteração e equilíbrio de poder, contato físico, respeito, solidariedade e compromissos mútuos com a transformação em situações de adversidades.

3.1.2- Redes de apoio

Um segundo fator de proteção são as redes de apoio formais ou informais, disponíveis à pessoa que sofre.

Os mecanismos apresentados por Rutter (1985), indicam que a rede de apoio social, seja escola, igreja, universidade, centros comunitários, serviços de saúde, entre outros, por oferecer espaço para convivências saudáveis que reforcem a aprendizagem, as habilidades sociais e emocionais de forma agradável, pode ser considerada um mecanismo de proteção importante para o desenvolvimento.

Rocca (2015), citando outros autores, mostra que as redes de apoio social, tanto as formais, os sistemas oficiais que evitam a repetição das situações traumáticas, quanto as redes informais, sistemas de pertença no contexto familiar e de trabalho ou amigos que favorecem novas experiências e operam como redes de proteção e desenvolvimento positivo.

As diversas pessoas que compõem as redes de proteção, quando conseguem dar suporte sem se tornarem rígidas, garantem a continuidade no apoio social. As redes de apoio devem ser acessíveis às pessoas que sofrem e neste sentido, entre outras novas formas de contato, a Internet tem ampliado as possibilidades de alcance à comunicação em tempo real, a partilha de experiências mesmo entre aqueles que sabem que não terão contato presencial. Considerando que interatividade tem relação com a produção de sentido e a entrada na coletividade, a autora afirma que a internet contribui na promoção de resiliência.

No relato de Alves e Mendonça (2022), sobre escuta psicológica emergencial para pessoas em sofrimento, durante a pandemia da COVID-19, na modalidade de Plantão Psicanalítico, Projeto da Universidade Católica de Santos, por meio de profissionais voluntários, nas plataformas virtuais, chama a atenção a procura dos jovens em uma lista gigantesca de pessoas de todas as idades e lugares, outros estados e até pessoas que estavam morando no exterior. A falta de políticas públicas para responder às necessidades emergenciais em tempos pandêmicos desafiou profissionais da saúde à flexibilidade para reinventar os espaços de acolhimento na imprevisibilidade do “método-caminho” sem perder a qualidade e a ética profissional.

A acolhida, respeito, aceitação, mesmo à distância, minimizou os impactos dos sofrimentos: isolamento, empobrecimento, perdas, mortes etc., na saúde mental em tempos pandêmicos. A experiência vivida e avaliada no grupo de partilha e supervisão foi fundamental para que os profissionais pudessem compreender os sentimentos de impotência e/ou onipotência que não raramente provocavam angústia naquele cenário de dor. Permanecer no foco da compreensão, no silêncio capaz de aproximar sem descaracterizar a escuta emergencial, foi um desafio constante, o apoio entre os profissionais, o incentivo à intervenção inclusiva e o fortalecimento das redes de apoio foram essenciais.

Para Perosa e Pucci (2018), a aceitação está ligada à existência dos fatos e não ao seu conteúdo. Fatos aceitos são mais facilmente compreendidos e a serenidade é a aceitação da existência como é, sem aprisionamento ao ideal. A aceitação e respeito à pessoa implica deixar o julgamento do lado de fora da relação, sem esquecer o propósito de ampliação do autoconhecimento. O acolhimento do modo de ser do outro é quase uma decorrência do não julgamento. Acolher é deixar ser, é possibilitar à pessoa a compreensão de si mesma e respeitar suas escolhas. Talvez por ser acolhida a pessoa possa compreender seu posicionamento no mundo e assumir a responsabilidade por seus atos.

De acordo com Kallas (2016), as diversas visões e perspectivas baseadas nas teorias psicodinâmicas ajudam a dialogar sobre o sujeito contemporâneo conectado, mas isolado e aprisionado. A pergunta sobre a subjetividade deste novo sujeito, tão marcada pela impessoalidade e pelas novas formas de mal-estar leva a outras perguntas igualmente desafiadoras: Que sujeito é esse que se conecta e se desconecta facilmente? Que tipo de relações se produz em tempo da internet caracterizado pelo excesso de informações e inovações, onde a vida pública e privada se misturam?

Perguntas que se multiplicam no universo da experiência de acolhimento: como se produz a subjetividade neste contexto em que realidade se imbrica com o virtual? O que a subjetividade tem a ver com o tema em questão: compreender a resiliência no processo de formação para a Vida Religiosa Consagrada? Como ser resiliente nesse contexto, como assumir compromissos permanentes em uma “sociedade líquida”?

De acordo com Baumam, todas as formas de relacionamento em voga, portam uma máscara de felicidade usada pelo amor livre:

[...] ao olharmos mais de perto e afastarmos a máscara, descobrimos anseios não realizados, nervos em frangalhos, amores frustrados, sofrimento, medos, solidão, hipocrisia, egoísmo e compulsão à repetição [...]. Nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante. Essa razão nega direitos aos vínculos e liames, espaciais ou temporais. Eles não têm necessidade ou uso que possam ser justificados pela líquida racionalidade moderna dos consumidores[...] (BAUMAM, 2021, pp. 65,66).

As novas subjetividades, a nova ideia de sujeito que vamos construindo falam de uma nova maneira de ser resiliente.

Para Merino (2016) é necessária a compreensão da era digital como o tempo da presença, real e virtual, física ou moral, ativa ou passiva, mas interativa. É um tempo marcado pela necessidade de ver, falar e ouvir, que solicita a construção de presenças solidárias, comunicativas, libertadoras, inspiradoras e transformadoras. Presenças positivas, recordam crenças, contribuem para a expressão de convicções e valores, priorizam o bem real, não a aparência, abrindo caminhos de esperança às pessoas e comunidades. Contam com o que há de positivo para fazê-las sonhar e procurar alternativas.

As novas formas de presença e de socialização, os vínculos online das comunidades virtuais ou dos serviços personalizados via internet são alternativas que devem ser potencializadas como redes de apoio na perspectiva da resiliência.

Embora os fatores de proteção provenham do meio externo, de acordo com Brandão et al (2019), a resiliência, no campo da psicologia, é compreendida como um resultado do encontro positivo entre sujeito e adversidades. Nesse sentido, dimensões pessoais podem ser promovidas em todo o processo de enfrentamento: antes, durante e depois das situações difíceis em que os jovens estão envolvidos.

3.2 Pilares de Resiliência

Os fatores de proteção, também chamados de pilares da resiliência, são apresentados por Amado et al (2021) como mecanismos mediadores relacionados às influências que podem alterar, modificar e melhorar as respostas da pessoa nas situações de risco, diminuir o impacto das reações negativas e evitar que o desenvolvimento seja prejudicado. Os autores entendem que os fatores protetivos incluem as características individuais e/ou ambientais que reforçam ou amenizam os

efeitos negativos do ambiente e podem atuar de modo direto ou indireto ao moderar a relação entre os fatores de risco e comportamento. Nessa ótica, a proteção não elimina os fenômenos vulneráveis da situação vivenciada, apenas ocorre uma mudança na maneira do indivíduo enfrentar as situações quando submetidos a circunstâncias estressantes e desvantajosas.

A função dos fatores de proteção é modificar a resposta do indivíduo frente a uma situação de risco. As qualidades de um indivíduo podem ser consideradas fatores de proteção e não apresentarem nenhum efeito na ausência de um evento estressor.

Benetti e Crepaldi trazem à luz a importância da trajetória da pessoa no processo de desenvolvimento:

A conceitualização inequívoca de resiliência como processo – implicando, portanto, em uma totalidade que inclui fundamentalmente diferentes dimensões e a trajetória de vida dos indivíduos – e não como um traço isolado de personalidade evita, em grande parte, a falácia de se cometer erros de interpretação concernentes à compreensão do fenômeno. (BENETTI e CREPALDI, 2012, p. 8)

Na compreensão da resiliência como processo, viés importante desse estudo, é significativa a afirmação de Cyrulnik: “a resiliência não é um catálogo de qualidades que um indivíduo possuiria. É um processo que, do nascimento à morte, nos liga sem cessar com o meio que nos rodeia” (CYRULNIK, 2001, p. 226).

Corroborando com esse modo de pensar, Brasil (2019) esclarece que a resiliência como processo não se reduz a um conjunto de qualidades de um indivíduo; caracteriza-se como um recurso psicológico produzido por emoções positivas que ampliam as estratégias de enfrentamento das situações adversas e pode servir como fator de proteção nas situações de risco.

Conforme Rutter (1985) as experiências positivas proporcionam sentimentos de autoeficácia, autonomia, autoestima e capacidade para enfrentar mudanças e adaptações como fatores importantes para o desenvolvimento da resiliência.

Rocca (2015) resume em quatro os pilares da resiliência: autoestima; senso de humor, espiritualidade e as aptidões e competências pessoais.

3.2.1 – Autoestima

A autoestima associada à construção da resiliência em várias fontes é bem exemplificada na *casita* de Stefan Vanistendael de acordo com Melillo (2005 apud MONTEIRO, LIMA e FURTADO 2018) que ressaltam elementos fundamentais para o desenvolvimento do ser/estar resiliente. As necessidades básicas de alimentação, saúde e lazer são representadas pelo chão. As redes de contato e apoio como família, amigos, vizinhos e colegas de trabalho são entendidas como o cimento. A aceitação incondicional de alguém próximo, independentemente dos comportamentos da pessoa, se configura como o coração e a planta baixa é a capacidade de descobrir um sentido, uma coerência na vida.

A autoestima compreendida como a aceitação da pessoa sobre si mesma se constrói a partir da percepção da aceitação e estima que os outros lhe transmitem. Considerada um importante pilar da resiliência, reflete o julgamento que a pessoa faz de suas próprias habilidades e atitudes vistas como positivas ou negativas para enfrentar os desafios e adversidades e resulta na confiança e respeito por si mesma, no sentimento de ser aceita e reconhecida pelos outros.

Sobre a importância da autoestima como aceitação, reconhecimento e valorização de si e dos próprios recursos no processo de construção da resiliência, é esclarecedora a afirmação: “A convivência como o sentimento de desvalorização pessoal parece ser um dos poucos eventos adversos que por si só tem capacidade de afetar o potencial de superação de problemas.” (ASSIS; PESCE e AVANCE, 2006 p. 49).

De acordo com Herrera (2020) uma boa autoestima potencializa a capacidade para o desenvolvimento de habilidades e segurança pessoal. Por outro lado, um nível baixo de aceitação de si e de reconhecimento do outro, pode levar ao aprisionamento, se a pessoa se focar nas derrotas e fracassos, com consequentes alterações socioemocionais e adoecimento: ansiedade, isolamento, retraimento e depressão. A autoestima influencia diretamente na responsabilidade e compromisso com a formação integral. Daí a necessidade de perceber os riscos e reforçar os fatores protetores, oferecendo climas emocionais positivos e otimistas para que as pessoas em formação se sintam seguras e responsáveis na busca de atitudes e respostas resilientes.

O fortalecimento da resiliência se dá no processo de aprendizagem e autoconhecimento e possibilita às pessoas em formação, aos aprendentes, enfrentar a sua inserção social de modo mais favorável, tornando possível o bem-estar e felicidade.

3.2.2 Aptidões e competências pessoais associadas à resiliência

A construção da resiliência precisa mobilizar diferentes habilidades e competências pessoais, dentre elas sociabilidade, empatia, determinação, autocontrole, pensamento crítico e a visão positiva das mudanças e do futuro etc. As demandas do mundo em diferentes tempos e contextos como conflitos, as guerras, as pandemias e outras adversidades alteram as relações e solicitam a ressignificação da vida. O cenário da COVID-19 recorda a todos a urgência de reconstruir os laços humanos e o sentido de comunidade em vista de respostas rápidas às emergências.

A sociabilidade, compreendida como a capacidade de estabelecer vínculos de confiança e cultivar relações é um pilar da resiliência. Para Rocca (2015), os indivíduos mais sociáveis e que conseguem estabelecer diferentes relações formais e informais de apoio com pessoas de ambientes e idades diferentes apresentam abertura para a confiança e melhores condições para buscar e encontrar ajuda. Quanto maior a naturalidade para despertar simpatia nos outros, maior a facilidade para obter o apoio social.

De acordo com Melillo (2004), para superar as adversidades é importante não se isolar, compartilhar as inquietações e aprender a pedir ajuda. Os grupos de apoio de pessoas que padecem um mesmo tipo de sofrimento, seja por situações pessoais diretas, seja por vínculos bem próximos, são instrumentos significativos para evitar o isolamento e promover a resiliência. Muitos destes grupos: imigrantes, sobreviventes de tragédias naturais ou guerras, doentes de um tipo semelhante de enfermidades ou dependências, portadores de deficiência, enlutados, familiares de alcoólatras, jovens em situação de vulnerabilidade, entre outros são promovidos e funcionam nos locais das igrejas e casas religiosas.

No dizer de Miguel et al (2018) a empatia como a capacidade de compreender os estados emocionais do outro e manifestar essa capacidade de forma que a outra pessoa se sinta compreendida é um aspecto importante das interações sociais. De acordo com o autor há processos

diferenciados na forma de ser empático. A empatia cognitiva permite compreender racionalmente o sentimento, motivos e propósito do outro, sem necessariamente vivenciar o que o mesmo está sentindo e pensando. A empatia afetiva implica o envolvimento emocional na experiência de sentir do outro e um terceiro componente, pró-sociabilidade ou compaixão indica o desejo de ajuda e prevenção em relação a eventos desagradáveis à pessoa.

Para Rocca (2015), o controle dos próprios impulsos mencionado na literatura como pilar da resiliência é compreendido como a capacidade de estabelecer limites, de aceitar os próprios erros, assumir responsabilidades e de delinear expectativas suficientemente elevadas, claras e compatíveis com as possibilidades da pessoa.

No processo de desenvolvimento psicológico, são as figuras parentais e posteriormente os educadores os que promovem o ensinamento dos limites, do controle dos impulsos, da aceitação dos erros, e a tolerância das frustrações. São os pais e educadores que apresentam as normas de conduta para um convívio social sadio que possibilita um crescimento pessoal e o desenvolvimento das virtudes, como o controle de si. A responsabilidade, como fator protetor, deve ser promovida desde o início e em todas as etapas do desenvolvimento.

Munist (2001) destaca as capacidades de iniciativa, protagonismo e criatividade para resolver as situações adversas como elementos favorecedores para a superação das dificuldades. De acordo com Anaut (2008 apud ROCCA 2015 p. 58) o empoderamento (*empowerment*), o protagonismo e a autonomia são conceitos associados à resiliência e abrangem o desenvolvimento de independência, atitudes de manejo de situações pessoais dentro das possibilidades. Nesse sentido, a autoeficácia é o resultado do reconhecimento das competências para lidar com a situação adversa e o sentimento de poder desenvolver atitudes concretas que ajudem no enfrentamento e superação.

Rocca (2015) defende que pensamento crítico, reflexivo e a visão realista potencializam a resiliência, embora as pesquisas não consigam comprovar até que ponto a escolaridade e o desenvolvimento das capacidades intelectuais a promovem. Há uma associação da situação traumática com a visão realista, otimista e esperançosa da realidade, permitindo mentalizar, simbolizar e poder dar um sentido. A liberdade humana possibilita a esperança e o rechaço da vitimização.

3.2.3 – Senso de humor

O humor tem sido estudado como uma das características que definem uma pessoa resiliente e lhe permitem gozar de maior bem-estar.

Para Alonso et al (2021), o humor tem sido considerado como estratégia benéfica tanto para lidar com as situações difíceis que causam estresse, como para melhorar as interações sociais, aumentar a criatividade e satisfação com a vida e diminuir as emoções negativas. Pode ser um importante mecanismo de reforço de abordagens de autoeficácia e apoio social para a gestão da vida, apontando para a capacidade de resignificação dos acontecimentos negativos e a promoção da saúde mental e bem-estar.

Rocca (2015) defende que o senso de humor que não deve ser confundido com um simples mecanismo de evasão, mas reconhecido como capacidade de incluir os aspectos duros da realidade ao cotidiano, convertendo-a em algo mais suportável, que pode ser um instrumento poderoso para a sobrevivência em situações adversas. Mesmo não suprimindo a realidade dolorosa, trata-se de um olhar que permite encontrar algo de esperança e até cômico em uma situação trágica. Da capacidade de tomar distância do assunto: ver, pensar e sentir a partir de outros ângulos, brota a atitude de aceitar e até rir das imperfeições. O clima afetivo, de aceitação e confiança que há no entorno é fundamental para o desenvolvimento dessa faculdade psíquica.

De acordo com a autora as atividades artísticas e lúdicas: dança, música, poesia, jogos, o espírito celebrativo etc., favorecem a leitura e a verbalização criativas e com humor dos acontecimentos e promovem resiliência. Em realidades políticas opressoras, como característica social o humor de grupos, tem contribuído para a liberdade, possibilitando a leitura das realidades adversas, a exteriorização do sofrimento e a busca de melhores estratégias de enfrentamento. Nas catástrofes naturais o senso de humor desperta lideranças, promove resiliência entre as pessoas afetadas e ajuda na recomposição após a tragédia.

Vanistendael (2003 apud Rocca 2015) entende que o clima afetivo do entorno, as brincadeiras, a música e a dança favorecem o humor nos diferentes espaços das juventudes e mobilizam as energias para o compromisso, o serviço e a amizade e a liberdade interior que possibilitam tomar distância dos problemas e aceitar as limitações. A ironia, o cinismo e o sarcasmo são contrários à promoção de resiliência porque aumentam o sofrimento da pessoa afetada e podem deixar o autor do

humor negativo exposto ao isolamento e desprovido da proteção do entorno. O humor sadio tem a capacidade de promover a resiliência quando consegue que a pessoa ferida possa rir dela mesma ou da sua própria situação.

Dick (2006) alerta para a importância da festa que se realiza na gratuidade, sem manifestações interesseiras de poder, de ostentação, de vazio, de significado. Embora na literatura sobre resiliência não tenham sido encontrados estudos sobre o humor nas diferentes religiões, de acordo com Vanistendael o humor em Jesus é visto como: “Esse dom que coloca os homens à vontade com o universo, que os impulsiona para procurar mais longe, para regozijar-se com o mundo e com Deus”. (VANISTANDEAEL 1995, p. 26).



Fonte: (ROCCA, 2015, p.11)

3.2.4 Espiritualidade

A espiritualidade é tema de fundamental importância nesse estudo por estar entre os pilares da resiliência e pela centralidade e na formação para a V.R.C objetos de investigação.

Para Margaça e Rodrigues (2019) a espiritualidade vem sendo investigada como o modo como as pessoas conferem sentido e valor à vida, incluindo a procura de significado na relação com os outros, com a natureza ou uma divindade. É um processo experiencial que permite um

olhar fora de sistemas religiosos particulares e possibilita às pessoas transcender, ter esperança e serem resilientes diante de situações adversas.

Aquino e Cruz (2020) falam da relevância da espiritualidade como fenômeno humano que faz parte da vida de todos, não somente das pessoas religiosas, independentemente de ser ou não reconhecido. Por despertar questionamentos mais profundos sobre o sentido da existência humana e de suas ações no mundo, os estudos e as perspectivas de compreensão têm sido ampliados ultrapassando as fronteiras da Teologia e vinculados à transcendência. O cultivo da dimensão espiritual possibilita o desvelar da vida como abertura para o outro.

Chequini (2007) entende a espiritualidade como um estilo de vida marcado pela capacidade de respeito, aceitação e amor para consigo e para com o outro, que aciona no indivíduo processos subjetivos capazes de ressignificar as situações de adversidades e criar formas de atuações resilientes em realidades adversas.

Para a compreensão do ser humano como um ser em busca de sentido, é esclarecedora a afirmação de Torralba: O anseio por uma vida plena, a aspiração à total realização, são características perfeitamente identificáveis no ser humano. Elas se expressam de múltiplas maneiras, porém, em sua experiência de ser inacabado, o ser humano está sempre em busca de algo. (TORRALBA, 2013, p. 67)

O sentido da vida refere-se ao significado dos acontecimentos que a configuram e supõe uma lógica de direção como a de um rio, sucessão de momentos orientados entre um antes e um depois, uma espera e um cumprimento, uma possibilidade e uma realização. É a qualidade do cuidado com a vida que transforma os fatos em acontecimentos e possibilita a história orientada de acordo com o princípio e o fim. A espiritualidade é a mola propulsora da realização de sentido da vida, porque contempla as buscas mais profundas do ser humano.

No dizer de Frankl existir é; “sair de si mesmo e colocar-se diante de si mesmo, de sorte que o homem sai do nível da corporalidade psíquica e chega a si mesmo passando pelo âmbito do espiritual. A existência acontece no espírito” (FRANKL, 1995, p. 63)

A resiliência vislumbrada como um potencial espiritual, que, inevitavelmente, todos trazem consigo, mesmo que podendo variar de pessoa para pessoa e das condições da existência, deve ser desenvolvida. Para Freitas (2018 p. 60 apud CRUZ e AQUINO 2020) a resiliência compreendida

como poder de resistência ou força desafiadora do espírito é decorrente do movimento que nos faz sair de uma posição de conforto, atraídos por um sentido a realizar e um valor a ser concretizado. Todos a têm como potencial que deve ser desenvolvido sem menosprezar as próprias capacidades, pois toda pessoa é mais forte do que pensa.

Rocca (2015) destaca o gosto pela espiritualidade, filosofia e outros tipos de criação como a pintura e a escrita, até os mais modestos, como potencializadores de resiliência por serem fontes de prazer e favorecerem um processo positivo de vida. Faz alusão ao manejo da memória ao lidar com o sofrimento, poder lembrar e poder esquecer, como condição para descobrir um sentido, manter a coerência da vida e posicionar-se de forma ativa e com esperança diante de uma situação adversa ou traumática. A consciência do sofrimento vivido evita reproduzi-lo em outras situações e o esquecimento de situações dolorosas evita a ruminação, desejo de vingança e interferência nas relações. O engajamento, bem presente na vida dos jovens, em projetos, atividades e serviços voluntários realizados em benefícios de outras pessoas que também estão em situação de desamparo pode ser fonte efetiva de ressignificação do sofrimento e resiliência.

De acordo com Rocca (2015), a espiritualidade compreendida como fé religiosa, sentido ou filosofia de vida ainda é uma temática pouco abordada na literatura. No entanto, alguns autores dão ênfase a esse aspecto e consideram o sentido da existência como pilar de resiliência, podendo estar vinculado a uma filosofia de vida e, muitas vezes, à fé religiosa e a vida espiritual.

Conforme Assis (2006, p. 106), a vivência da religião e a participação na Igreja são fatores de proteção, pois ajudam a aceitar e assumir as adversidades inevitáveis e a lutar com esperança por uma transformação.

Grunspum (2005) defende que a espiritualidade permite à pessoa a superação de crises e até o crescimento com as adversidades, uma vez que o sentimento de não contar apenas com a força humana e ter confiança na presença divina a tornam segura e impulsionada por essa força superior. Crer, acreditar e perdoar em nome de Deus são fatores de proteção para aquisição da resiliência. Compartilhar valores em família, fundamentados em uma moral e ética favorecem o bem-estar e a tradição sociocultural. O autor destaca a importância do tempo compartilhado em família para a oração e as celebrações religiosas entre outras atividades.

Vanistendael (2005 apud ROCCA 2008), ressalta as correlações positivas entre a fé religiosa e a resiliência apontadas nas pesquisas, sugerindo prudência nas afirmações desse correlato, especialmente quando se tratar do que ele chama de sectária, que não deve ser identificada com as religiões não oficiais, mas indução à violência contra si ou contra os outros. Esse posicionamento não pode ser considerado promotor de resiliência, o que é, necessariamente processo de crescimento e defesa da vida. Diante de um acontecimento traumático trocar a pergunta: “por que isso me aconteceu?” que diz respeito ao passado por: “para que isso me aconteceu?” que aponta para o futuro, remete à busca do sentido e ajuda a narrar o acontecimento e talvez esclarecer a verdadeira origem da situação dolorosa. A resposta ao “para que isso me aconteceu?” pode ajudar a descobrir na vivência da dor um novo sentido pela fé em Deus, assim como desenvolver um compromisso construtivo.

No dizer poético de Vanistendael: “Mais de uma pérola se formou ao redor de uma ferida, como na ostra”. (VANISTENDAEL, 2005, p. 12 apud ROCCA 2008)

De acordo com Rocca (2008) a psicologia demonstra que não é possível apagar as situações traumáticas, alguns vestígios permanecem, mas pode-se buscar um sentido para a dor e uma nova forma viver mais suportável e mais sensata. Nas palavras de Perosa e Pucci:

[...] na vida, tudo o que não se resolve, se repete. Não necessariamente da mesma maneira, mas em situações em que se revive as mesmas sensações, sentimentos ou pensamentos [...]. O que a gente vive e não sabe o que é, volta muitas vezes de outra maneira para que se tenha a oportunidade de compreender como a situação foi vivida. (PEROSA E PUCCI, 2018, p. 57)

Rocca (2015), afirma que se para algumas pessoas, ter ou reconstruir um vínculo positivo com a vida é algo quase intuitivo, para outras, é necessária a presença afetiva e efetiva dos familiares e amigos, bem como o engajamento nos serviços a outras pessoas.

A autora recorda que que muitos depoimentos de pessoas escutadas não apenas em casos de perdas graves ou doenças, mas em outras que parecem ser irreversíveis, afirmam que só uma forte experiência de amor, humano ou divino, conseguiu dar-lhes novamente uma razão para continuarem lutando pela vida. Em pessoas religiosas as perguntas “por que e para que” brotam naturalmente do contato com o sofrimento e são dirigidas a Deus, levando-as à busca de valores ou sentidos que são necessários para assumir e aceitar os sofrimentos que não são possíveis de evitar.

Do ponto de vista da resiliência é questionada a legitimidade de algumas ações escolhidas como sobrevivência a partir da referência dupla: o bem-estar próprio e bem-estar do outro. Por isso, não é considerada resiliente a pessoa que resolve seus problemas mediante corrupção, engano ou violência, porque ela estaria prejudicando o outro. É necessário analisar os valores defendidos pelas religiões e o risco de fundamentalismo que não considera os parâmetros relacionados ao bem-estar próprio e do outro.

Nessa perspectiva a temática do perdão vinculada à atitude ética, psicológica e da memória é tratada como oportunidade para transitar com liberdade nos labirintos da adversidade. Não se trata de uma desculpa para o sofrimento, dano ou ofensa recebida. O perdão é uma atitude que brota da decisão da pessoa afetada, que não pressupõe apenas sentimentos positivos em relação ao agressor, mas compreende que não necessita permitir que o mal tenha poder de colocar restrições em sua vida e sair vencedor. A vivência do perdão é possibilidade de crescimento tanto para quem dá como para quem o aceita. O perdão é condição de liberdade para tecer um futuro sadio.

Para Brandão (2019) encontrar fatores de resiliência é um dos objetivos da investigação sobre o tema desde a primeira fase dos estudos, que ainda permanece, embora se saiba que seus efeitos para os resultados de resiliência são muito menos diretos do que se pensava. Cada fator específico, identificado como de risco ou proteção, explica apenas uma parte do processo. Os fatores preditivos de resiliência parecem variar muito de situação para situação, dependendo das características dos sujeitos, dos contextos em que estão inseridos e do tipo de adversidade a ser enfrentada. A lista de fatores de resiliência, por ser vasta e variável, permanece um desafio no campo de estudos.

A autora retoma uma metáfora usada por J. Anthony (1987) que se configura como um convite para que se tenha atenção ao analisar os dados relativos aos eventos estressantes e aos participantes da pesquisa. A analogia das três bonecas, feitas de matérias diferentes que ao serem atingidas por um martelo, apresentam diferentes resultados. A primeira boneca, de vidro, ao ser atingida pelo martelo se quebra irremediavelmente. A segunda boneca, de plástico, sofre o impacto e fica marcada. A terceira boneca, de aço, apenas emite um som ao ser atingida e não se deixa abalar. Outras analogias podem ser acrescentadas. Uma boneca de borracha, se atingida, poderia ser amassada, mas retomaria suas feições originais.

Aqui, mais algumas perguntas se fazem companheiras de viagem. Qual é o “material” de cada um dos participantes da pesquisa? Por quais “martelos” cada um está sendo impactado?

Para mais um passo e aproximação do “lugar” onde se busca compreender como se dá o processo de construção da resiliência, o olhar se volta para a Vida Religiosa Consagrada.

4. VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA: EXISTÊNCIA CONSAGRADA À RELAÇÃO COM DEUS E COM O OUTRO

Ao longo dos séculos, nunca faltaram homens e mulheres que, dóceis ao chamamento do Pai e à moção do Espírito, escolheram este caminho de especial seguimento de Cristo, para se dedicarem a Ele de coração « indiviso » [...] Também eles deixaram tudo, como os Apóstolos, para estar com Cristo e colocar-se, como Ele, ao serviço de Deus e dos irmãos. Contribuíram assim para manifestar o mistério e a missão da Igreja, graças aos múltiplos carismas de vida espiritual e apostólica que o Espírito Santo lhes distribuía, e deste modo concorreram também para renovar a sociedade. (*VITA CONSECRATA*, 1996)

Os participantes deste estudo são pessoas acompanhadas no processo de discernimento e vivência da vocação. Por isso se pretende partir do contexto específico, buscando compreender o lugar, estilo de vida dos formandos, as características e ideais da formação que permitirá depois a análise dos impactos de alguns modelos pedagógicos, formativos, na promoção da “resiliência” objeto de estudo, especialmente na etapa do Juniorato (termo já explicitado anteriormente)

A compreensão da “vocação” na perspectiva cristã-católica, como chamado e resposta, que dá sentido à vida se faz necessária para compreender a relação e implicações da resiliência, objeto desse estudo, com o processo de pessoas e grupos em formação para a VRC, frente às adversidades.

De acordo com Noé (2010), embora em outras Igrejas e denominações, cristãs e não cristãs, o termo vocação seja usado no sentido lato, como chamado, é no catolicismo romano que a expressão adquire uma compreensão em sentido estrito. A palavra “vocação” derivada do latim *vocare*, tem como raiz a palavra *vox* e significa chamar. Quando se fala em vocação, o termo é compreendido na voz passiva “ser chamado”. Mas, este ser chamado sempre compreende uma resposta em voz ativa, da parte do vocacionado. Chamado para ouvir a voz que chama. Para a Igreja Católica Apostólica Romana, há dois tipos de vocação: a vocação fundamental que é o chamado para todos à vida, a ser filho de Deus, a ser cristão, ser Igreja e a vocação específica que

diz respeito à maneira própria de como cada pessoa realiza a sua vocação fundamental, como leigo, sacerdote ou religioso. A vocação, chamado e resposta, implica um “sim” para sentir-se filho(a) amado(a) de Deus e o compromisso de na liberdade, colocar-se no seguimento de Jesus Cristo para colaborar na construção de um outro mundo melhor e possível, onde todos vivam como irmãos e a vida seja plena para todos.

Os diferentes estilos de Vida Consagrada: Ordens, Congregações e Institutos Religiosos se configuram como resposta livre ao chamado de Deus. Deus chama porque ama e o vocacionado responde porque se sente amado. Os religiosos são mulheres e homens que, atraídos pela radicalidade do ideal de vida cristã, optam pelo seguimento de Jesus, na defesa da vida (saúde, educação, dignidade etc.) à luz do Carisma fundacional e professam os Conselhos Evangélicos: pobreza, castidade e obediência.

Os consagrados não fazem parte da hierarquia da Igreja. Os religiosos e religiosas, como leigos(as) consagrados(as), vivem em Comunidades Religiosas e procuram, juntos, descobrir e realizar a vontade de Deus na oração, no estudo, na vida fraterna, no trabalho, na missão de acordo com as regras, constituições e diretório, aprovados pela Santa Sé. Os religiosos (Ordens e Congregações masculinas) além de professarem os votos vividos em comunidade podem ser ordenados Padres. Os religiosos Padres estão à serviço da Ordem ou Congregação a que pertencem e a obediência está diretamente ligada aos superiores. Quando exercem o sacerdócio em uma Diocese, seguem a orientação do Bispo local.

Como estilo de vida próprio da Igreja Católica Romana, a Vida Religiosa Consagrada é organizada e orientada por um conjunto de normas jurídicas, denominado Código de Direito Canônico (CDC), que contém esclarecimentos sobre a hierarquia de governo na Igreja, os direitos e obrigações dos fiéis, sacramentos e sanções estabelecidas pela transgressão das normas, indispensáveis para uma vida cristã mais perfeita.

O Código de Direito Canônico absolutamente necessário à Igreja não tem como objetivo substituir na vida dos fiéis, a fé, a graça, os carismas, a caridade, mas, criar na sociedade eclesial uma ordem que, dando a primazia ao amor, à graça e aos carismas facilite o desenvolvimento orgânico na vida da sociedade eclesial e de cada um de seus membros.

Como principal documento legislativo da Igreja, baseado na herança jurídica e legislativa da Revelação e da Tradição, o Código deve ser considerado instrumento

indispensável para assegurar a devida ordem tanto na vida individual e social, como na própria atividade da Igreja. Por isso, além dos elementos fundamentais da estrutura hierárquica e orgânica da Igreja, estabelecidos pelo seu Divino Fundador ou fundamentados na tradição apostólica ou em tradições antiquíssimas, e além das principais normas referentes ao exercício do tríplice múnus confiado à Igreja, é necessário que o Código defina também certas regras e normas de ação. (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 1983, p. XV).

No Código de Direito Canônico (1983) encontramos, entre as normas gerais, orientações bem específicas para esse modo de viver na Igreja do qual fazem parte os participantes da pesquisa. Normas comuns a todos os Institutos de Vida Consagrada, que ajudam a compreender como é esse tipo de vida, o que buscam e como devem viver as pessoas consagradas que professam a opção pelo seguimento de Cristo sob a ação do Espírito Santo e as implicações na formação. A identidade da Vida Consagrada está explicitada no Cân. 573 — § 1.

A vida consagrada pela profissão dos conselhos evangélicos é a forma estável de viver pela qual os fiéis, sob a ação do Espírito Santo, seguindo a Cristo mais de perto, se consagram totalmente a Deus sumamente amado, para que, dedicados por um título novo e peculiar à sua honra, à edificação da Igreja e à salvação do mundo, alcancem a perfeição da caridade ao serviço do Reino de Deus e, convertidos em sinal preclaro na Igreja, preanunciem a glória celeste. (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 1983 Cân. 573 — § 1).

As Ordens ou Congregações Religiosas, das quais são membros os participantes da pesquisa, observam além das orientações do Direito Comum, as normas das Constituições e Diretórios aprovados pela Santa Sé. Tanto as normas particulares quanto as normas gerais da Igreja estão relacionadas ao modo de ser e viver no seguimento de Cristo.

O Cân. 578, assegura que os objetivos dos fundadores, aprovados pela competente autoridade eclesiástica, no que se refere à natureza, à finalidade, ao espírito e à índole do instituto, bem como suas sãs tradições, constituem o patrimônio desse instituto e deve ser fielmente conservado por todos. A identidade de cada de cada instituto é resguardada no Cân. 587 - § 1 que estabelece normas fundamentais a respeito do regime, da disciplina e formação dos membros. Conforme o § 2, o código é aprovado pela competente autoridade da Igreja e só pode ser mudado com seu consentimento

A formação das pessoas consagradas é de fundamental importância para a Igreja e para as Ordens e Congregações. A construção da identidade da pessoa em formação é a base para a Identidade Institucional.

Vargas e Vásquez (2019) esclarecem que, dentro da estrutura eclesial e magistral, não é aleatória a utilização do termo formação, como aparece nos documentos: Código de Direito Canônico, o Concílio Vaticano II, a Exortação Apostólica *Vita Consecrata* e outros. No uso mais frequente do termo formação, e não educação, há uma clara intencionalidade de natureza teológica.

A palavra formação, em sua raiz latina é composta de *forma* que significa imagem, figura, configuração e o sufixo *ção*, que significa ação e efeito. A raiz da palavra “formação” sugere “dar forma a”. Na visão teológica a compreensão é de que o cristão é chamado a ser outro Cristo. A palavra formação, portanto, transcende o ato de educar e o processo formativo implica em dar forma, tomar a forma de Cristo, não em sua divindade, mas a partir do que é próprio de sua natureza humana.

Diante da possível diversidade de pessoas e de perfis que aspiram a Vida Religiosa Consagrada, os processos formativos não podem ser alheios às realidades humanas. É importante reconhecer as dificuldades de cada pessoa, do ambiente familiar, ansiedade, vícios, transtornos alimentares, entre outros fatores, que se tornam desafios e interpelam a formação. As instituições ou pessoas responsáveis dos processos formativos devem levar em consideração aspectos cognitivos, praxiológicos, axiológicos, pastorais e espirituais. Nesse sentido a tarefa formativa não se reduz à transmissão de conteúdos e conhecimentos, precisa oferecer condições para aumentar o espaço de liberdade, a descoberta do sentido e a felicidade na perspectiva da transcendência na consistência.

4.1 Formar para gestar um futuro de esperança

De acordo com Cencini (2019) a Vida Religiosa Consagrada precisa estar preparada para as exigências da modernidade, formar o coração para viver no Amor, escolher as alternativas implicadas na qualidade de vida e dar respostas plausíveis às interrogações do tempo. Chama a atenção para a necessidade de conjugar bem o tempo da Vida Consagrada, buscando encontrar o vínculo entre o que foi, o que é e o que será a Vida Religiosa Consagrada. Sobre o futuro, o autor faz algumas perguntas vitais: A Vida Religiosa Consagrada e os Institutos sobreviverão ao secularismo dominante em tempos de pós-modernidade? O que vai acontecer se continuar a tendência atual à diminuição do interesse por este estilo de vida? Será que o verdadeiro problema

da Vida Consagrada se resume na redução do número de vocações ou na qualidade da resposta vocacional?

Aceitar realisticamente o passado e a possibilidade de ressignificação, empenhando-se em trazer luz ao presente e olhar com confiança é relevante para o futuro da Vida Religiosa Consagrada. O critério de valorização da qualidade dos processos e respostas mais do que a quantidade de pessoas que se sentem chamadas, autentica o modo de olhar com esperança para o futuro, dá menos importância à pergunta em relação à sobrevivência, aceitando que, embora as Instituições anunciem realidades definitivas, elas não têm o direito à imortalidade. Pertencem às realidades passageiras deste mundo.

Sem pretender a patente ou o direito de viver para sempre, sem lamentar o passado e sem contentar-se com um presente precário, pretende-se crer na estabilidade da Vida Consagrada pelo significado da peregrinação no tempo, costurada com o fio da fé e da confiança, como imagem terrena dos bens futuros. A utopia retroativa, o olhar romântico do passado que busca nele o estímulo motivacional não sempre encontrado no presente, não permite ir em frente, pois um passado compreendido como estável não tem muito a contribuir diante de um futuro incerto e incontrolável.

Alerta, ainda, o autor para o risco e as consequências de uma postura nostálgica da Vida Religiosa Consagrada do passado, que distorce as expectativas legítimas da Vida Religiosa Consagrada hoje, de cumprimento de um projeto, que guarda uma inteligência orientada no tempo. A insegurança e o pesadelo da carência das vocações enfraquecem o sonho a respeito da significatividade da presença e testemunho. A falta de novas gerações de pessoas que se sentem chamadas leva ao fechamento de obras, atividades e redimensionamento dos serviços que marcaram a vida de tantos consagrados em outros tempos. A preocupação com o número e o medo paralisante do desaparecimento da eficiência operativa que fez parte do passado pode se transformar na ilusória tentativa de fuga da angústia de um presente incerto e complexo.

Na busca de integração do passado e gestação de um futuro com sentido para as pessoas consagradas, é significativa a exortação de Cencine: “[...] somos chamados a viver aqui e agora com responsabilidade a nossa existência; comprometendo-nos aqui e agora para que o passado seja sem lamentos e o futuro sempre mais rico de promessas e esperanças”. (CENNINI, 2019, p. 17).

A compreensão do enraizamento do passado traz à luz a profecia, não como antecipação do futuro que se cumprirá independente dos nossos cálculos, mas como busca e um certo desvelar da verdade, como provocação para ler a história com um olhar de conjunto da história mesma, do passado e do presente. Uma leitura de fé fundamentada na memória, capaz de transcender aos fatos e abrir-se ao futuro.

Para um olhar de esperança em relação ao futuro da Vida Religiosa Consagrada, com tantos desafios é elucidativa afirmação de Cencini:

[...] Será uma vida consagrada de minoria, aparentemente perdedora, sem voz em capítulo, socialmente irrelevante, talvez até menos importante na Igreja mesma, humilhada pelo fato de suscitar menos vocações e se tornar escassamente atraente, como se fosse coisas de outros tempos [...] Mas também uma vida consagrada – e esta é a profecia propriamente dita – que, através desse enorme transtorno, reencontrará a si mesma e renascerá mais espiritual e simplificada. De tal modo que os homens descobrirão a sua missão, algo que só a Igreja pode dar ao mundo, mas que também a vida consagrada pode dar à Igreja e ao mundo. (CENCINI, 2019, p. 21)

Sem ênfase nas obras e nos resultados que coloca a eficiência acima da eficácia, vivenciando os desafios do tempo presente sem lamentos e sem culpa, a Vida Religiosa Consagrada pequena e pobre marcará uma passagem providencial que permitirá aos homens e mulheres consagrados habitarem a solidão do mundo e encontrarem respostas qualificadas da vivência comunitária, da fraternidade, da solidariedade e das relações humanizadas e humanizadoras. Uma Vida Religiosa Consagrada que se reconhece possuidora de um dom espiritual a partilhar, que se envolve nos problemas concretos das pessoas não como quem apenas tem o que ensinar, dar e dizer, mas capaz de aprender, receber e escutar.

A Vida Religiosa Consagrada que se faz existência consagrada às relações com Deus e com as pessoas supera o delírio da auto referencialidade e o poder como deformação da autoridade que leva a condutas inaceitáveis, que viola o direito à dignidade do outro e destrói as relações. De acordo com Cencini (2019) os abusos de qualquer natureza, não são necessariamente patologia, perversão ou instintos incontrolados de alguns, mas indicam para o declínio da qualidade da vivência e capacidade relacional nas comunidades de consagrados, sinal preocupante da mediocridade geral, enfraquecimento da paixão por Deus que se volta para as pessoas, especialmente os mais frágeis.

A Vida Religiosa Consagrada que tem Deus como centro, tem autoridade e precisa de liderança, mas não depende de líderes carismáticos dotados de notáveis influências sobre as pessoas fazendo-as pensar, ser e agir na dependência da vontade deles. Atenta-se para o risco do bom andamento da comunidade, mesmo se coroado de sucesso vocacional e pastoral, impedir a sadia capacidade de autocritica que é condição para o autêntico crescimento da comunidade.

A autoridade dos consagrados não está ligada aos cargos que exercem, emana da capacidade de ser e agir com coerência, dom que se cultiva no cotidiano da vida. Os líderes autênticos se ocupam em acompanhar pessoas, animar as comunidades e liderar projetos. Sobre os líderes que atraem multidões, encantados com o próprio sucesso, que exploram talentos de capacidade de atração espiritual e da tração psicológica do grupo e através de papéis, encargos e articulações concentram em si mesmos a gestão pratica da autoridade. Cencini afirma:

Por um lado o risco é o de certa burocratização que torna impessoais as relações: por outro [...] é o de *cercar-se de pessoas perfeitamente dóceis e prontas a concordar, a dizer “sim, senhor”, consideradas virtuosas e obedientes*, de indivíduos totalmente dependentes do chefe e sempre de acordo com ele, excluindo ou não escutando, em nome da unidade e da identificação com o carisma (nestes casos superestimado), *quem poderia ter uma ideia diversa ou manifestar certa criatividade* (CENCINI, 2019, p. 31, grifo do autor)

Os participantes deste estudo são pessoas que fazem parte do processo formativos, com no mínimo 4 anos de formação, pessoas que foram acompanhadas, inicialmente, na experiência vocacional externa, na família ou, internamente, em uma comunidade religiosa de formação para aspirantes.

4.2 O percurso da formação para a vida religiosa consagrada

O acompanhamento interno, chamado Aspirantado ou externo, no ambiente familiar, através da escuta, da oração, dos encontros e diálogos vocacionais possibilitam à pessoa acompanhada maior conhecimento de si e do Instituto ou Congregação, condições para discernir, e ao acompanhante, verificar as motivações de acordo com os valores e critérios do Serviço de Animação Vocacional (SAV). A continuidade do processo, como em todas as etapas, depende sempre da pessoa acompanhada e/ou do Instituto, através do parecer de quem o representa, animador(a) vocacional, equipe formativa ou governo.

Depois do acompanhamento inicial, se a pessoa expressa o desejo de continuar o processo e ser aceita por uma Ordem, Congregação ou Instituto de Vida Consagrada que considere melhor atender aos seus ideais de vida, espiritualidade e carisma pessoal, o(a) candidato(a) continua através das etapas iniciais chamadas Postulado, Noviciado e Juniorato, de acordo com o Direito comum.

Embora o processo formativo objetive o cuidado e a efetiva formação humana/cristã promovendo a integração das dimensões místico-espiritual, apostólico-pastoral, afetiva, comunitária, intelectual e cultural, mente, coração e vontade a serviço dos valores institucionais, que potencializem a gradativa resposta vocacional, cada Ordem ou Congregação tem seu Plano de Formação, com diferentes propostas pedagógicas, que caracterizam as etapas, de acordo com o Carisma e a Missão próprios.

O Carisma de um instituto é compreendido como uma força inspiradora do Espírito que o fundador ou fundadora recebe como dom e transmite a todos que pertencem e continuam a história do Instituto: um dinamismo de compromisso e uma capacidade de realizar ações e projetos comunitários/sociais em defesa da vida. A missão é o modo de expressar o Carisma, de vivenciar um aspecto da vida no seguimento de Jesus: acolhida, educação, saúde, dignidade entre outros.

Para preservar a identidade dos institutos, aos quais pertencem os participantes do estudo, apresentaremos aspectos gerais conforme o Direito comum e a experiência da vida consagrada, sem as particularidades do carisma e missão dos diversos Institutos religiosos.

A etapa formativa chamada Postulado, para quem postula a vida religiosa consagrada, possibilita aos formandos viver em uma comunidade religiosa, seminário ou convento, conhecer mais de perto a espiritualidade, carisma e missão do Instituto, vivenciar valores próprios e aprofundar o autoconhecimento, em vista da “liberdade” para a opção vocacional. Nessa etapa, que dura de um a dois anos, dependendo do processo da pessoa em formação, tem relevância a dimensão humano-cristã, a leitura de fé da própria história, a ressignificação das motivações vocacionais, existenciais e o exercício de um estilo relacional com Deus e com os outros.

Conforme o CDC, Can. 64, a aprovação para a continuidade do processo, a admissão na etapa do Noviciado compete aos Superiores maiores, de acordo com o Direito próprio.

O Noviciado, que pode variar de 12 a 24 meses, com as condições favoráveis ao silêncio, escuta, estudo, convivência fraterna, oração e acompanhamento vocacional, é de fundamental importância para quem aspira a vida religiosa consagrada, pois é um tempo próprio para a pessoa aprofundar o conhecimento de si, conhecer melhor a proposta, estilo de vida e identidade carismática da Ordem ou Congregação, discernir e corroborar sua opção vocacional.

A finalidade do Noviciado, etapa em que o candidato inicia a vida no Instituto está explicitada no Can. 646: “[...] destina-se a que os noviços conheçam melhor a vocação divina, a vocação própria do Instituto, façam a experiência do modo de viver do Instituto, conformem com o espírito dele a mente e o coração e comprovem sua intenção e idoneidade.” (CDC, 1983, p. 301)

Ao final do Noviciado, se comprovada a intenção e a idoneidade, as condições psíquicas, espirituais e relacionais que corroboram a opção vocacional, após o desejo expresso de ser consagrado(a) e a aprovação do governo da Ordem ou Congregação, que considera a avaliação do processo feita pelo formador(a), equipe e/ou comunidade formativa, a pessoa professa publicamente os Votos (Conselhos Evangélicos).

A partir da Primeira Profissão os religiosos são reconhecidos membros oficiais da Instituição religiosa. De acordo com o Cân. 654: “Pela profissão religiosa os membros assumem com voto público a observância dos três conselhos evangélicos, consagram-se a Deus pelo ministério da Igreja e são incorporados no instituto com os direitos e deveres determinados pelo direito.” (CDC, 1983, 305)

A Primeira Profissão é chamada também de Profissão simples, porque o(a) religioso(a) faz votos “temporários”, que devem ser renovados a cada ano até a Profissão definitiva ou perpétua. Em geral o(a) religioso (a) após a primeira profissão passa a ser chamada de frei, irmão ou irmã, como recordação do compromisso da existência consagrada para ser irmã/irmão de todos. O processo de formação inicial, continua na etapa do Juniorato que dura entre 3 a 6 anos, prorrogáveis, se necessário, pelos superiores do instituto religioso até 9 anos.

Embora a forma de acompanhamento do processo formativo dependa de normas particulares, a etapa do Juniorato diferencia das anteriores, em que os (as) formandos (as) vivem, em geral, com outros formandos da mesma etapa, em grupos quando há, em um mesmo lugar

(comunidade do postulado ou comunidade do Noviciado) com um estilo de vida cuidadosamente organizado e acompanhado especialmente na vida fraterna e na oração.

Os religiosos e religiosas Junioristas vivem em diferentes comunidades, envolvidos mais diretamente na vida/missão, conciliando compromissos comunitários e estudos acadêmicos com a responsabilidade de não descuidar da formação religiosa, como define o Cân. 659 — § 1. “Em cada instituto, depois da primeira profissão, deve ser completada a formação de todos os membros a fim de viverem mais plenamente a vida própria do instituto e cumprirem mais adequadamente sua missão.” (CDC, 1983, p. 307)

Muitos Institutos de Vida Consagrada são facilmente identificáveis por seu carisma e modo de participação na sociedade. De qualquer forma, o carisma de todo e qualquer instituto de vida consagrada está baseado nos ensinamentos evangélicos, como é possível verificar no Cân. 662: “tenham os religiosos como regra suprema de vida o seguimento de Cristo proposto no Evangelho e expresso nas constituições do próprio instituto” (CDC, 1983, 121)

A pessoa que acompanha os formandos é chamada Mestre, Mestra, formador(a) nomeada (a) pelo governo do Instituto de acordo com os critérios estabelecidos na norma particular em consonância com o Direito comum. Em geral conta com o apoio de uma equipe interdisciplinar, incluindo profissionais da saúde mental.

5 - NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGIA: OLHARES SOBRE O MODO DE SER

A inquietação de compreender “a vida em movimento” aponta para um modo de caminhar na perspectiva do olhar fenomenológico que coloca em suspensão a leitura e concepção prévias para ver o fenômeno como ele se mostra, sem hierarquização de temas e vivências. A persistência na busca leva a uma perspectiva de olhar sustentada em uma concepção de homem e mundo. Escolhe-se percorrer o caminho inspirado no pensamento do filósofo Martins Heidegger no âmbito da compreensão que tem como base as perguntas e questionamentos enraizados no fenômeno que se mostra na vivência das pessoas que se propõem voluntariamente a contar sua história de vida com suas forças e fraquezas.

O exercício de aproximar, de forma simples, e sucinta de alguns conceitos e procedimentos da Fenomenologia Existencial, abre possibilidades para um olhar mais demorado sobre a pessoa e

para o cuidado com o ser, a articulação do sentido da vida que caracteriza toda existência humana. Cuidar de Ser revelado no processo de construção da resiliência na formação para a VCR.

Van Den Berg descreve a Fenomenologia como um método, uma atitude diante do fenômeno dado: “o fenomenologista está obcecado pelo concreto. O que está acontecendo é o seu primeiro e último alvo [...] as coisas têm algo para nos contar”. (VAN DEN BERG, 1994. p. 67)

O autor resume o modo de olhar do fenomenologista, nas seguintes colocações:

O seu método constitui um modo de observação, novo na ciência, novo, por exemplo, em psicologia, mas nada novo na vida diária, pelo contrário, o fenomenologista quer fazer as suas observações da mesma maneira como toda gente geralmente faz. Tem fé inquebrantada na observação diária dos objetos, do corpo, das pessoas que o cercam e do tempo [...]. Por outro lado, desconfia das observações teóricas e objetivas, das observações reflexivas, do tipo de observações que caracterizam os físicos, dos julgamentos padronizados, a que se chega com facilidade, [...] A sua ciência chama-se fenomenologia e o seu relato procura ser a expressão daquilo que observa: ou seja, do que ouve, vê, cheira e sente. (VAN DEN BERG, 1994. p. 68)

De acordo com Buzzi a palavra fenomenologia se compõe de dois termos: fenômeno e Logos. “Fenômeno é derivado do verbo grego pháinesthai, que significa manifestar-se. Significa aquilo que se manifesta em si mesmo: o que aparece e, no seu aparecimento, se oferece e se desvenda, se dá a luz. Fenômeno é o puro aparecer do que aparece”. (BUZZI 1991 p. 57)

Em sua obra Ser e Tempo, Heidegger resgata os princípios pré-socráticos que contemplavam o homem em comunhão com o mundo. A Fenomenologia heideggeriana vem propor essa aproximação entre homem e mundo, rompendo com a dicotomia de tomar as partes pelo todo e separar o que é indiviso. Heidegger percorre esse caminho, uma vez que o Ser retrata e revela o ente e o ente se constitui originariamente do Ser, numa dinâmica de retroalimentação constante.

Como exemplo do Ser que se mostra através do ente, acrescenta Buzzi:

Ali está a pedra! Dizemos que é um ente. E o é porque aparece a quem procura! Ela se mostra. Mas, premidos por nossas necessidades, na música de nossas inquietações, propomos à pedra conhecimentos que satisfaçam nossos interesses imediatos: a pedra é material de construção para o pedreiro, é brinquedo para o garoto de estilingue, é obstáculo para o alpinista, é poema para o poeta, é a Pietá para Miguel Ângelo, é a audácia do homem no monumento do imigrante na cidade de São Paulo [...] geralmente os conhecimentos que temos das coisas falam de nossos interesses. (BUZZI, 1991, p. 22)

É a própria história de vida que vai compondo um cenário em que o sentido se mostra ou se esconde a partir da relação que a pessoa passa a manter consigo mesma, com o outro e com o

mundo e é por isso que não dá para desvincular homem de mundo como propunha a Metafísica (termo usado por Heidegger para se referir ao modo de pensar ocidental). O homem é um todo que se constitui de um dinamismo marcado pelo passado, presente e futuro numa relação de integração. Uma história que vai tendo sentido a partir de uma construção circular (não homogênea e linear), a partir dos confrontos, dos enfrentamentos, dos encontros e desencontros, encantos e desencantos, na dramaticidade contida na existência humana.

Para Heidegger o homem é um ser em abertura para si, para o outro e para o mundo. Sua existência, *seu ser-no-mundo*¹ fala de sua vida, de seus interesses, seus sonhos, seus desejos, sua busca, sua falta, seu vir a ser. Nesse sentido, o que move o homem é o chamado do futuro. Diz João Augusto Pompéia:

Os animais são determinados, em sua conduta, por aquilo que existe. O homem, no entanto, parece-me determinado por aquilo que não existe ainda. Aquilo que não existe ainda é sonho, é projeto, é imagem. É expectativa, perspectiva de futuro. Uma perspectiva que pode ter nesse ainda sua força maior. [...] posso dizer que o homem é caracterizado pelo que não existe, mas que pode existir ou pode ser [...] o homem é um sonhador. Imagina algo, espera coisas, deseja e dá forma para isso. (POMPÉIA 1997, p. 43)

Em um contexto histórico, marcado por uma visão estreita de homem e mundo, a Filosofia de Heidegger traz à luz um ser incompleto, que busca e procura dar sentido à sua existência, que sonha, se relaciona e coexiste nas múltiplas experiências da vida. A partir do olhar fenomenológico da própria existência, todos nós podemos descobrir que o homem somente é enquanto existe de modo singular no mundo.

A Fenomenologia, compreendida como método de acesso ao fenômeno que nos permite ver o que se mostra, tal como se mostra por si mesmo, não nos oferece verdades absolutas. Esta forma de compreensão sugere que o acesso ao conhecimento de si e do seu mundo implica em evitar todo e qualquer preconceito ou julgamento sobre o fenômeno a ser olhado, favorecendo a possibilidade de preservar o sentido da experiência e a abertura para novas significações e novos modos de ser.

A Fenomenologia nos possibilita um caminho de reflexão sobre a existência humana, dando destaque à experiência vivida no cotidiano das pessoas: seu agir, seus projetos, sua condição de existir e seu relacionamento consigo, com os outros e com o mundo. A experiência vivida no cotidiano parece sugerir a investigação de cada fenômeno como algo que se mostra, como algo

¹ “A forma mesma da expressão ‘ser-no-mundo’ indica já que com ela se pensa apesar de ser uma expressão composta, um fenômeno dotado de unidade”. HEIDEGGER, Martin. *El ser y tiempo*, p. 65.

percebido, recordado, sonhado, etc., observando as características dos significados dados, a caminho da descoberta do sentido.

O método fenomenológico procura sair das formas familiares de olhar as coisas e propõe olhá-las em suas manifestações próprias. Dito de outra forma propõe observar, compreender, acolher e escutar a pessoa na perspectiva de sua experiência na forma de seu acontecer, na sua forma de sentir e avaliar.

A Fenomenologia se ocupa do sentido do próprio fenômeno, da procura de caminhos para deixar que a pessoa possa ser e ver o que se mostra, “como e para” que se mostra, trazendo à luz o seu movimento de crescer, transformar e existir, encarando com simplicidade todas as coisas como dados e fenômenos que são.

Segundo Heidegger, a fenomenologia lida com o modo de ser concreto de cada um de nós. No movimento de vir a ser, o homem não é, mas está sempre sendo. A fenomenologia existencial considera que o fenômeno a ser olhado não se mostra sempre de forma clara, portanto, busca interrogar e compreender a manifestação do vir a ser no movimento de encobrimento e desocultamento.

A tentativa de percorrer um caminho na busca da compreensão da Fenomenologia Existencial como procedimento metodológico de investigação e do conhecimento, nos remete à discussão do ser e da verdade. No dizer de Critelli: "A interrogação básica desta discussão é o interesse em se saber e delimitar, entre outros o melhor caminho, o ângulo mais adequado, a forma mais plausível de se captar e expressar verdadeiramente o que são e como são as coisas". (CRITELLI, 1996. p. 11)

Inspirada por Heidegger, Xisto (2000), considerando que para a fenomenologia existencial o fundamento e o horizonte de interrogação, de análise e de conhecimento de uma dada questão é a possibilidade, entende a verdade no âmbito da possibilidade. Para ela, a verdade é como um pôr à luz, um tirar do esquecimento, um desocultar, pelo movimento incessante de luz e sombra, de explicitação e encobrimento que não exclui a ambiguidade e o paradoxo. A verdade é um contínuo mostrar-se e ocultar de algo.

Esta concepção fenomenológica que abre espaço para a relatividade do saber, da verdade e para a insegurança como modo próprio de existir, parece instaurar uma nova possibilidade de

sentido, permitindo-nos o espaço para o limite e para o risco, para a experiência, para o aprender a partir do erro.

Embora esta concepção do saber e da verdade não nos garanta nenhum resultado preciso, pode nos mobilizar para nos colocarmos a caminho da investigação e da procura de significado e de sentido num movimento próprio do existir humano, de desvelamento e desocultamento. De acordo com Critelli: “A segurança buscada ao longo da história da episteme ocidental baseou-se na dúvida de si mesmo que o homem estabeleceu, lançando para fora de si mesmo ou das condições nas quais a vida lhe é dada, a possibilidade de qualquer domínio. Inclusive de suas ideias”. (CRITELLI, 1996. p. 14)

Nessa perspectiva de pensamento é possível acolher a insegurança como desafio e, partindo do conhecido, estabelecer novas relações com o desconhecido. É possível caminhar na obscuridade dos novos projetos abrindo-se e ampliando o campo da investigação. Mas o que queremos descobrir ao olhar para a nossa existência? Olhando profundamente o modo como a nossa existência se revela, podemos descobrir que existimos de modo singular no mundo. Existimos relacionados sempre com alguma coisa que nos faz sentido ou que nos deixa indiferentes.

Segundo Pompéia (1997), a existência abre a possibilidade para o que ainda não existe: sonhos, projetos e imagens. Para ele o homem é caracterizado pelo que ainda não existe, mas que pode existir ou pode ser. Podemos então nos descobrir capazes de acolher as "sementes lançadas", e dar espaço para que elas possam enraizar-se e crescer. Podemos seguir um caminho comum com os outros, permitindo que diferentes referências se vinculem.

Buzzi (1991) chama a atenção para a aparência das coisas e para o pensar sobre elas:

O Ser verdadeiro está no que aparece. Mas o brilho da aparência o esconde e o deixa retraído. Para chegar a ele, importa que a sensibilidade ande pelos caminhos da aparência. Mas não basta. É preciso o salto do pensamento. E o salto deve ser dado naquele lugar onde a sensibilidade encontra mais apoio. A sensibilidade se apoia naquilo que aparece (dóxa). Para alcançar o Ser verdadeiro (alethéia), deve-se mergulhar na aparência. O mergulho não anula o mundo da aparência, antes mostra o estranho do seu ser insondável. (BUZZI,1991. p. 36)

O mergulho na aparência sugere uma relação de reencontro, de intimidade consigo e com as coisas do mundo, para além dos julgamentos padronizados. A partir da perspectiva heideggeriana, Gawendo (2001) ilumina a trajetória do existir humano. Para ela o homem não é acabado, está sempre sendo, pois se abre a todo instante para o desvelamento do que vem ao seu

encontro. Sua condição de ser aberto, possibilita ao homem inaugurar o novo e realizar o inaudito. Lançado na indeterminação e no mistério, pode modificar sua destinação e realizar o inesperado.

O ser humano é *poder ser* e por isso é livre, pode construir o seu modo peculiar de ser, projetando-se para além de si mesmo. A existência é sempre mistério e infindáveis são os modos de ser que se manifestarão através dela. A nós não cabe o controle da existência, mas a tarefa de escolher como queremos fecundar cada momento de nossa vida que nos é dado na gratuidade.

Para Kratsch (2020), o ser humano não é livre de condições, mas é livre para algo perante todas as condições. A consciência da finitude da vida, não a torna sem sentido pois é a morte que dá sentido à vida. A experiência iminente da transitoriedade da vida impulsiona o homem a empregar com responsabilidade o uso de seu tempo e as representações de sofrimento, adoecimento e morte podem ganhar novos contornos, movendo-o a encontrar seu projeto fundamental e realizá-lo pelo desejo de ser.

Toda reflexão comporta uma concepção norteadora de ser humano. Do ponto de vista existencial da concepção heideggeriana de homem, pensa-se em construção do modo de ser que se dá em um processo permanente, pois não se chega à plenitude. Estamos sempre sendo.

Nessa perspectiva de permanente constituição do humano, não há um jeito próprio e mensurável de ser, a consciência de inacabamento perpassa todos os processos e relações da pessoa. Não há um modo único de pertença ou integração. Viver nessa perspectiva é estar em perpétuo deslocamento, é habitar um mundo que não nos acolhe na totalidade, nem nos oferece garantias de segurança. A experiência de desabrigo pode configurar-se como condição de liberdade para o homem em relação a referência de valores, atitudes, desejos, conceitos, símbolos ideias e significados, ocupando-se de determinadas tarefas em detrimento de outras.

A noção de compreensão tem uma conceituação própria em Heidegger, de acordo com Perosa e Pucci (2018): “Para ele, compreender é abrir possibilidades de significado, novos ou não. A compreensão é um dos fundamentos do *Dasein*. Está presente constitutivamente em seu ser-no-mundo, é parte constitutiva da abertura do *Dasein*”. (PEROSA E PUCCI, 2018, p. 21).

Segundo os autores, a dimensão do propósito na ocupação compreensiva, o “para que” daquilo que fazemos quando nos ocupamos, diferencia a fenomenologia de outros projetos que são bases para teorias psicológicas. Para a fenomenologia o tempo mais importante é o futuro, o que permite que algo ocorra. Enquanto para outras abordagens fundamentadas em outros projetos

filosóficos é o passado que determina a ocorrência de algo, para a fenomenologia o passado apenas dá as condições necessárias e nada acontecerá se não houver o propósito futuro. O “ainda não” e o “já sido” são dimensões do fazer, necessárias para que algo aconteça.

Para Heidegger o homem é "Dasein", ou seja, *ser-aí, no-mundo*. Junto a outros, o homem tem a responsabilidade de inaugurar um jeito próprio e peculiar de ser, de existir. O *ser-aí*, embora não se constituindo como eu individual, cuja existência está inserida no mundo e sua ação seja de alguma forma coletiva, entende-se como ser lançado, capaz de projetar-se para além do que é, para além de si mesmo. A partir da compreensão da trama significativa a que pertence, das experiências pessoais, familiares, sociais etc., que dão "cores" à sua vida e o impulsionam, o ser humano é chamado a exercer seu *poder-ser* traçando novas metas.

Sobre a possibilidade que o homem tem de alterar o seu destino a afirmação de Gawendo é esclarecedora:

O homem vai se construindo, pois é sempre aberto, o que lhe dá a condição de inaugurar o novo, de realizar o inaudito, já que desde sempre é lançado na indeterminação, no mistério e tem, portanto, a possibilidade de modificar sua destinação [...]o homem pode realizar o inesperado. GAWENDO (2001, p.73)

De acordo com a autora, na perspectiva fenomenológica, homem e mundo não se separam. A expressão *ser-no-mundo* evoca um caráter de unidade e coletividade, que, se de um lado fala da riqueza da produção em conjunto, de outro, fala do risco da indiferenciação do eu-outro, do risco de um aprisionamento na impropriedade, ou seja, o risco de que o homem pense e faça como os outros pensam e fazem, deixando de considerar o seu jeito singular de ser. Cuidar de *ser-no-mundo* é condição e tarefa para o homem desde o seu nascimento até a morte.

Critelli fala da possibilidade de ser reconhecida pelo homem em três dimensões:

[...]como sua propriedade - ser lhe pertence, ele é nomeado - leva seu nome - e está sobre sua custódia; não cuidar de ser é deixar de ser como homem) como facticidade_(ele é lançado, não escolhe ser como quem é, onde, em que lugar e tempo; não escolhe, inclusive, sua condição de humanidade); como projeção (ser é vir-a-ser e o seu fim é dado pelo horizonte do morrer. Também não é deterministicamente dado, está sempre à frente como o que está para ser realizado. (CRITELLI, 1996, p. 52)

Se levarmos em conta que vivemos a era da globalização, da tecnologia, da produtividade, da máxima eficiência, da "qualidade total", da competitividade etc. Como compreender a tarefa de

ser? Como compreender o limite, a fragilidade, as adversidades, o sofrimento? Como aproximar-nos da nossa condição de humanos, inacabados e mortais?

Considerando que, para a fenomenologia o modo de ser é apenas uma possibilidade existencial e que a morte aparece como última possibilidade, não podemos nos salvar dessa realidade que confronta todas as outras possibilidades e coloca-nos frente à nossa finitude. Segundo Medard Boss (1997), todos nós nos sentimos angustiados com a possibilidade de um dia não estarmos mais aqui, de não mais *poder-ser*.

A certeza da morte convoca o ser humano a cuidar da sua existência e a eternizá-la através de seus gestos, palavras e atitudes. A iminência da morte é um permanente convite para aproximar-se de si mesmo, apropriar-se de sua história, das suas escolhas e reorganizar o seu destino, revendo a direção do seu caminhar. E qual será mesmo esse caminho? Se pensarmos que o caminho é mais importante que a chegada, talvez seja a aventura de compreender o que se passa com esse ser que procura livrar-se do incômodo trazido pela ideia de morte, de finitude, pois a morte o recorda da necessidade de inventar criativamente a vida, assumindo a angústia originada do risco da liberdade; o risco de tomar decisões responsáveis, sem se deixar alienar pela ilusão de controle e dominação.

Aventurar-se no movimento de *poder-ser*, na condição de ser finito que não tem todo o tempo à sua disposição, mas não pré-determinado, impotente e sem perspectiva, pode ajudar o ser humano a lidar melhor com a ideia da morte, deixando-a fazer parte da vida e transformando limites em possibilidades.

Conforme Boss (1997), o procedimento mais livre e digno do homem frente à morte, como constituinte do seu existir, consiste em continuar sempre consciente dela, tendo-a constantemente diante dos olhos, sem, contudo, deixar de viver. A consciência do próprio morrer ajuda-nos a colocar no lugar e de acordo com sua categoria, as outras possibilidades da vida, que recebemos antes da morte, sem nos fixarmos em possibilidades provisórias, nem as tornar absolutas. Tornar-nos conscientes e continuar conscientes da nossa mortalidade nos faz conferir a verdadeira dignidade e o verdadeiro significado aos nossos modos de relacionamentos, porque percebemos que cada momento de nossa vida é irrecuperável e por isso tem que ser aproveitado. Porque somos finitos, arrependemo-nos das oportunidades perdidas, pois não temos todo tempo e não podemos a qualquer hora recuperar as perdas.

Cada momento da nossa vida conta como realização, se nos envolvermos adequadamente com as solicitações que a vida nos faz, ou como falta, se deixarmos de correspondê-las.

Quando não enfrentamos a nossa condição de finitude, fugimos da morte das mais diversas formas, seja reconhecendo-a apenas como uma possibilidade para os outros, seja vendo-a como um acontecimento distante de nós. É significativo o que diz Medard Boss:

No procedimento angustioso diante da própria morte, esta se revela como o apagar definitivo no nada, como o fim de tudo. A única certeza, porém, é que a existência humana, depois de ter morrido, não está mais no mundo da mesma forma corpórea como antes. Mas esta certeza não exclui, de forma alguma a possibilidade da morte justamente não trazer consigo a aniquilação radical de tudo - o que é temido na angústia diante dela. (BOSS, 1977. p. 74).

Para o autor, os homens que conseguem ampliar e se libertar dos limites da morte, alcançando o mais alto grau de maturidade, de alegria serena, percebem as mudanças e transformações próprias da morte que mostram que a existência humana não é algo completo em si, mas que solicita do ser humano a percepção de significados e respostas para tantas interrogações. Ainda, no dizer de Boss:

A morte pode certamente significar uma transformação do estar-no-mundo existencial anterior numa forma de ser totalmente diferente, numa forma de ser que sem dúvida, não é acessível aos mortais enquanto eles vivem. Será que esta possibilidade não evoca outros modos diferentes do ser do homem, modos que costumam mudar? (BOSS, 1977. p. 74).

5.1 A angústia como abertura para "si mesmo"

A existência humana é afetada pelo que a pessoa faz, por suas preocupações e responsabilidades, esperanças e angústias. Existir é estar com, é conviver, é construir relações significativas, lidando com as coisas e relacionando-se com os outros. Sobre a nossa condição de ser-no-mundo, como realizadores de ser, Gawendo diz: "A existência se dá no mundo, isto se faz claro já no próprio termo Dasein (ser-aí), que expressa o quanto a existência é ultrapassagem que transcende a realidade dada, é ultrapassagem de algo situado no mundo, em direção à possibilidade. (GAWENDO, 2001. p. 80)

A fenomenologia fala dos modos infindáveis de ser e compreende a possibilidade de conhecimento a partir da insegurança e da angústia próprias do existir de cada pessoa, em seu movimento de mostrar-se e ocultar-se, do nascimento até a morte. De acordo com Critelli (1996),

do ponto de vista em que a vida é dada ao homem, como perpétuo deslocamento, o mundo em que habitamos não nos oferece garantias de fixação. E, embora queiramos superar essa experiência de desamparo e a insegurança de não-pertença ao mundo, ela se constitui como condição de liberdade para nós.

O ser humano não pode deixar-se aprisionar por seus sentimentos, pensamentos ou ações. As ideias, as emoções, as perspectivas e os interesses mudam, como muda o modo da pessoa relacionar-se com as coisas, com os outros e consigo mesma. Os significados e utilidades das coisas alteram-se de geração para geração e dependem da época histórica, da cultura, da sociedade. Critelli esclarece: “Quando as coisas mudam é porque mudaram nossas ideias a seu respeito, mudou a serventia que tinham para nós, nosso interesse por elas, nossos modos de nos referirmos a nós mesmos e uns aos outros”. (CRITELLI, 1996. p. 18)

Quando o sentido se esconde e as coisas se tornam insignificantes, nós compreendemos melhor que é a trama de significações que dá consistência ao nosso ser, fazer e saber. Nós precisamos articular sentido, compreendendo o mundo em que habitamos e compreendendo a nós mesmos no mundo.

Para Xisto (2000), o saber-se mortal revela ao ser humano que o seu destino está em suas mãos o tempo todo e é em nome de ser mortal que ele procura compreender a sua existência. Em cada uma de suas escolhas, o ser humano está destinando-se para um ou outro rumo, tecendo o sentido de ser. Se por um lado não suportaríamos permanecer todo tempo na tensão e na angústia, por outro, é quando estamos angustiados que nos reconhecemos no nosso modo mais autêntico de ser. Pela experiência da angústia nos damos conta de que somos inacabados e finitos. A angústia é a grande falta que nos remete à pergunta: falta de quê?

A falta que sentimos quando estamos angustiados marca o nosso ser. Nas palavras de Almeida:

Somos marcados pela finitude e com uma sede eterna de infinitude. Essa é a nossa angústia [...] angustiados entramos em contato com o mais verdadeiro de nós e chegamos ao fundo do fim. A angústia nos retira da cotidianidade e nos põe no movimento de busca do novo. Angustiados, não temos medo do risco que o diferente nos causa e ousamos arriscar; angustiados, desejamos a diferença, pois lá talvez esteja a cura (mesmo que temporária) para nossa angústia. (ALMEIDA, 2000. p. 12).

Se através da angústia, ao não nos deixar sucumbir pela rotina e surdez do cotidiano, encontramos o nosso modo de ser mais autêntico, angustiados o que podemos ousar resignificar? É possível, suportando a angústia, resgatar o sentido perdido?

A experiência da angústia, a compreensão de que somos indeterminados e, portanto, não temos nem conhecimento nem controle do que nos pode acontecer, do que está por vir, parece deixar-nos entregues a nós mesmos, com a tarefa de encontrar, sozinhos, o próprio caminho. Na compreensão angustiada de ser, temos claro que o outro não pode viver por nós, como nós não podemos ser nenhum outro, senão nós mesmos.

Quando experimentamos o vazio em nosso existir o mais comum é termos medo e querermos fugir. Mas, mesmo diante do vazio é dada ao ser humano a possibilidade de decidir viver a autenticidade, empenhando-se em dar conta de ser quem realmente é, ser de uma maneira própria.²

O texto extraído do filme “O RIO”³, transcrito abaixo, fala da possibilidade que o ser humano tem de decidir-se a buscar novas alternativas, novos caminhos que se abrem diante dele como um mistério que vai sendo revelado, sem que ele precise ficar à mercê da "sorte" ou do "azar":

Sou um rio que se abre para a vida, um rio que possui sabor de suas águas. E porque sou um rio alegre, procuro fecundar tudo ao longo das minhas margens, deixando traço de vida por onde passo. Afinal, a minha vida não me pertence, ela deve ser doada, deve ser compartilhada.

Eu fui feito para o mar, para o novo, para o maior, mas, acima de tudo fui feito para a partilha e é isso que me impulsiona. Não sendo assim eu serei apenas uma poça d'água, uma água em repouso, mas nós sabemos que a água parada, acaba apodrecendo e não vai servir para mais nada.

À medida em que eu caminho, eu tenho que renovar as minhas forças. Nessa minha dança frenética por entre pedras e barrancos, às vezes eu sinto que as minhas forças diminuem.

Imerso a mil problemas das correntes que me empurram para todos os lados, eu fico sem saber para onde caminhar, mas eu não posso parar diante das dificuldades. Então devo lançar-

² A palavra *própria* está sendo utilizada no sentido que é apontado por Martin Heidegger como *próprio*, aquilo que é singular a um indivíduo, mesmo estando este também coexistindo na impropriedade do mundo, mergulhado no impessoal. A impossibilidade do movimento de apropriação enfatiza o ato de entregar-se com aquilo que você é, a cada momento, para aquilo que vem ao seu encontro. (Cf. CRITELLI, Dulce Mára, *Analítica do sentido*, p. 90-92).

³ Cf. O RIO. São Paulo: SSV Vídeo comunicação. 1996. 1 fita de vídeo (23 min), VHS, son., color., dub.

me uma, duas, infinitas vezes sobre as pedras, para abrir uma passagem por onde continuar o caminho.

Você já notou que raramente eu ando em linha reta? É que contornar montanhas, desviar-me de rochas, não é apenas uma questão de gosto estético geográfico, na maioria das vezes é a minha única maneira de prosseguir. É esse o segredo da vida, a vontade de viver, ânsia de liberdade, e é isso que me mantém a cada dia mais forte, mais vivo.

Ao longo do meu caminho eu vou recebendo outras águas pequenas, algumas franzinas, outras mais fortes, mas não importa o tamanho dela, somada, fazem de mim um rio, aumenta a minha força, ajuda-me a desafiar o desconhecido. Sei que devo ainda crescer, mas eu sei também que estou andando sobre um caminho meu, em direção ao mar, a minha felicidade. E você? Você sabe que as coisas começam pequenas, sabe que o caminhar começa sempre com o primeiro passo?

Gosto de conquistar aquilo que disputo. Mas para isso, às vezes eu preciso canalizar minhas águas por entre margens que me ajudem a chegar lá. Outras vezes tenho que refreá-las e esperar momento e condições adequadas para libertá-la, eu tenho consciência que deixando-a correr livremente eu posso ocasionar morte e destruição ao invés de vida. Gostaria... gostaria muito que minhas águas pudessem correr livres e desimpedidas, mas isso iria dispersá-las, eu perderia forças, correria o risco de não chegar ao mar.

Veja! As minhas águas continuam a jorrar gota a gota, levando frescor e alívio àqueles que estão cansados e sedentos. Sinto-me contente da vida que trago dentro de mim, mas às vezes eu encontro terrenos áridos, secos onde minhas águas desaparecem como que por encanto e então o meu orgulho me faz pensar que estou desperdiçando vida, que estou sendo sugado. Mas aí eu olho para as minhas margens e percebo com alegria que não é vida sendo desperdiçada, ao contrário, é vida sendo compartilhada, com o que eu dou, eu crio possibilidade de vida para muitos outros.

O que é mais incrível, é que justamente quando cedo minhas águas para molhar as lavouras, gerar vida, fazendo crescer as plantas, a natureza me agradece e me retribui com água que vem do alto, revigorando-me, preenchendo-me de vida. É um mistério, um mistério que me faz muito feliz.

Eu continuo caminhando para o mar, e vou descobrindo que em cada curva, em cada relanço, em cada queda, eu posso ser útil de alguma forma. Vejo com alegria que cada entardecer

é um novo dia, tão diferente de ontem, quanto será o de amanhã, mas esse novo dia me oferecerá inúmeras oportunidades de partilhar a vida que eu carrego.

Meu objetivo é lançar-me no mar, esse é o sonho de todo rio, conhecer a imensidão do oceano. Mas às vezes, eu sinto medo porque o oceano é desconhecido, e é muito maior do que eu. É justamente isso que me desafia, essa mistura de medo e de fascínio, que me impulsiona, que me faz buscar o que não me deixa parado. Mas se eu quiser chegar lá, eu tenho que fazer o meu caminho com pequenas, mas infinitas ações que a cada hora de cada dia, me ajudarão ultrapassar montanhas, vales e horizontes. Porque o limite deve ser a imensidão.

De acordo com Almeida (2000), é do cotidiano que brota a autenticidade. Para ele, na tranquila corrente de um rio, pode surgir de repente a erosão e o desvio, provocados pela continuidade da passagem das correntes deste mesmo rio, que se mantendo constante no mesmo leito, sem perceber provoca o inusitado. A experiência da angústia, como a erosão do rio, pode provocar o inusitado, as mudanças que nos aproximam de nós mesmos. Decidir-se a não fugir da angústia e da possibilidade da morte é decidir-se a cuidar de forma peculiar da vida, não querendo mais ser como estava sendo, como estava escolhendo cuidar do existir. É ter coragem de buscar a liberdade para dar conta de ser, segundo as suas próprias possibilidades.

5.2 Cuidando de ser na articulação do sentido

A tarefa de pensar sobre o cuidado, pela articulação do sentido, nos remete ao modo de ser do homem. Heidegger (1996), em sua obra *Ser e Tempo*, define o modo de ser do homem como "impessoal e lançado no mundo". (HEIDEGGER, 1996, § 35)

Almeida (2000), inspirado no pensamento heideggeriano, diz que o ser humano ao nascer, antes mesmo de dar-se conta de sua individualidade, já se encontra no mundo, compartilhando sentidos comuns com os outros. Ser lançado, jogado no mundo, significa, pois, que quando nos damos conta de que estamos no mundo, o mundo já é mundo, já estamos participando do jogo da vida. Para dar conta dessa tarefa de pertencer ao mundo, pronto e desconhecido, o homem é convocado à busca interminável de desvelamento e articulação do sentido.

Na busca de nós mesmos, a interação com o mundo é de grande relevância. A alteridade do mundo, funciona como um espelho no qual nos refletimos, nos percebemos e formamos nossa individualidade. No dizer de Almeida:

Somos públicos antes de sermos privados, somos comunidade antes de sermos individualidade, somos todo antes de sermos parte[...] basta que olhemos para a nossa vida cotidiana e veremos que nossos costumes são, na maior parte das vezes, heranças; o mesmo se dá com os nossos gostos e preferências, com nossa forma de manifestar a religiosidade e até com o modo que pensamos [...] o que somos é, em grande parte, herança e o primeiro que há em nós é o herdado. (ALMEIDA, 2000, p. 8)

Quando mergulhamos na rotina do cotidiano, sem escutar as perguntas mais profundas, transformando as dúvidas em certezas, corremos o risco de perdermos a nossa singularidade, vivendo o presente de forma inautêntica como se não tivéssemos nem passado e nem futuro.

O automatismo da impessoalidade dificulta a nossa abertura ao diferente e o respeito à pluralidade. Só quando nos abrimos para conhecer, ser, conviver e transcender percebemos o quanto a nossa existência é inacabada e o caminho que temos a fazer.

Apenas quando nos perguntamos sobre a nossa existência, retomando o passado e projetando o futuro para além das ilusões do cotidiano, descobrimos nosso modo mais autêntico de ser, que não significa uma forma estática, um estilo pronto e seguro de viver, mas, a consciência de pertencer ao tempo e assumir no tempo o desafio de encontrar sentido.

O questionamento sobre o modo do homem ser e posicionar-se no mundo pode ser iluminado pela metáfora de Heidegger, que traz à luz o cuidado e a vigilância que marcam a origem da humanidade e a trajetória do homem do nascimento à morte:

Uma vez chegou Cuidado a um rio e viu montes de argila. Cavando, pegou um pedaço e começou a modelá-lo. Enquanto pensava consigo mesmo o que havia feito, se aproximou Júpiter. Cuidado lhe pediu que infundisse espírito ao pedaço de argila modelado. Júpiter o concede com gosto. Porém, ao querer o Cuidado dar seu próprio nome à sua obra, Júpiter o proibiu, dizendo que devia dar-se-lhe o seu nome. Enquanto o Cuidado e Júpiter discutiam sobre o nome, se levantou a Terra (Tellus) e pediu que se pusesse na obra o seu nome, posto que ela era quem havia dado para a mesma um pedaço de seu corpo. Os litigantes escolheram por juiz, Saturno. E Saturno lhes deu a seguinte sentença evidentemente justa: tu Júpiter, por lhe haver dado o espírito, o receberá quando de sua morte; tu, Terra, por lhe haver oferecido o corpo, receberá o corpo. Porém, por haver sido o Cuidado quem primeiro deu forma a este ser, que enquanto viva o possua o Cuidado. E quanto ao litígio sobre o nome, que se chame 'homo', posto que está cheio de húmus (terra).⁴(HEIDEGGER, 1996, § 42)

⁴ O texto da fábula é citado de acordo com F. Bücheler, Rheinisches Museum, vol. 41 (1866), p. 5. É um texto do ensaio de K. Burdach – Faust und die Sorge. Burdach mostra que Goethe extraiu de Herder a fábula que consta como a 220, das fábulas de Higino, tendo-a trabalhado para a segunda parte de seu Fausto.

Segundo a metáfora, o *Cuidado*, foi quem primeiro formou o homem e, enquanto viver o homem pertencerá ao *cuidado*. Entregue ao *cuidado*, o homem é convocado a cuidar⁵ da vida, atento e aberto para o novo. Pertencer ao cuidado significa assumir o desafio de não estar pronto, o risco imbricado na vivência da autenticidade.

A tarefa do homem é buscar a si mesmo, colocando perguntas sobre o seu modo de ser, sem acomodar-se no conforto da impessoalidade e sem perder-se em respostas velhas que não mais sugerem uma direção para escolhas que façam sentido. Apropriar-se de um modo autêntico de ser em possibilidades, é lançar-se ao desconhecido para criar o novo e provocar mudanças que podem ser avaliadas pela capacidade de perguntar para onde vamos.

Através da pergunta sobre o que dizemos ou fazemos, o sentido de *ser-no-mundo* se articula. Perguntamos por que precisamos articular sentido e compreender o mundo ao qual pertencemos e nos compreendermos nesse mundo. Perguntamos por que queremos saber onde estamos, de onde viemos e para onde vamos. Perguntamos porque sabemos que não estamos prontos, estamos a caminho e precisamos de respostas, de sentido para os nossos planos, processos e esperanças.

Cuidando de ser, o homem existe no mundo, o que significa para Gawendo: "estar de tal modo no mundo que este ser designe: lidar com o mundo, permanecer nele num modo de fazer algo, de realizar, de efetuar, mas também de contemplar, de questionar e de determinar por observação e comparação". (GAWENDO 2001. p. 70)

O cuidado é a marca do homem. O sentido de ser, a compreensão⁶ da existência: do mundo, dos outros homens, de si mesmo na sua singularidade e pluralidade, expressa-se nas escolhas que o homem faz do modo de cuidar, a partir de suas experiências e interesses. Critelli associa o cuidado à identidade, às escolhas que o homem faz:

Mas esse cuidar de ser não é aleatório, nem mesmo cuida-se de qualquer coisa. Individual e/ou coletivamente, os homens escolhem o que vai estar sob seus cuidados, aproximando-o e afastando-se de sua cotidianidade, de seu mundo vivido, de sua atenção, de seu interesse. O cuidar de ser é uma possibilidade que se estrutura sobre uma escolha com tríplice aspecto: do que se vai cuidar/do que não se vai cuidar; de como se vai cuidar e/ou não cuidar; de como se vai cuidar do cuidar mesmo. É cuidando de ser, é dando conta de ser que os homens existem como homens e como o homem que cada um deles é. (CRITELLI, 1996. p.120).

⁵ O termo "cuidar" ou "cura", em sua expressão latina significa - zelar, relacionar-se com algo - e é tido por Heidegger como estrutura fundamental do ser-af.

⁶ Compreender significa abarcar, ser capaz de acolher e conter significativamente. É antes de tudo *abertura*. Pois abrimos a significância do mundo. É um saber, embora não seja racional. Por este saber envolvido o homem sabe de si mesmo. Segundo Heidegger todo o compreender é sempre afetivo, isto é, todo o compreender está sempre sintonizado numa disposição de humor.

As escolhas relativas ao como cuidar de ser, falam da articulação dos sentidos. Pode-se cuidar bem ou cuidar descuidadamente, tomando em nossas mãos a nossa existência ou confiando a outros essa tarefa. Ao ser humano é dada a condição de *ser-no-mundo*, lidando com as coisas e compartilhando sentidos novos com e pelo outro. Chamado pelo futuro, na concepção heideggeriana, age em função de uma expectativa, de um para que, de um para onde. Em algumas circunstâncias o sentido é claro e em outras o sentido se esconde. Em sua condição de aberto para o futuro, o ser humano é chamado a suportar o escuro de si mesmo, o escuro de não saber, de não conhecer todas as suas limitações e possibilidades. É sua a tarefa de encontrar um sentido novo para os fatos, desvelar o sentido que muda a cada momento a significação.

5.3 Olhares que interrogam

O investigador fenomenológico cuidando da tarefa de dar conta de ser, volta seu olhar para os outros, para as coisas que quer compreender e para ele mesmo que faz parte do que quer conhecer em sua significação existencial. O olhar do interrogador é um olhar dele mesmo, que preserva a singularidade, mas que não é jamais isolado, é um olhar que envolve aqueles com quem ele é-no-mundo. O olhar fenomenológico requer a atenção aos fundamentos básicos da abordagem.

O interrogador que busca o cuidado com o modo de ser volta sua preocupação para as escolhas. O olhar que interroga compreende um movimento constante em três direções: o que aparece, o como aparece e a reação diante do que aparece, para ampliar sua compreensão. As pessoas, as coisas, o jeito de se manifestarem, as sensações, as lembranças etc. se tornam relevantes para a descoberta de sentido, para que o sentido possa aparecer.

A afirmação de Critelli (1996) sobre a diversidade das maneiras em que o sentido se revela, parece útil para o olhar fenomenológico: "[...] não há nenhuma forma de registro, nenhum questionário, nenhum instrumento que garanta nem a conquista nem a patência do sentido descoberto". (CRITELLI, 1996. p. 135)

Em direção ao sentido de ser, o caminho a ser percorrido é incerto, imprevisível e mutável. Ao interrogador que não quer restringir e aprisionar o sentido, cabe a atenção para o ocultamento das manifestações e para o limite próprio da perspectiva do olhar, que relativiza a verdade, as representações prontas. Daí o desafio de assumir a tarefa de resgatar a coragem para enfrentar e

ressignificar cada acontecer. No dizer poético de Rilke: “No fundo, só essa coragem nos é exigida, a de sermos corajosos em face do estranho, do maravilhoso e do inexplicável que se nos pode defrontar [...] Havendo nele espantos, são os nossos; abismos, eles nos pertencem; perigos, devemos procurar amá-los”. (RILKE, 2001, p 66).

Ao ser humano é dada a condição de se aproximar de si mesmo e do que vem ao seu encontro. Cuidar de ser e escolher o modo de cuidar aparecem como um convite à investigação, que permite ao homem descobrir os mais diversos modos de se manifestar na vida.

O olhar que preserva a singularidade envolve-se com aqueles com quem é no mundo, portanto, as coisas, as pessoas e o jeito de se manifestarem, as relações e os acontecimentos vão tendo sempre maior relevância. Nada pode ficar à margem da vida. No intervalo, do nascimento à morte, o homem é convocado a escutar e discernir entre as tantas vozes e barulhos, entre as solicitações de ser e agir como *todo mundo*, o apelo da sua originalidade, assumindo o risco da solidão. De acordo com Rilke:

“[...] perigosas e más são apenas as tristezas que levamos por entre os homens para abafar a sua voz [...] são momentos de tensão que consideramos paralisias, porque já não ouvimos nossos sentimentos que se tornaram estranhos; porque estamos a sós com o estrangeiro que nos veio visitar; porque, num relance, todo o sentimento familiar e habitual nos abandonou; porque nos encontramos no meio de uma transição onde não podemos permanecer [...] ficamos transformados como se transforma uma casa em que entra um hóspede“[...]” (RILKE, p.27)

A vida nos é dada gratuitamente. Construir, significativamente, a história pessoal e coletiva com a marca do cuidado é o caminho que precisamos trilhar até a morte, em todas as esferas de atuação e conhecimento.

O estudo pretende exercitar a sensibilidade para o olhar que pode ver a partir do que aparece, do que ainda não se mostra. Colocam-se, pois, algumas questões para continuarmos a nossa reflexão e análise: Nos relatos dos participantes da pesquisa o que se pode ver? Como descobrir o sentido escondido naquilo que se mostra? Importa ampliar a compreensão e “aprender a aprender” sempre. Este caminho é o caminho da procura, da espera da plenitude e é tarefa para a vida inteira.

6 – METODOLOGIA

Calixto (2019) citando outros autores, defende que uma pesquisa é qualitativa quando se dirige à análise dos casos concretos em suas peculiaridades.

Moraes e Galiazzi (2016) esclarecem que diferentemente das perspectivas quantitativas, que constroem boas defesas por meio de números, na perspectiva qualitativa este processo deve ocorrer por meio do desenvolvimento de bons argumentos.

No dizer de Pinto e Paula a pesquisa qualitativa é “processo contínuo de elaboração de conhecimento, no qual os resultados apresentam-se parcialmente e se associam firmemente em novos questionamentos, permitindo outras possibilidades de produção de conhecimento”. (PINTO e PAULA, 2018, p.9)

Para Yin (2006, p.7 apud CALIXTO 2019) é relevante o significado da vida das pessoas, nas condições de vida real; que as opiniões e perspectivas da pessoa sejam representadas em seus contextos de vida; que as pessoas possam contribuir revelando conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar na compreensão do comportamento social e humano. O autor alerta para a importância de que se amplie as fontes de evidências, evitando-se basear em uma única fonte.

Na pesquisa qualitativa o conceito de metodologia vem se tornando mais complexo, não se restringindo a um conjunto de métodos e procedimentos. Nas palavras das autoras:

A metodologia é compreendida como um conjunto flexível de diretrizes que vinculam os paradigmas teóricos às estratégias de investigação e aos métodos para a coleta e análise de materiais empíricos. Metodologias são, portanto, compostas por premissas epistemológicas, metateóricas, ontológicas e metodológicas, e determinam a escolha de estratégias ou métodos que, por sua vez, ancoram estes paradigmas em terrenos empíricos específicos ou em uma prática metodológica específica (SANTOS e GRECA, 2013, p. 17)

O movimento para a compreensão da resiliência implicada no processo de formação para a VRC, considera relevante a visão de ser humano, os pressupostos teóricos, fenomenológicos e ontológicos do estudo e nos leva a alguns princípios fundamentais e orientadores do processo que constitui a Análise Textual Discursiva.

6.1 Análise Textual Discursiva: aspectos conceituais

A respeito desta metodologia, as palavras dos autores são elucidativas:

[...] corresponde a uma metodologia de análise de informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos. Insere-se entre os extremos da análise de conteúdo e a análise de discurso, representando, diferentemente destas, um movimento interpretativo, de caráter hermenêutico. (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 13)

De acordo com os autores, o desenvolvimento de um movimento interpretativo com ênfase hermenêutica é reconhecido como uma das características dessa metodologia. Ancorada nos princípios da fenomenologia e da hermenêutica, a ATD busca analisar qualitativamente as informações discursivas por meio da descrição e investigação do fenômeno, foco de estudo, para compreendê-lo, valorizando a importância do participante e da linguagem. Pode ser compreendida por meio de componentes, dos quais se destacam: desmontagem dos textos ou processo de unitarização, estabelecimento de relações ou categorização, captação do novo emergente e um processo auto-organizado. Nas palavras dos autores: “A ATD, inserida no movimento da pesquisa qualitativa não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão, a reconstrução de conhecimentos existentes sobre os temas investigados” (MORAES e GALIAZZI, 2016, p. 33).

De acordo com Moraes e Galliazzi (2016), a desmontagem dos textos ou processo de unitarização, primeiro movimento da ATD, implica em fragmentar, examinar cuidadosa e detalhadamente os textos (*corpus*) para produzir unidades de sentido referentes ao fenômeno estudado. Consideram importantes no processo de unitarização: fragmentar os textos e codificar cada unidade; a intencionalidade de assumir um significado ao reescrever cada unidade atribuindo títulos.

No processo de desconstrução e unitarização do *corpus* o pesquisador, a partir do material empírico, assume o desafio de selecionar os trechos que parecem pertinentes ao contexto e foco do fenômeno investigado, que se configuram como unidades de significado. Elabora palavras chaves e através delas, títulos ou enunciados que representam a discussão da unidade de significado. Nesse movimento gradativo, recorrente de construção, desconstrução e reconstrução, o pesquisador necessita ser criterioso e ter presente o seu projeto de pesquisa, a fim de selecionar as unidades que melhor representem os seus objetivos.

Cavalcante, Henrique e Rocha (2022) afirmam que na unitarização, processo de fragmentar para recompor, é desenvolvida uma atitude fenomenológica de respeito ao outro, de percepção de como os fenômenos se manifestam.

Embora seja o material discursivo da narrativa que desafia a uma nova compreensão teórica, para os autores, não há leitura neutra e objetiva e, portanto, se faz necessário o estabelecimento dos pressupostos que orientem a leitura interpretativa.

O segundo movimento do processo da análise textual discursiva é a categorização ou estabelecimento de relações, através do qual as unidades definidas na fase anterior são comparadas, possibilitando o agrupamento de acordo com as suas semelhanças. “[...] categorizar é reunir o que é comum [...]. Corresponde à simplificações, reduções e sínteses de informações de pesquisas, concretizadas por comparação e diferenciação de elementos unitários, resultando em formação de conjuntos de elementos que possuem algo em comum” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 97).

Conforme os autores, na categorização, as unidades de significado são organizadas em conjuntos lógicos abstratos e possibilitam o início de um processo de teorização em relação aos fenômenos investigados. Esse processo de aperfeiçoamento e delimitação das categorias implica maior rigor e precisão à luz dos conhecimentos tácitos e/ou implícitos do pesquisador. É um processo que “envolve construir relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as, reunindo esses elementos unitários na formação de conjuntos que congregam elementos próximos, resultando daí sistemas de categorias” (MORAES e GALIAZZI, 2016, p. 34).

No processo de construção das categorias, há dois movimentos: o movimento prospectivo, em que as unidades de significado precedem a formação das categorias, denominadas categorias emergentes e o movimento retrospectivo, no qual as categorias precedem e ordenam as unidades de significado e são denominadas categorias a priori. Em geral as categorias emergentes surgem dos instrumentos de coleta do tipo aberto, como as entrevistas semiestruturadas. As categorias a priori são estruturadas a partir de hipóteses pré-determinadas e de instrumentos com questões fechadas.

Cavalcante, Henrique e Rocha (2022), defendem que as categorias emergentes constituem a essência da pesquisa de natureza qualitativa porque possibilitam a construção de teorias novas, despojadas de noções e conceitos pré-concebidas.

As conclusões originam-se do texto/contexto e do seu processo descritivo e interpretativo, no qual o pesquisador detém a responsabilidade autoral.

O conjunto de categorias é construído a partir do referencial teórico que o suporta, ainda que esse olhar teórico pode estar ou não explícito, pois é impossível, de acordo com os autores, investigar um fenômeno sem nenhuma teoria.

Para cada categoria inicial tem-se um conjunto de unidades de significado. Busca-se dar nome a essas categorias, selecionando palavras-chave, por meio dos enunciados, os títulos, das unidades de significado que a compõem e por sequência um argumento parcial para cada categoria inicial. O objetivo do argumento é sintetizar os sentidos expressos nessa categoria inicial e por decorrência nas unidades de significado que a compõe.

A categorização vai sendo construída em diferentes níveis: categorias iniciais, intermediárias e finais. Buscando aproximações entre as categorias iniciais chega-se às intermediárias e, com a mesma intencionalidade se constrói um argumento parcial para cada uma delas. A constituição das categorias finais se exercita no mesmo movimento de construção de um argumento aglutinador pela articulação das categorias intermediárias e iniciais que as compõe.

O exercício de construção dos argumentos é esclarecido no dizer dos autores:

Nesse movimento, o pesquisador, a partir dos argumentos parciais de cada categoria, exercita a explicitação de um argumento aglutinador do todo. Este é então empregado para costurar as diferentes categorias entre si, na expressão da compreensão do todo. Este processo é por natureza recursivo, exigindo crítica permanente dos produtos parciais no sentido de uma explicitação cada vez mais completa e rigorosa de significados construídos e da compreensão atingida. (MORAES e GALIAZZI, 2016, p. 51)

A partir dessas categorias a captação do novo emergente, o metatexto, terceiro movimento da ATD, vai sendo organizado pelo exercício de comunicação das compreensões construídas e emergentes do processo de unitarização e análise que permitem as descrições e interpretações do *corpus*.

O metatexto é composto por um processo de ancoragem das unidades de significados, das teorias emergentes da análise e da compreensão do pesquisador. Os argumentos parciais e aglutinadores, caracterizam-se como elementos essenciais de acordo com Moraes e Galiazzi:

Todo o processo de Análise Textual Discursiva volta-se à produção do metatexto. A partir da unitarização e categorização constrói-se a estrutura básica do metatexto. Uma vez que construídas as categorias, estabelecem-se pontes entre elas, investigam-se possíveis sequências em que poderiam ser organizadas, sempre no sentido de expressar com maior clareza as intuições e compreensões atingidas. Simultaneamente, o pesquisador pode ir

produzindo textos parciais para as diferentes categorias que, gradativamente, poderão ser integrados na estruturação do texto como um todo. MORAES e GALIAZZI, 2016, p. 54)

No quarto momento de análise, processo auto-organizado do qual emerge novas compreensões, embora os resultados finais, criativos e originais não possam ser previstos, o esforço de preparação é essencial para o surgimento e concretização do novo. Trata-se de um processo que se constitui pelas três etapas anteriores.

Cavalcante, Henrique e Rocha (2022) a partir de uma metáfora utilizada pelos autores da ATD que a compara ao exercício da movimentação de um rio, entende que a ATD representa um mergulho aprofundado no movimento rio acima, contra a correnteza.

Dessa forma, essa metodologia revela-se apropriada para as histórias de vida, pela abrangência das técnicas de análise que envolvem movimentos descritivos e interpretativos na perspectiva crítica e por entender como produções linguísticas os textos, referentes a determinado fenômeno e originadas em determinado tempo e contexto. São vistos como produções que expressam discursos sobre diferentes fenômenos e que podem ser lidos, descritos e interpretados, correspondendo a uma multiplicidade de sentidos possíveis. (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 38 apud CAVALCANTE, HENRIQUE e ROCHA, 2022).

Elegeram-se a ATD como metodologia de análise e interpretação de histórias de vida pela possibilidade de dar voz aos participantes na compreensão da resiliência, tema desse estudo. A escolha da ATD se justifica na medida em que nas palavras dos autores: “[...] não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão, a reconstrução de conhecimentos existentes sobre os temas investigados”. (MORAES e GALIAZZI, 2016, p. 33).

6.2 – Participantes

Os participantes da pesquisa são religiosos (Irmãs, Irmãos, Freis, Freiras), em processo de formação para a Vida Religiosa Consagrada, na etapa do Juniorato⁷, com idade entre 21 e 40 anos,

⁷ Os participantes desta pesquisa são pessoas em formação para a vida religiosa consagrada, que professaram e buscam vivenciar os conselhos evangélicos através dos três votos religiosos: pobreza, castidade e obediência, seguindo as

que vivem em comunidades religiosas (conventos), nas diferentes Congregações, Ordens ou Institutos de Vida Consagrada nas diversas realidades do Brasil.

Na primeira etapa em que foi aplicada uma Escala dos Pilares de Resiliência, que será melhor explicada na coleta de dados, participaram 38 religiosos e na segunda etapa, participaram de três Entrevistas¹⁰ religiosos previamente selecionados.

Por se tratar de pessoas em formação para a Vida Religiosa Consagrada, que realizaram as etapas previstas no Código de Direito Comum e/ou nas regras particulares dos Institutos e professaram os primeiros votos, têm entre 5 a 10 anos de formação. Com exceção de 1 participante os demais fizeram um curso de graduação, alguns estão fazendo o segundo curso e realizam a missão de acordo com as necessidades do Instituto ou Congregação a que pertencem.

A escolha dessa etapa se justifica pela peculiaridade da mesma. Nas etapas anteriores a formação acontece, em geral em um ambiente bem propício, com um tempo bem estruturado para facilitar a interação dos formandos, sempre que possível em grupos, com idades próximas, acompanhados por um formador ou formadora.

Depois dos primeiros votos, os Junioristas passam a viver nas diversas comunidades religiosas e o acompanhamento do formador (a), em geral mais distante. É comum nessa etapa enfrentar a dificuldade para vivenciar os valores aprendidos, conciliando os compromissos da missão, da vida fraterna e dos estudos acadêmicos.

Os participantes, de alguma maneira, tiveram as suas vidas marcadas por diferentes tipos e graus de adversidade. Para efeito de preservação das suas identidades, utiliza-se nomes fictícios e não serão revelados a cidade ou estado de origem nem onde moram, idade, profissão nem os nomes das Congregações, Ordens ou Institutos de Vida Consagrada a que pertencem.

Embora considerando a relevância da contribuição da mulher na Igreja e no mundo, serão utilizados na linguagem, em alguns momentos, as formas masculina e feminina, mais inclusivas, em outros, apenas a forma masculina de acordo com a gramática formal, para facilitar a compreensão do texto.

6.3 Coleta dos Dados: Instrumentos

normas e regras de um instituto de vida consagrada. O Juniorato é a etapa de formação entre os votos temporários e a profissão definitiva. (Direito Canônico, 1983)

A coleta dos dados se realizou em 2 etapas, após aprovação da Plataforma Brasil, do Conselho de Ética da Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Santos, parecer: 5.336.675 e devolução do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos envolvidos conforme anexos. Sobre os aspectos éticos, previu-se riscos psicológicos mínimos como o cansaço e o desconforto do participante por se sentir avaliado.

Assegurou-se aos participantes a possibilidade de suporte da parte da pesquisadora que é psicóloga, durante à pesquisa, caso fosse necessário, e/ou encaminhamento aos serviços da comunidade. Como benefícios, além de contribuir com a Ciência e com a Vida Religiosa Consagrada, ao final da Pesquisa, os participantes que desejarem, podem receber um relatório com a classificação de características consideradas pilares da Resiliência, úteis ao processo formativo, indicando as suas forças e fragilidades acerca da resiliência.

6.3.1 Primeira Etapa: Escala dos Pilares da Resiliência (EPR)

Esta escala foi o primeiro instrumento de coleta de dados, para o qual foram convidados os formandos para a Vida Religiosa Consagrada na etapa do Juniorato, através de convite explicado por telefone e enviado por e-mail às assessoras da CRB de todas as regionais, que se encarregaram de enviar a todas as Comunidades Religiosas do Brasil. Escolheu-se utilizar a Escala de Resiliência como instrumento de seleção para os participantes da etapa seguinte.

No espaço de tempo previsto no convite para a comunicação, retorno dos dados pessoais necessários para envio do link da plataforma e possíveis esclarecimentos, 42 religiosos se apresentaram como voluntários. Participaram da avaliação dos Pilares da Resiliência 42 formandos, sendo 4 excluídos por não estarem dentro dos critérios de idade e 38 participantes validados. A EPR foi aplicada e analisada através da Plataforma Online de Correção de Testes da Vetor Editora. Com as devidas orientações, os participantes leram e opinaram sobre as 90 afirmações, marcando um x, se concordavam ou discordavam total ou parcialmente. A avaliação gera escores para as 11 áreas investigadas.

De acordo com as autoras Cardoso e Martins (2013) a EPR foi construída com amostra de 833 pessoas dos Estados de São Paulo e Santa Catarina, para identificar 11 características, consideradas pilares da resiliência. Segundo as autoras o instrumento foi avaliado através do

método alfa de Cronbach para cada um dos fatores separadamente e a maioria dos coeficientes variou de 0,71 a 0,88, indicando que todos os fatores apresentam índices de confiabilidade aceitáveis.

Segundo as autoras, a Escala possui validade para toda a população brasileira, conforme os resultados demonstrados. Os 90 itens da Escala dizem respeito às 11 áreas investigadas na Escala, consideradas pilares da Resiliência:

- 1) Autoeficácia refere-se à crença e percepção da pessoa sobre suas próprias capacidades;
- 2) Autoconfiança como a capacidade da pessoa para sentir-se segura por acreditar que pode colocar-se diante de qualquer situação com uma postura forte e eficaz;
- 3) Controle emocional como a capacidade de controlar as emoções, evitando ter ataques de ira e conduta agressiva;
- 4) Orientação positiva para o futuro refere-se à pessoa que acredita que irá vencer, pensa positivamente em relação aos acontecimentos de sua vida, seja no campo profissional, familiar ou pessoal, possui objetivos claros e luta para concretizá-los;
- 5) Valores positivos dizem respeito à qualidade de se comprometer com valores e de estender o desejo pessoal de bem-estar à humanidade, de diferenciar o bem do mal, além do anseio de viver uma vida pessoal satisfatória, ampla e com riqueza interior;
- 6) Empatia como a habilidade de se colocar no “lugar do outro”, perceber o estado emocional, pensamentos e sentimentos de outra pessoa, sem que ela necessariamente o diga e compreender as razões que a levam a se comportar de determinada maneira;
- 7) Reflexão refere-se à capacidade de manter o auto distanciamento diante de um problema para poder refletir sobre a melhor solução com sabedoria, inteligência e crítica;
- 8) Sociabilidade, habilidade de ser relacionar e criar laços de intimidade com outra pessoa, com intuito de equilibrar a própria necessidade de afeto;
- 9) Aceitação positiva para a mudança como reconhecimento de que as mudanças e as situações difíceis podem oferecer oportunidade de crescimento;

10) Independência como a capacidade de manter distância emocional e física de outras pessoas, sem cair no isolamento;

11) Bom humor, refere-se à habilidade de usar o bom humor para lidar com os problemas, não para negá-los, mas para possibilitar alívio e uma forma de enxergar a vida de maneira otimista.

Após a correção e soma dos escores, são identificados os percentis de cada característica e analisados suas classificações conforme o Quadro 1.

Quadro 1: Percentis e classificações da EPR.

Percentis	Classificações
1-20	Muito baixa
21-40	Baixa
41-60	Média
61-80	Alta
81-99	Muito alta

Fonte: Cardoso e Martins (2013)

6.3.2 Segunda etapa: Entrevistas semiestruturadas

Os 10 participantes para as entrevistas foram previamente selecionados a partir do resultado da EPR: 5 participantes que obtiverem classificação muito alta ou alta e 5 participantes que obtiverem classificação muito baixa ou baixa, em maior número de características reconhecidas como pilares da resiliência. As entrevistas foram realizadas para cada participante separadamente, com duração de até 70min, através da plataforma Meet google, em dias e horários previamente combinados, respeitando-se o espaço de 7 dias entre uma entrevista e outra. Nas entrevistas, a pesquisadora se apoiou em roteiros orientativos, em anexos, e registrou as narrativas dos entrevistados.

As entrevistas visaram conhecer alguns aspectos da trajetória de vida dos participantes, ou seja, adversidades enfrentadas antes e depois da entrada para a VRC, visão sobre o processo formativo e outros fatores e aproximações nos caminhos percorridos. Tiveram como fio condutor a questão proposta aos participantes: Preciso que você me conte sua história de vida. Você pode

começar por sua infância, suas vivências na escola, contar o que foi acontecendo antes e depois da sua entrada para a Vida Religiosa Consagrada. Você não precisa ter pressa, pode dizer como se sente na atual etapa de formação, os seus sonhos e suas perspectivas de futuro. O que for importante para você me interessa. Vamos retomando esses pontos, com perguntas, se forem necessárias.

Em uma das entrevistas foram apresentadas as características da resiliência avaliadas na EPR e os entrevistados foram convidados a dizer de que maneira a Comunidade Religiosa a que pertencem contribui ou não para a construção das mesmas.

De acordo com Gil (2017) a entrevista semiestruturada permite a livre expressão do entrevistado e, ao entrevistador, manter o seu foco. Nesse sentido manteve-se o foco em perguntas relacionadas às adversidades vividas na família, escola, vizinhos, igrejas, comunidades; significados das vivências; reações e enfrentamento da dor; tipo de ajuda que receberam; visão de futuro etc., que apontavam para as questões norteadoras da pesquisa.

7. ANÁLISE DOS DADOS

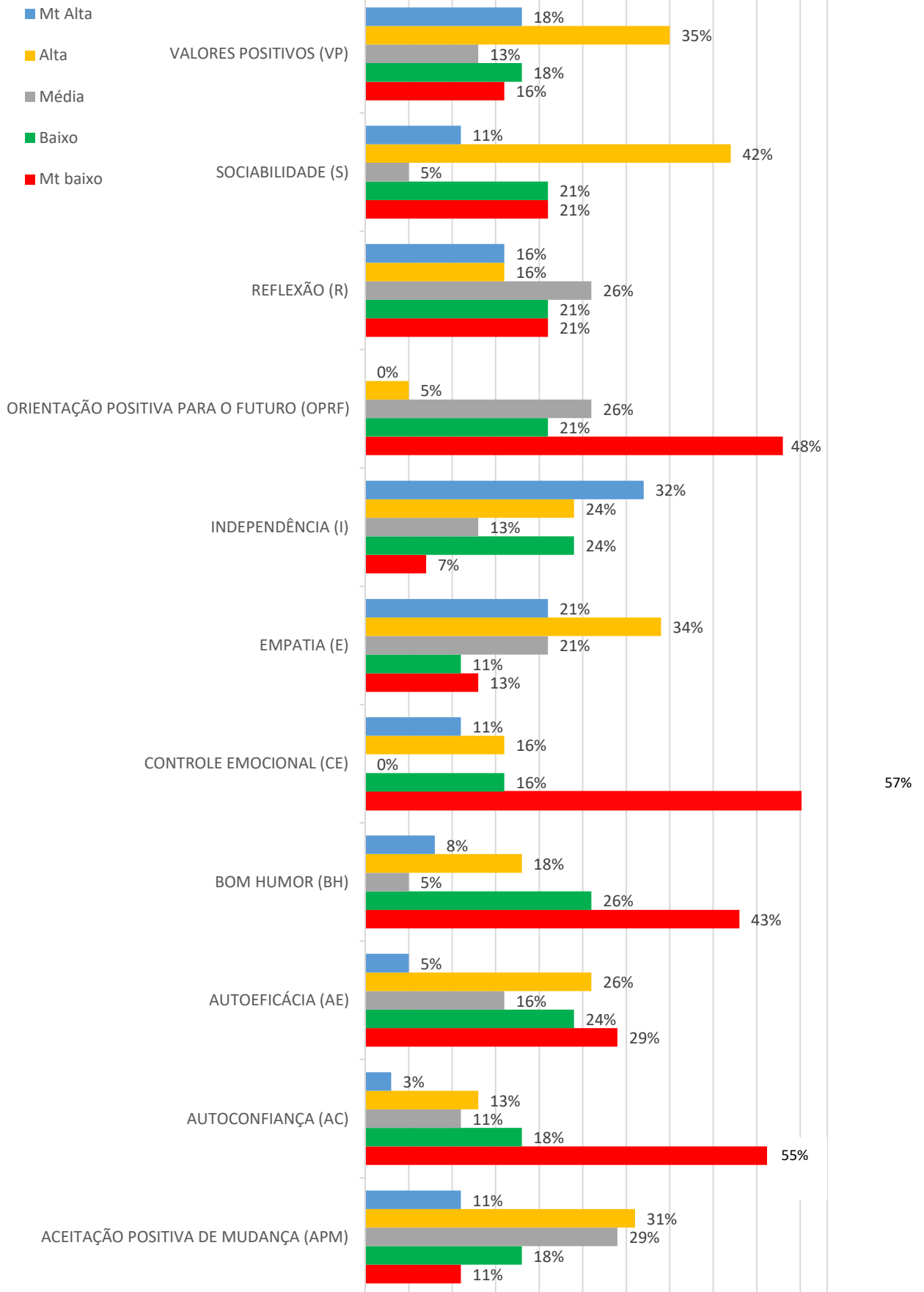
7.1 A diversidade das vozes: dados da EPR e das entrevistas (corpus textual)

Como já foi dito, a aproximação dos participantes através da Escala dos Pilares da Resiliência resultou na classificação das características da resiliência mais desenvolvidas (classificação alta) ou menos desenvolvidas (classificação baixa) e teve como objetivo facilitar a escolha dos participantes para a segunda etapa: as entrevistas.

O resultado da EPI apresentou dados interessantes, colaborando com a análise qualitativa que é o foco do nosso estudo. De acordo com Bicudo (2016 apud BRASIL, 2019) na perspectiva fenomenológica o objeto não é visto como objetivamente dado, mas constituído pelo ser humano na intersubjetividade vivida no mundo com os outros, é dado na percepção e abraçado pela consciência compreendida como intencionalidade e significa ir em uma direção, estender-se, tender a abrir-se, tornar-se atento, dar-se conta de. A intencionalidade é um movimento que traz consigo os atos e os atualiza pela articulação dos sentidos em palavras, produzindo significados e possibilidades de expressão.

Vamos para dados obtidos como resultado EPR, gráfico.

Dados obtidos através da EPR - 38 participantes
Classificação das 11 Características da Resiliência



Como se pode ver no gráfico, a Independência como a capacidade de manter distância emocional e física de outras pessoas, sem cair no isolamento foi o fator mais desenvolvido com classificação muito alta e alta (32% e 24%). A independência é característica relevante para o contexto da pesquisa em que a Vida Religiosa, entendida como existência consagrada à Deus e as pessoas, que tem como um dos pilares a vida fraterna como capacidade para colocar todas as forças no Projeto comum em defesa da vida plena para todos, sem perder a capacidade de viver a solidão e na solitude que fazem parte do caminho de quem escolhe esse estilo de vida.

Outras características reconhecidas como pilares da resiliência que são significativas para o processo formativo porque implicam na liberdade para a relação e realização da missão cujo lugar é o mundo com suas imprevisibilidades, aparecem com as classificações muito alta e alta: Empatia, como a habilidade de se colocar no lugar do outro (21% e 34%), Valores Positivos, como a qualidade de saber escolher e se comprometer com valores, desejar o bem-estar para si e para os outros para além da satisfação aparente (18% e 35%), Sociabilidade como habilidade para criar laços afetivos, vivenciar a intimidade sem se perder nas relações (11% e 42%) e Aceitação Positiva de Mudança como reconhecimento de que as mudanças e as situações difíceis podem oferecer oportunidade de crescimento (11% e 31%).

É curioso o resultado acerca do fator Reflexão, como a capacidade de manter o auto distanciamento diante de um problema para poder refletir sobre a melhor solução com sabedoria, inteligência e crítica. A amostra divide-se em 32% com escores alto e muito alto, 26% médio e 42% com escores baixo e muito baixo. Em geral a reflexão é muito estimulada no contexto de formação, tanto no que se refere a estudos acadêmicos quanto de conteúdos de espiritualidade, valores, pastorais etc. Um número significativo com escore baixo e muito baixo a respeito da reflexão leva a pensar na necessidade de integrar as dimensões: cognitiva (conteúdo intelectual), afetiva (coração, sentimentos) e volitiva (vontade, determinação) para uma mesma linguagem da mente, do coração e das mãos em vista de fortalecer a capacidade de discernir e de escolher como transitar nas situações difíceis.

Já os pilares com menores escores que receberam mais vezes as classificações Baixo e Muito baixo tem relação muito direta com o desenvolvimento e bem-estar: o Controle Emocional, como a capacidade de controlar as emoções, evitando ter ataques de ira e conduta agressiva (16% e 56%), a Autoeficácia, como a crença e percepção da pessoa sobre suas próprias capacidades (18%

e 55%), a Autoconfiança, como a capacidade da pessoa para sentir-se segura por acreditar que pode colocar-se diante de qualquer situação com uma postura forte e eficaz (18% e 55%), Bom Humor, como habilidade para lidar com os problemas, sem negá-los, mas com leveza e otimismo que possibilitam alívio (26% e 43%) e a Orientação positiva para o futuro como abertura para pensar positivamente, acreditar que pode vencer, ter objetivos claros e empenhar-se para concretizá-los (21% e 48%).

De acordo com Cardoso e Martins (2013) o resultado, alto escore em alguns fatores citados, indica que os participantes da amostra possuem, em geral, características reconhecidas como pilares da resiliência e capazes de adaptar-se positivamente frente às adversidades. As características com baixos escores: autoconfiança, autoeficácia, autocontrole, bom humor e orientação positiva para o futuro, não são menos relevantes. Indicam que são pessoas inseguras e com pouca iniciativa por não confiarem em si. No contexto de formação para a Vida Religiosa Consagrada a dificuldade para lidar com as próprias emoções, a falta de esperança no futuro e de leveza (bom humor) no enfrentamento das adversidades tendem a dificultar muito e/ou comprometer a qualidade da vida/missão. É preciso um olhar mais demorado. O que se nos dizem os entrevistados?

7.2 – Conhecendo os entrevistados da pesquisa: as unidades de significado

A escolha pela narrativa e análise de histórias de vida de participantes com classificação alta e muito alta e participantes com classificação baixa e muito baixa, em maior número de características reconhecidas como pilares de resiliência em uma primeira avaliação (EPR), não pressupõe de nenhuma maneira a crença no determinismo humano, garantia de “bem ou mal estar”, de vida exitosas ou fracassadas. Embora o estudo esteja voltado para as pessoas em formação para a VRC, as descobertas poderão ser aplicadas a outros contextos. Um olhar fenomenológico suspende o prévio conhecimento dos níveis de resiliência obtidos através da EPR para olhar mais demoradamente o fenômeno. Na aproximação e atenção à singularidade de cada entrevistado o que aparece?

Recortes das histórias narradas pelos entrevistados possibilitarão a aproximação do contexto sociocultural no qual eles cresceram desde a infância, das adversidades vivenciadas antes e depois da entrada na VRC e ao longo do caminho.

Pela crença de que as histórias narradas estão imbricadas na circularidade do tempo: passado, presente e futuro, procura-se olhar para as adversidades selecionadas pelos entrevistados na busca do sentido, na descoberta e realização de sonhos. No dizer de Pompéia e Sapienza: “O sentido, isso pelo que vale a pena viver, o que dá a direção, se configura naquilo que chamamos de meu sonho”. (POMPÉIA e SAPIENZA, 2011, p. 95)

Os entrevistados parecem ter aprendido muito cedo que precisavam de esforços, alguns gigantescos, para não desistir de navegar nas torrentes da vida.

Na perspectiva fenomenológica, a intencionalidade humana apreende o sentido das experiências vividas e nos possibilita um caminho de reflexão sobre a existência humana, dando destaque à experiência vivida no cotidiano das pessoas: seu agir, seus projetos, sua condição de existir e seu relacionamento consigo, com os outros e com o mundo. A experiência vivida no cotidiano parece sugerir a investigação de cada fenômeno como algo que se mostra, como algo percebido, recordado, sonhado, etc., observando as características dos significados dados, a caminho da descoberta do sentido.

Nesse estudo procura-se compreender as diferentes leituras e interpretações que cada entrevistado faz das adversidades, em cenários semelhantes, as experiências que constituem o processo de resiliência.

De acordo com Pompeia e Sapienza (2011) o dom de ser livre significa efetivar o modo de existir, *ek-sistir*, ser-no-mundo cuidando da tarefa de vir a ser si mesmo. Nos próximos parágrafos, vamos inserindo as vozes dos entrevistados de acordo com as unidades de significado por eles produzidas durante os seus relatos. Os relatos dos entrevistados falam da sua condição de existir e poder vir a ser.

Na voz de Cleide:

[...]Meu pai era alcoólatra e isso interferiu no aprendizado. Nem sempre dava conta de fazer as atividades como gostaria. Era difícil concentrar porque sempre ficava pensando que poderia acontecer algo de grave com ele ou com a família. Na primeira série não conseguia ficar na sala de aula muito tempo, se a porta fosse fechada eu tinha pavor [...] fiz um

combinado com minha mãe que se ela deixasse eu ficar fora da escola, eu voltaria bem no ano seguinte. (CLEIDE)

Cleide se mostrou à vontade em todas os encontros. Disse que se percebe como uma Religiosa que precisa muito aprender a ser cristã e a viver o que o Evangelho pede. Antes não se via com condições de fazer o processo formativo, chegou a desistir e, depois de um tempo, retomou o caminho. Hoje procura se culpar menos. Sente-se chamada por Deus como é e como está, sabe o que tem para oferecer e o que pode ser. Sobre as adversidades, Cleide disse que alguns fatos a marcaram:

[...] Sou a 7ª Filha de 10 e sempre, desde pequena, ajudei nos trabalhos: plantar, colher e vender, embora minha mãe não exigisse. [...]na escola sempre chamou a minha atenção a divisão explícita das turmas pela classe social, não por conhecimento ou outro motivo. Uma cidade de 5.000 habitantes. Todas as crianças de baixa renda ficavam na mesma turma [...] meus irmãos se afastaram da escola, mas eu sempre fui muito persistente, mesmo no ano que fiquei fora da escola eu pedia alguém para me ajudar, ficava tentando e quando retornei sabia ler e escrever. (CLEIDE)

Nos relatos de Fábio, embora o cenário seja semelhante pelas restrições do ambiente, o sofrimento como a interpretação da dor feita por ele ao longo da vida, parece apontar compreensões e possibilidades bem diferentes. Fábio se apresentou como uma pessoa muito medrosa, fechada, que não gosta de se sentir invasiva, retraída. Mostrou-se inseguro em relação ao que os outros pensam dele, as pessoas mais próximas dizem que é mais aberto, mais brincalhão, mas ele mesmo não sabe porque outras dizem que é fechado e cobra demais. Sobre as vivências na família diz:

[...] Até hoje eu trago marcas desses tempos. Minha família era de poucos recursos e meu pai era doente, cadeirante. Meus irmãos trabalhavam e eu ficava em casa cuidando dele. Meu pai dependia totalmente de mim e eu sofria por não estar preparado para ver o sofrimento dele e também por não poder sair de casa, como queria. Na adolescência meu pai faleceu. (FÁBIO)

Em outro cenário está Leandro. Ele está fazendo uma segunda graduação e expressa em sua fala a diversidade dos seus interesses e valores. Disse gostar de ler, rezar, viajar e escutar os outros. Percebe-se tranquilo, aberto ao novo, mas observa o lugar que está pisando. Estudou em uma escola pública reconhecida como uma das melhores do seu estado e considera significativa a sua construção crítica, como ser humano, no aprendizado da convivência com as pessoas, com a natureza e com os valores. Sente-se integrado e entende que fortaleceu a identidade cristã na família, na Igreja e seminário. Sonha ser padre e continuar na congregação religiosa que o ajuda a

compreender quem é, vivendo sua vocação de missionário na simplicidade e na alegria. Sobre as diversidades enfrentadas diz:

Na infância e adolescência as maiores dificuldades foi lidar com a timidez e a vergonha que contribuíram para perder as oportunidades de amizades mais sólidas. Enfrentei essas dificuldades me expondo: fazendo leitura na Igreja, tentando conversar mais, sem me anular nem me agredir, sem me forçar em excesso, sabendo dos limites. [...] O noviciado eu fiz no exterior. Foi uma mudança sair do país, viajar de avião. O meu irmão pegou COVID, na época que não tinha UTI, fiquei muito aflito, com medo de não conseguir me despedir, caso morresse. Foi o momento mais dramático que vivi, mas consegui conversar e me adaptei bem. (LEANDRO)

Dando voz a Iara. Ela disse que se percebe espontânea, tranquila, mas intensa, que encontra sentido nas coisas e nas relações. Sorrindo, lembrou que os mais próximos, os amigos, a veem como uma pessoa difícil, porque não aceita as coisas como dadas, procura entender os motivos. Aceita, mas aceita questionando, porque não é máquina de reprodução. Gosta de conversar e cuidar das pessoas. Diz estar se descobrindo com possibilidades de crescer, mas precisa de tempo para se reconstruir. Relata a dificuldade de relacionamento desde a infância na família, que aparece em todas as etapas do processo formativo. Em relação às adversidades do passado assim se expressa:

[...] As maiores dificuldades foram na relação, desde pequena com minha família. Meu pai trabalhava em São Paulo e eu ficava com a mãe e o irmão. Brigava com o irmão por conquista de espaço. Brigava com a mãe porque ficavam do lado do meu irmão. Saí de casa por uma briga com meu irmão. Guardei raiva até dos familiares que interferiam. Fui morar com uma tia, aos 14 anos e só aumentaram as dificuldades. Morava de favor e ela exigia muito, precisava trabalhar fora e fazer os trabalhos de casa. Não tinha tempo para fazer as tarefas da escola. (IARA)

Robson diz estar em processo de descoberta, se conhecendo e se percebendo não como algo fechado, definido, mas como uma pessoa agregadora. Escuta dos amigos que ele talvez não tenha uma identidade definida, que passa de um extremo ao outro e a sua convicção é de que nada o encerra. Agrega, porque é convicto de que tudo é passível de mudança e de que pode aprender sempre. Narra sua história de vida bem marcada pelas adversidades exemplificando as suas fragilidades e as possibilidades de mudança, de superação, de busca de sentido. Uma memória agradecida que mostra com detalhe, o seu esforço para assumir as dores e sair fortalecido e a ajuda das pessoas: família e educadores como redes de proteção e apoio. Da escola, recorda:

[...] Estudei em escola pública, era o que tinha. Uma coisa bem significativa para mim desde a educ. infantil e no fundamental, foi a dificuldade para ler, escrever, fazer cálculos, tudo

para além da dificuldade de dicção que me fazia sofrer muito. Para uma criança passar por tudo que passei e superar é muito importante. Com a ajuda da família e dos profissionais desenvolvi a cognição e resolvi os problemas de dicção cem por cento. Algumas vezes, se falo muito rápido as pessoas não compreendem, fico um pouco complexado, mas consigo me comunicar bem. Através de tratamento indicado pela escola com o psicólogo, fonoaudiólogo e psicopedagoga aprendi a ler e a escrever em todas as etapas até oitava série. Nunca fui reprovado, por opção dos professores visando não me prejudicar, para não me sentir menosprezado nem diminuído porque eu me esforçava muito, não faltava às aulas, me comportava bem e fazia o tratamento proposto. Para o Ens. Médio cheguei 'supimpa'. (ROBSON)

Ao narrar a sua história Maria Lúcia mostra a busca de ser livre para a determinação como a força para o compromisso com as coisas, com os valores da família, da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada. Parece estar compreendendo que o compromisso não é o oposto da liberdade, embora desde criança tenha experimentado o peso de ter que escolher como lidar as adversidades, às vezes sozinha. Nas palavras de Maria Lúcia:

[...] Eu comecei a estudar já com 10 anos. Morava em uma área de garimpo e era perigoso sair. Foi um impacto muito grande. Lá na escola, pública, eu descobri que era pobre, no contato com outras crianças que eram diferentes, sofri muito. Morava em uma área de garimpo bem afastada, longe dos vizinhos, eram todos pobres, não tinha divisão. Na escola foi um choque perceber a diferença na forma de vestir e de tudo das outras crianças e como eram tratadas. Senti muita raiva. Não tive dificuldade para aprender, porque tinha muita vontade de ler eu me destravei. Na infância tinha o pai como herói e descobri que ele traía a minha mãe e gastava com outras mulheres. A 'casa caiu'. Descobri que sentia muita raiva do pai. Para mim, quando o pai traiu minha mãe, traiu a família inteira. Esse homem que brincava, que me deu carinho, virou um monstro. (MARIA LÚCIA)

Natan fala de um "bem-estar" geral que vai se dando pela aceitação daquilo que é e pela busca de ser o que é chamado a ser. Empenha-se com responsabilidade nos estudos, mesmo sem gostar de estudar, pelo sonho de ser um bom Padre. Vai se refazendo no processo formativo, na vida comunitária e vivência dos votos: pobreza, castidade e obediência. A Igreja, para ele, sempre foi o lugar de partilhar seus dons. Sobre as adversidades vividas antes de iniciar o processo formativo, diz:

[...] A presença física do pai foi fraca. O pai trabalhava em outra cidade e eu fui criado só pela mãe. As vezes faltava as coisas básicas. Via o pai uma vez por ano. Buscava não afrontar, não desobedecia, mas não tinha afeição, não o amava. Eu tinha medo dele, o que me afetou depois. Eu tinha repulsa com a figura de autoridade. Na escola sempre foi o menor da turma, sempre andava com as meninas, falava fino, não jogava bola. A mãe não deixava, o protegia muito. Sofria *bullying*, mas não reagia, era a irmã que o defendia. (NATAN)

Para Rosa Maria o processo de formação representou uma grande mudança. Percebe-se envolvida com a fraternidade, missão, faculdade, em comunhão com outras comunidades religiosas, nos encontros e formações da CRB. Desde a primeira etapa do processo formativo, o

Aspirantado, ela se trabalha em relação à timidez que a faz sofrer muito, porque no processo formativo, segundo ela, precisa tomar iniciativas e o medo a paralisava. A formadora propôs para ela o acompanhamento psicológico, dizendo que a ajudaria principalmente na relação com os pais. No início teve medo, mas aceitou fazer terapia. Foi sempre difícil o relacionamento com os pais biológicos, não conseguia acolher nem os admitir como pais, sem nunca ter convivido com eles. Conheceu a mãe quando tinha 17 anos. Antes, diz que ignorava a mãe. As maiores dificuldades antes da entrada na Casa de Formação, foram relacionadas à convivência com a família.

[...] Eu e a minha irmã gêmea sempre moramos com nossos avós maternos. A mãe foi para outra cidade para trabalhar. Meus pais biológicos nunca morarem juntos. Depois que o avô morreu passamos por grandes dificuldades financeiras. Eu e a minha irmã tínhamos dificuldade para sair para estudar e para as coisas da Igreja porque vó não tinha companhia. Da infância lembro de que era teimosa, desobediente e respondia muito. Na adolescência meu avô bebia muito, brigava com a vó, comigo e com a minha irmã. Eu ficava com raiva, mas não respondia quando ele brigava. Saía e ia fazer outras coisas. (ROSA MARIA)

No relato de Sílvia parece que a qualidade da comunicação é o fio de sentido que vai costurando os acontecimentos da sua história e ressignificando sua relação consigo, com os outros e com Deus. Diz ser comunicativa, educada, por vezes uma pessoa introspectiva. Hoje a busca é para integrar-se. Era educada, mas muito tímida, não se abria e não falava de si. Aos 14 anos decidiu mudar, enfrentar a timidez na escola, nos grupos de jovens. Não quer perder a capacidade de reflexão, a introspecção, mas olhar para si e para fora. O que a estimulou a enfrentar a timidez foi o desejo de evangelizar que começou na Igreja e depois o desejo de fazer novos amigos. Gosta muito de música, de tocar vários instrumentos. Entre outros sonhos: ser maestra, estudar Bíblia, rezar e ensinar a rezar com a Palavra de Deus e com a música. Entende que na condição de tímida, era mais fácil a segurança das pessoas conhecidas. Resolveu fazer diferente. Decidiu mudar para facilitar sua vida. Decidiu acolher a sua história e se abrir para as possibilidades:

[...] O meu pai não assumiu nenhuma responsabilidade comigo nem com a família. Morei sempre com minha mãe e a irmã que precisavam trabalhar para o sustento. Aprendi que só podia confiar em duas pessoas: minha mãe e minha irmã. E me questionava muito sobre isso. Desde pequena precisei ficar sozinha em casa, com o cadeado fechado[risos] às vezes esquecia aberto. O dia dos pais era bem sofrido. Doía fazer a tradicional lembrança para o pai, que para mim não fazia nenhum sentido. Eu fazia só porque não queria prejudicar as notas. Filha e irmã de professora aprendi o valor e a importância do estudo para mudar de vida. Eu fazia a “lembrança” do meu pai como era ensinado na escola e guardava para se um dia ele fosse em casa. Ia poucas vezes no ano. (SÍLVIA)

Pompeia e Sapienza (2013) esclarecem que o primeiro apelo de “si mesmo” é ser capaz de ouvir o que lhe diz respeito e ser fiel a si mesmo. Essa fidelidade a si mesmo tem algo em comum com a raiz da fé e significa poder confiar. Confiar em si mesmo não é ser alguém cheio de si, até

porque, para os autores, alguém cheio de si é alguém cheio de nada. “Poder confiar em si, como forma de ouvir o que lhe diz respeito, é poder corresponder à sua própria essência, [...] é abrir-se na perspectiva do tempo histórico que se alonga para além do agora [...] é poder se livrar do ofuscamento do imediato e estar aberto à confiança no caminho.” (POMPEIA e SAPIENZA, 2011, p. 27)

A história de Vania fala das renúncias como condição para escolher e livrar-se do ofuscamento do imediato. Em seus relatos, ela refere a si mesma como alguém em desenvolvimento, em constante aprendizado. Contou que entrou para a VRC já adulta, mas o processo formativo ainda é um período de desconstrução e construção de si mesma. As Religiosas, segundo ela, trabalham muito, utilizam bem o tempo e vivem intensamente, tudo dinâmico: trabalho, oração, vida fraterna, estudos. Está envolvida com várias atividades e pessoas: muita doação, muitos compromissos. Antes pensava que as Irmãs só rezavam. Em suas palavras:

[...] Quando entrei já era adulta, formada, já tinha uma estabilidade profissional, financeira. Senti o chamado e iniciei o processo de renúncias, deixar os pais, deixar a família, deixar a empresa para iniciar uma vivência de total desapegos. Tive que renunciar as coisas boas para algo que também é bom: um novo caminho, o seguimento de Jesus como religiosa consagrada. Mudaram completamente as prioridades, os horizontes. Antes: para onde vou viajar nas próximas férias? Na VRC, um processo de deixar-me conduzir por outras pessoas que acompanham em vista de um projeto comunitário. Estou aberta no processo, purificando as motivações. Não é um processo só emotivo, é bem pensado também. (VÂNIA)

Grotberg (2005) afirma que as interpretações vão possibilitando, ao longo do tempo, as novas ideias sobre a natureza da resiliência são um dos privilégios da pesquisa e reflexão sobre essa temática, considerando que as diferenças culturais diminuem quando as novas ideias são valorizadas e contribuem para o efetivo crescimento humano.

A condição de existir dos entrevistados parece apontar para pensamento da autora e de outros estudiosos que defendem que a resiliência, embora ligada ao desenvolvimento humano, independe do gênero e da idade e não tem relação com o nível socioeconômico. A pobreza é vista como condição inaceitável, mas não como impedimento para a resiliência, que não se confunde com inteligência ou rendimento escolar e não tem conexão com a classe social.

Na perspectiva fenomenológica, a depender da interpretação e reação da pessoa aos eventos, as experiências se configuram como processos mais resilientes ou menos resilientes.

Apesar da situação de pobreza ou distâncias da escola da maioria dos entrevistados na infância e/ou adolescência, todos cursaram o Ensino Médio e apenas uma entrevistada não fez um Curso superior. Os demais são graduados e alguns fazendo a segunda graduação. Uma das grandes unidades de significado parece ter sido as cicatrizes deixadas pela falta ou negatividade da presença do pai. A presença do pai é recordada como ausente ou ameaçadora para Natan que foi criado pela mãe, porque o pai trabalhava em outro estado, aparecia uma vez por ano, ele não o amava e sentia medo do pai. Para Isis presença indiferente e às vezes envolvida nos conflitos familiares. Motivo de frustração e raiva para Maria Lúcia, que recorda com muita dificuldade a traição do pai à mãe que ela entendeu como traição à família. Presença que parece inexpressiva para Rosa Maria que não o conheceu porque o pai não a assumiu e para Leandro e Fábio que nem falam do pai nas entrevistas. Robson que precisou cuidar do pai doente sem se sentir preparado, o recorda como motivo de sofrimento. Para Cleide o medo do pai alcoólatra fazer alguma coisa com a família a acompanhava mesmo quando estava fora de casa a ponto de não conseguir se concentrar. Sílvia recorda com mágoa a presença do pai, porque além de ausente, de não assumir responsabilidade, tinha uma presença imprevisível, aparecia quando queria, mas a cativava com simpatia e brincadeiras por algumas horas e depois sumia. Apenas Vânia, embora não falando de presença afetiva, recorda a participação do pai nas lutas por melhores condições de vida da família.

De acordo com Amado et al (2021), o desenvolvimento humano implica nos diversos aspectos da vida da pessoa, incluindo o tempo em que vive, os ambientes dos quais participa e as relações que estabelece em seus múltiplos contextos de interação.

Nos relatos de Fábio, os sentimentos de abandono, de ser injustiçado, de desconfiança parecem ter sido companheiros de viagem seja na família, escola ou instituição religiosa. Nas suas palavras:

[...] No ensino fundamental a maior dificuldade era sempre relacionada a conhecimento, as notas não eram muito baixas, mas estudava só para passar. O esforço era o mínimo, em casa era de tentar sozinho. Na escola era distraído e conversava. [...] As amizades também influenciaram no sentido de aprender a não confiar, eram amizades líquidas, não gostavam de estudar, dadas as bagunças, zoar do outros, alguns se diziam amigos e pelas costas me esfaquearam. Isso foi uma decepção. [...] Na comunidade a maior dificuldade é da minha parte pela falta de abertura para falar. Por medo de expressar e não ser acolhido, medo de que o que eu falar seja usado. (FÁBIO)

A interpretação que Fábio fez dos acontecimentos do passado, ainda que na sua compreensão tenha mudado e ressignificado, merece um olhar mais demorado:

[...] No ensino médio, tive a descoberta da sexualidade, tabu, era escrupuloso, até hoje eu trago marcas desses tempos, mas ressignificadas. O lidar com o outro, achar que tem algo mais do que uma pessoa educada eu desconfio. A mania de achar que o outro é objeto que eu posso brincar. [...] o medo me ajuda nesse sentido. Não sei se estou certo em pensar que o medo me ajuda. (FÁBIO)

No processo formativo, a interpretação das vivências e do modo de ser e agir de Fábio parece ter a marca da insuficiência:

“No Juniorato não estou sabendo lidar com a responsabilidade. Agora respondo por mim mesmo, o formador acompanha, mas praticamente caminho sozinho. Não estava tão pronto para essa tal liberdade. Tem pastoral, tem faculdade, está muito pesado organizar tudo isso, mas acredito que faz parte do processo inicial”. (FÁBIO)

Para Rocca (2015), do ponto de vista da resiliência é questionada a legitimidade de algumas ações escolhidas como sobrevivência a partir da referência dupla: o bem-estar próprio e bem-estar do outro. Por isso, não é considerada resiliente a pessoa que resolve seus problemas mediante corrupção, engano ou violência, porque ela estaria prejudicando o outro. É necessário analisar os valores defendidos pelas religiões e o risco de fundamentalismo que não considera os parâmetros relacionados ao bem-estar próprio e do outro.

7.3 Estabelecendo relações entre as trajetórias dos participantes da pesquisa: as categorias de análise

Galliazzi (2020 apud GALIAZZI, GÜNTZEL e LIMA 2020) através de uma criativa analogia, compara a categorização ao processo de criação de um mosaico associando-a à tradição milenar de unir pequenos fragmentos, formando os mais diversos objetos, versatilidade e requinte de invenção, pois o artista inicia o seu trabalho sem saber de antemão qual será o seu produto final. Cada texto foi produzido com as histórias, os fragmentos, os teóricos e as referências trazidos para o diálogo e a leitura. Este processo tem a morosidade da produção de unidades que formam as categorias, que cobrem de sentidos o mosaico resultante, o metatexto. De acordo com as autoras, a análise é processo de reconstrução de compreensões anteriormente constituídas a partir da interação com diferentes interlocutores teóricos e empíricos.

O processo de análise, com o foco na palavra e a base ontológica de construção e reconstrução da ATD, acontece a partir de categorias emergenciais trazidas à luz pelos participantes. Na construção das categorias, optamos pelo método indutivo, partindo do *corpus* textual e da leitura compreensiva, interpretativa e crítica do material que reflete as experiências dos entrevistados e as suas próprias percepções sobre elas. Da identificação de unidades de significados resultaram as categorias emergentes.

Essas categorias estão vinculadas ao objetivo da pesquisa do mestrado profissional: compreender como se dá o processo de resiliência na formação para a vida religiosa consagrada. Parte-se da visão de ser humano, chamado a ressignificar sua história e a reconstruir-se a cada momento na busca do sentido da vida que liberta para a vivência de valores transcendentais.

Categorias	Títulos
A	Experiências: Vínculos de confiança
B	Existência ou essência
C	Um Sentido na Vida
D	Modos de Cuidar de Ser

As questões relacionadas à resiliência permearão todas as categorias referidas já que este é o tema principal desta Dissertação.

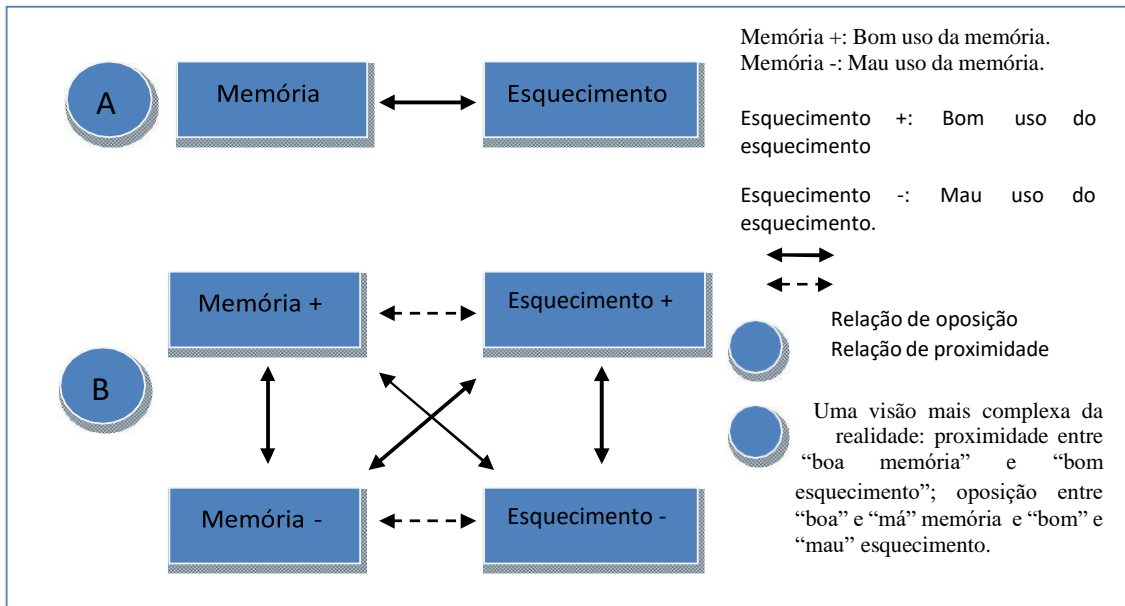
A – EXPERIÊNCIAS: VÍNCULOS DE CONFIANÇA

[...] tudo o que não se resolve, se repete. Não necessariamente da mesma maneira, mas em situações que você revive as mesmas sensações, sentimentos ou pensamentos [...] o que a gente vive, e não sabe o que é, volta muitas vezes de outra maneira para que se tenha a oportunidade de compreender como a situação foi vivida [...] se tem nome, sobrenome, lugar e tempo, não é preciso atualizar esse sentimento, não é preciso repetir a mesma experiência no presente, está livre da repetição. (PEROSA e PUCCI, 2018, p.57)

De acordo com Lecomte (2005), no processo de tornar-se resiliente, a memória tem um papel importante, pois permite recordar as experiências, trazê-las de volta ao coração e delas aprender, tirar lições de vida. Para o autor, pode-se fazer bom ou mau uso tanto da memória quanto do esquecimento. É necessário compreender que o bom uso da memória e do esquecimento são fatores de resiliência.

O esquema abaixo resume a concepção de Lecomte em relação à boa e à má memória e o bom e o mau esquecimento.

Esquema proposto por Lecomte (2005, p.203) para compreensão do uso da memória e do esquecimento



Fonte: Lecomte (2005, p.203 apud NADAL 2007 p. 109)

Sabe-se que, embora necessário, recordar o passado não é sempre uma experiência prazerosa. Ao revisitar o passado os entrevistados o fazem sem o compromisso de recriá-lo com exatidão, fatos acontecidos podem ser maximizados e outros apagados, a depender das marcas deixadas pela vida e das condições e particularidades das pessoas para apropriar-se delas. As histórias são inseridas de acordo com o que a memória afetiva dos entrevistados lhes possibilitou selecionar para seus relatos. As dores e perdas que deixam marcas, às vezes para o resto da vida, vão aparecendo nos relatos, mas nem sempre apontam para as restrições.

De acordo com Cyrulnik (2005 apud GRANADOS, SALGADO e PARRA 2017) o vínculo afetivo é uma necessidade dos humanos, só para os humanos falta algo mais do que a paternidade/maternidade biológica, que está na raiz da existência nas diversas culturas. Os autores defendem que a configuração dos vínculos afetivos seguros com os cuidadores tende a favorecer a pessoa nos demais ciclos da vida. Entendem que há relação entre os vínculos estabelecidos com os

pais ou cuidadores e a capacidade futura da criança de se relacionar e reagir a acontecimentos desestabilizadores. Bowlby (1995) associa a gênese da resiliência às relações de vínculo que a pessoa constrói.

A presença da mãe parece ter sido um vínculo de confiança que lhe possibilitou ressignificar os caminhos tortuosos pelos quais passou.

[...]O que minha mãe fazia eu fazia também, em casa eu fazia tudo junto com ela, queria estar perto. Foi uma história de muita tribulação em casa, precisávamos procurar as formas de sobreviver. [...] Até a 5ª série, na verdade até na faculdade, continuei com a sensação de sufocamento, fiz um esforço enorme para me libertar, até porque havia combinado com a minha mãe. Acredito que só consegui ficar na escola pela promessa e porque me esforcei para dar conta. [...] Eu e meus irmãos não deixamos que o alcoolismo do pai e outras dificuldades nos desviassem. (CLEIDE)

Nas palavras de Cleide, o reconhecimento da própria resiliência e a leitura dos acontecimentos como alicerce para sua persistência:

[...] Desde criança eu queria ser religiosa, perguntei para minha mãe e ela disse que precisava fazer a primeira comunhão. Fui eu mesma atrás de fazer a inscrição na Igreja e fui perseverante. Para não preocupar a minha mãe, não dizia as coisas que precisava, que a catequista pedia. Falei com a madrinha que foi me ajudando, ela me dava o que eu precisava. Só falei a data da primeira eucaristia para minha mãe, quando já estava tudo certo, já tinha ganhado até o vestido. Esse fato foi um alicerce para minha vida, precisei tomar a decisão e ser firme outras coisas aconteceram e fui vencendo. (CLEIDE)

Sobre o enfrentamento das adversidades no processo de formação para a vida religiosa, a fala de Cleide aponta para Cyrulnik (2005), quando afirma que a história do narrador observador permite-nos assistir ao nascimento do sentido. Resiliência não é algo inacabado, não exclui as fragilidades. As estratégias propostas por Brooks e Goldstein (2004), em seus estudos sobre mentalidades resilientes, validam teoricamente a presença da resiliência ao longo da vida de Cleide. Os autores afirmam que as pessoas têm crenças e atitudes sobre elas mesmas que irão influenciar o seu comportamento, as habilidades que desenvolvem e a autoimagem em constante funcionamento, proporcionando retroalimentação à maneira de viver. Alertam, no entanto, os autores, que “ter uma mentalidade resiliente não implica que a pessoa esteja livre do estresse, a pressão e os conflitos, senão que ela pode sair honrada dos problemas à medida que estes vão surgindo.” (BROOKS e GOLDSTEIN, 2004 p.20)

Cleide assim se expressa:

[...] O processo formativo mudou a minha visão em relação à minha família. Ter entrado em uma família religiosa que tem como protetora a 'Sagrada Família' ajudou muito. Antes doía muito o estrago que a bebida causava. Depois percebi que a família, aquela situação não era o fim, Deus foi me preparando e tive oportunidades de aprender a ter um olhar diferente. Mas ainda percebo a falta de resiliência em relação a doença na família. Quando alguém está doente, me sinto impotente. Hoje tenho tendência a racionalização, por medo do sofrimento, ainda não compreendo, não sei lidar com as dificuldades, não sei se me torno indiferente, insensível, sei que paraliso. Quando cuido de alguém doente, eu fico doente também. (CLEIDE)

Rutter (1993) insiste no caráter dinâmico do conceito de resiliência, como fenômeno manifestado por pessoas jovens que se desenvolveram de forma favorável ainda que tenham vivenciado acontecimentos estressantes, visto pela população em geral como indicadores de riscos e consequências desfavoráveis.

Ainda com a palavra Cleide:

[...] Do vivido no processo formativo não quero repetir a saída da Congregação, por não acreditar em mim, como aconteceu na etapa do noviciado, embora a experiência fora, na família tenha sido positiva. Hoje vejo que foi necessário a interrupção do processo. Enquanto fiquei fora da Congregação, trabalhei e fiz a faculdade já pensando em ser útil na missão da Congregação. Esse desejo de contribuir me deu forças para terminar o curso [...]. Procuro focar nos valores, no que é bom para mim e para a Congregação. Não tenho mais os mesmos pensamentos e sentimentos de antes. Ficava me perguntando se estava fazendo o que devia fazer. Tenho minhas funções e penso que não preciso provar nada para ninguém. Tenho procurado fazer o caminho de liberdade comigo mesmo. (CLEIDE)

O vínculo construído por Cleide com sua mãe e outras pessoas ao longo da sua história passando pela infância e chegando à fase adulta transformou a vida e o olhar para a família, para a Congregação, para as pessoas ao seu redor. Dessa forma ela se refere aos sonhos:

[...]Sonho vencer meus medos e ser melhor a cada dia. Vou realizando esse sonho todos os dias, vendo o quanto já cresci. Sonho que a Congregação possa acreditar que todo o grupo é responsável pela formação geral. Para que eu possa ficar na roda, fortalecendo a outra, eu preciso fazer o caminho, receber das que vieram antes de mim, as formações, em especial voltadas para o Carisma e os valores. Fortalecer os valores para que todas tenham sensibilidade para a formação. Já se fala em comunidades formadoras, mas é preciso que cada uma se sinta sensibilizada para fortalecer a roda. Às vezes só uma pessoa é a referência e as outras interferem como lhes convém, acaba não ajudando e até adoeece. Todas que estão nas comunidades já passaram pelo processo formativo, mas pode faltar sensibilidade. (CLEIDE)

A história de Cleide é comovente, pois a adversidade estava permeada nas relações interpessoais vivenciada naquela que deveria ser a sua "casita" de acordo com Vanistendael (1996) lugar de acolhida e segurança, mas que era um lugar de sofrimento. Na escola, relata que as crianças eram separadas por classe social; na família, além das dificuldades relacionadas ao alcoolismo do pai, ele a rejeitou por duvidar de que ela, por ter pele mais clara, fosse sua filha. Experimentou o

conflito pelas afrontas de criança que respondia e por desejar que o pai saísse de casa. Mas Cleide, amparada pela mãe como referência, não desistiu de sonhar e deixou-se mover pelo sentido que faz sua vida valer a pena.

O vivenciado por Cleide remete ao mencionado por Cyrulnik (2004b) ao defender que a nossa história não é um destino e pode ser reescrita, pois, o que acontece hoje não determina o amanhã. Os sofrimentos nos obrigam a transformar-nos e nunca perdemos a esperança de mudar a maneira de viver.

Os vínculos estabelecidos ao longo da vida são fundamentais nas relações interpessoais, promovem a autoestima, a autoimagem, o autoconceito positivo, a autoconfiança e favorecem o desenvolvimento humano. A resiliência não se reduz a um traço de personalidade, é um processo que se dá na inter-relação com pessoas significativas, possibilitando a estabilidade ao longo do desenvolvimento. Nesse sentido Melillo afirma que:

A estabilidade ao longo do desenvolvimento significa que, se o ambiente provê os recursos necessários para que a criança que vive em situação de adversidade possa continuar se adaptando positivamente, durante as diferentes etapas do desenvolvimento, pode-se dizer que a resiliência se manterá como uma capacidade estável durante a vida. (MELILLO, 2005, p.29)

Os entrevistados fazem memória de algumas pessoas que tiveram papel significativo no seu desenvolvimento pessoal, em diferentes fases das suas vidas. Pessoas da família, principalmente a mãe, os educadores, profissionais e os colegas (grupos de formação) foram os mais recordados.

Robson nos relata que, desde a educação infantil até a 8ª série, apresentou dificuldades de cognição, leitura e escrita e contou com a ajuda da mãe que venceu muitos obstáculos para buscar os profissionais necessários para ajudá-lo. Ele se mostra admirado da persistência da mãe para conseguir o tratamento necessário: fonoaudióloga, psicóloga e psicopedagoga, na escola pública ou contando com profissionais voluntários indicados pelos professores. No processo de crescimento reconhece sua própria resiliência e a compreensão dos professores:

[...] Aprendi a ler e a escrever em todas as etapas até 8ª série. Nunca fui reprovado, por opção dos professores visando não me prejudicar, para não me sentir menosprezado, diminuído, porque eu me esforçava muito, não faltava, me comportava bem e fazia o tratamento proposto. (ROBSON)

Os relatos de Robson apontam para a afirmação de Cyrulnik: “quando o temperamento está bem estruturado devido a uma vinculação segura a um lar paterno amigável, a criança, no caso de ser submetida a situações de prova, será capaz de encontrar os meios necessários e mobilizar-se em busca de um substituto eficaz.” (CYRULNIK, 2005, p.27).

Nas palavras de Robson:

Para uma criança passar por tudo que passei e superar é muito importante. Para o Ens. Médio cheguei ‘supimpa’. O primeiro livro que li foi ‘A Hora das Estrelas’ de Clarisse Lispector na oitava série. Sempre fui ousado até porque era comparado com outros: mãe, família. Talvez comparavam para me incentivar, eu não me sentia bem, mas fui agindo com maturidade. Tive apoio da família para o tratamento, mas não podia esperar apoio dos pais nas dificuldades, na realização das tarefas e solução dos problemas, porque eles não estudaram. Eu soube ser compreensivo. (ROBSON)

Os relatos dos entrevistados nas diferentes fases da vida, na família e no processo de formação para a Vida Religiosa Consagrada corroboram o pensamento de Cyrulnik quando ressalta a capacidade de aceitar a oferta da ajuda de outros como condição da pessoa resiliente. Os recursos internos aos comportamentos cativantes favorecem a atração de tutores de resiliência. No dizer de Cyrulnik:

A aquisição desse comportamento cativante, manifestação precoce de um estilo relacional e de uma maneira de resolver conflitos, constitui certamente um dos principais fatores de resiliência. Todos os que foram feridos na infância se admiram, na idade adulta, com a quantidade de mãos estendidas que encontraram. (CYRULNIK, 2004, p.113)

A trajetória de Cleide e Robson exemplificam a importância do estabelecimento de vínculo com pessoas significativas e a manifestação do estilo relacional. Para que pudessem se desenvolver moral, espiritual, psicológica, social e cognitivamente eles contaram com os próprios recursos de determinação e a capacidade de atrair a confiança e a ajuda de muitas pessoas.

De acordo com Cleide, ela só conseguiu aprender porque no tempo em que ficou fora da escola, muitas pessoas a ajudaram e quando retornou para a escola já sabia ler e escrever, estava no mesmo nível dos demais alunos. Cleide se mostra convicta: “penso que só consegui retornar para a escola porque havia prometido para minha mãe, feito um acordo com ela quando sentia muito medo, prometendo que se ela deixasse eu sair um tempo, voltaria bem no ano seguinte”. Especialmente com a mãe era cativante: “gostava de estar onde ela estava e fazer o que ela fazia”. (CLEIDE)

A “Casita” lugar da fala de Cleide, é um lugar de medo, de terror, embora talvez ela não a perceba assim. Esta imagem se constrói a partir de sua fala sobre a dificuldade de se concentrar na escola por medo de que acontecesse algo de mal com o pai ou com a família. Contudo o que vai aparecendo nos remete à Rocca (2015). A autora defende que o processo de resiliência acontece quando a criança, adolescente ou jovem que sofre, pode se sentir acolhido e aceito, por ao menos uma pessoa significativa, com quem mantenha um vínculo positivo de confiança e empatia, que saiba ouvi-lo e ajudá-lo a desenvolver suas próprias capacidades de enfrentamento.

Para conseguir fazer a Catequese e a primeira Eucaristia, Cleide resolveu tudo sozinha com as pessoas envolvidas na Igreja e só depois de tudo certo comunicou para a mãe, para que ela não se preocupasse. A madrinha a auxiliou na compra dos materiais, roupas etc. Na vida adulta, em formação para a Vida Religiosa Consagrada, ela se vê altruísta, confiante que pode ser melhor, feliz por ajudar com a sua profissão e se desafiando a abrir-se para o novo e para uma nova dinâmica de vida, como a de evangelizar através das redes sociais. Sobre a Congregação a que pertence e sobre as demais religiosas, diz: “Para que eu possa ficar na roda, fortalecendo a outra, eu preciso fazer o caminho, receber das que vieram antes de mim, as formações, em especial voltadas para o Carisma e os valores”.

As atitudes de Cleide apontam para Chequini (2007), que entende a espiritualidade como um estilo de vida marcado pela capacidade de respeito, aceitação e amor para consigo e para com o outro, capaz de acionar no indivíduo processos subjetivos capazes de ressignificar as situações de adversidades e criar formas de atuações resilientes em realidades adversas.

Robson, entre outros recursos para enfrentamento das adversidades, desenvolveu o humor como um dos pilares da resiliência. Sobre as dificuldades da Infância diz: “Os colegas na rua, na escola e meus irmãos em casa, me chamavam de frango. Isso me machucava muito. Às vezes reclamava com as professoras e com minha mãe, ficava enraivado, mas não cheguei a expressar uma postura violenta”. Entre as soluções buscada para mitigar o sofrimento, Robson escolheu reagir com leveza: “Às vezes eu sorria ou perguntava se era um elogio, outras provocava. Me chamavam de frango e eu perguntava: você tem algum problema com frango? Meus irmãos e colegas foram percebendo e essas ironias perdendo a força”. O senso de humor de Robson exemplifica o pensamento de Rocca e outros estudiosos.

Para Rocca (2015) o senso de humor que não deve ser confundido com um simples mecanismo de evasão, mas reconhecido como capacidade de incluir os aspectos duros da realidade ao cotidiano, convertendo-a em algo mais suportável, pode ser um instrumento poderoso para a sobrevivência em situações adversas. Mesmo não suprimindo a realidade dolorosa, trata-se de um olhar que permite encontrar algo de esperança e até cômico em uma situação trágica.

No processo de formação, na etapa do Postulado, primeiro ano de pandemia da COVID-19, Robson recorda o contexto de isolamento e de hostilidade, pelo medo, conflitos com os colegas e formadores: “Em algumas situações eu quase explodia. Tive ajuda de um padre da província de origem, psicólogo e orientador espiritual experiente que me animou, ele me ajudou a pensar: tudo passa, formador vai passar”. (ROBSON)

Sobre a etapa do Noviciado, no exterior, outro país da AL, diz: “as dificuldades foram mínimas, o formador respeitoso e fraterno e a eclesiologia próxima da Província de origem. No processo formativo, o passado traz uma luz para o presente: “Nas dificuldades pensei em desistir mais nem tanto, dizia para mim: tudo vai passar. Depois que consegui superar as dificuldades da infância, por que não superaria as outras?”. Passado (vínculo), presente (acolhida com luz) gestando o futuro (esperança): “Sonho conseguir chegar a ser o religioso definitivamente, perpetuando e chegar ao sacerdócio”. (ROBSON)

A trajetória dos entrevistados exemplifica os pontos relevantes no estudo sobre resiliência apresentados por Cyrulnik.

Cyrulnik (2005, p. 17) considera relevante o ambiente afetivo vivenciado nos primeiros anos de vida que mais tarde podem se transformar em formas de pensar capazes de permitir a diminuição do mal-estar provocado por uma situação dolorosa. De acordo com o pensador todo estudo de resiliência deve considerar que: A aquisição de recursos internos, desde os primeiros anos, no transcurso das interações, explicará a forma de reagir diante das agressões da existência, já que colocam em funcionamento uma série de guias de desenvolvimento mais ou menos sólidas. A estrutura da agressão explica os danos provocados pela ferida ou a carência. Entretanto, será a significação que essa ferida tenha adquirido mais tarde na história da pessoa e no seu contexto familiar e social o que explicará os efeitos do golpe sofrido; A possibilidade de regressar aos lugares onde se encontram os afetos, as atividades e as palavras que a sociedade dispõe em ocasiões

no entorno da pessoa ferida, oferece os pilares da resiliência que permitirão prosseguir um desenvolvimento alterado pela ferida.

De acordo com Vanistendael e Lecomte (2004), os dois fundamentos básicos da resiliência são o vínculo e o sentido. Sendo, dessa forma duas forças que interagem: uma externa, o entorno e outra interna, a que cada um tem dentro de si e tecem o desenrolar de uma vida.

B – EXISTÊNCIA e/ou ESSÊNCIA

De acordo com Pompeia e Sapienza (2011) a palavra escolha não pode ser confundida com o poder de determinar. Ser lançado na possibilidade de escolher implica em ter de escolher. “Se alguém não pode escolher, simplesmente não pode. Mas, se pode escolher, é obrigado a escolher. Ele pode até escolher não escolher, mas isso já é uma escolha. Não há como se omitir nesse caso. E precisar escolher pode ser terrível.” (POMPEIA e SAPIENZA, 2011, p. 21)

O modo de existir da entrevistada Vânia parece se adequar a uma resposta a um chamado que implica em escolhas e decisões. Vânia se apresenta como uma pessoa que entrou já adulta na VRC, que gosta de muitas coisas e sabe administrar e dirigir muito bem. Nas suas palavras: “Uma pessoa em desenvolvimento, em constante aprendizado [...] o processo formativo é um período de desconstrução”. (VÂNIA)

Vânia precisou e decidiu escolher, mas as escolhas não foram fáceis. Ela conta que quando optou por iniciar o processo formativo para a VRC já adulta, tinha uma estabilidade profissional e financeira. No dizer de Vânia: “Senti o chamado e iniciei o processo de renúncias, deixei a família, os amigos, a empresa para iniciar uma vivência de total desapegos. Tive que renunciar às coisas boas por algo que também é bom: um novo caminho, o seguimento como consagrada”. (VÂNIA)

Buzzi (1991) chama a atenção para a aparência das coisas e para o pensar sobre elas:

O Ser verdadeiro está no que aparece. Mas o brilho da aparência o esconde e o deixa retraído. Para chegar a ele, importa que a sensibilidade ande pelos caminhos da aparência. Mas não basta. É preciso o salto do pensamento. E o salto deve ser dado naquele lugar onde a sensibilidade encontra mais apoio. A sensibilidade se apoia naquilo que aparece (dóxa). Para alcançar o Ser verdadeiro (alethéia), deve-se mergulhar na aparência. O mergulho não anula o mundo da aparência, antes mostra o estranho do seu ser insondável. (BUZZI, 1991. p. 36)

O mergulho na aparência sugere uma relação de reencontro, de intimidade consigo e com as coisas do mundo, para além dos julgamentos padronizados. A partir da perspectiva heideggeriana Gawendo (2001) ilumina a trajetória do existir humano. Para ela o ser humano não é acabado, está sempre sendo, pois se abre a todo instante para o desvelamento do que vem ao seu encontro. Sua condição de ser aberto, possibilita ao ser humano inaugurar o novo e realizar o inaudito. Lançado na indeterminação e no mistério pode modificar sua destinação e realizar o inesperado.

Na trajetória de Vania, o que significa inaugurar o novo e realizar o inaudito, o inesperado? Na voz de Vânia, ao se lançar na indeterminação do que vem ao seu encontro, na condição de abertura como aprendiz no mistério de ser com os outros, ao iniciar o processo formativo:

[...] Mudaram as prioridades, mudaram os horizontes. Antes pensava: para onde vou viajar nas próximas férias? Na VRC é diferente, procuro deixar-me conduzir por outras pessoas que me acompanham em vista de um projeto comunitário. Estou aberta no processo, purificando as motivações. Não é um processo só emotivo, é bem pensado também[...] eu gostava de passear, comer fora com os amigos e não tinha mais esse espaço, pelo tempo e também porque já não me sentia de sair sem a comunidade. Isso, por um tempo foi meio confuso, sentia falta, saudade dos amigos e do estilo anterior de vida. (VÂNIA)

O ser humano é *poder ser* e por isso é livre, pode construir o seu modo peculiar de ser, projetando-se para além de si mesmo. A existência é sempre mistério e infindáveis são os modos de ser que se manifestarão através dela. Vânia parece compreender que a ela não cabe o controle da existência, mas a tarefa de escolher como quer fecundar cada momento de sua vida e o faz na gratuidade da entrega.

Para Kratsch (2020) o ser humano não é livre de condições, mas é livre para algo perante todas as condições. A consciência da finitude da vida, não a torna sem sentido pois é a morte que dá sentido à vida. A experiência iminente da transitoriedade da vida impulsiona o ser humano a empregar com responsabilidade o uso de seu tempo e as representações de sofrimento, adoecimento e morte podem ganhar novos contornos, movendo-o a encontrar seu projeto fundamental e realizá-lo pelo desejo de ser.

A tarefa de escolher como fecundar cada momento de sua vida, permitiu a Vânia ressignificar as adversidades vividas na família. Vânia conta que ainda bem jovem foi morar na cidade com a família, pagando aluguel, o pai ficou doente, os irmãos aos poucos se casaram e só ela e a mãe trabalhavam para o sustento da casa. Precisou empregar como responsabilidade o uso do tempo e dos recursos.

[...] Na medida que diminuía a renda eu precisa me reorganizar. Eu precisei trabalhar e estudar, fazer muitos cursos para ter mais oportunidades. Depois da faculdade, consegui um bom trabalho. Enfrentei as dificuldades sem desespero, com planejamento, correndo atrás e me reinventando mesmo diante do cansaço. Tinha objetivos e criatividade na resolução dos problemas. Tive habilitação para dirigir e trabalhar melhor. (VÂNIA)

Toda reflexão comporta uma concepção norteadora de ser humano. Do ponto de vista existencial da concepção heideggeriana de homem, pensa-se em construção do modo de ser que se dá em um processo permanente, pois não se chega à plenitude. Estamos sempre sendo.

Nessa perspectiva de permanente constituição do humano, não há um jeito próprio e mensurável de ser, a consciência de inacabamento perpassa todos os processos e relações da pessoa. Não há um modo único de pertença ou integração. Viver nessa perspectiva é estar em perpétuo deslocamento, é habitar um mundo que não nos acolhe na totalidade, nem nos oferece garantias de segurança.

A experiência de desabrigo experimentada por Vânia em tantas situações pode configurar-se como condição de liberdade em relação a referência de valores, atitudes, desejos, conceitos, símbolos ideias e significados, ocupando-se de determinadas tarefas em detrimento de outras. Sobre seus desejos diz que pretende criar algo, movimentar atitudes para descobrir caminhos de sobrevivência e melhor qualidade de vida das pessoas:

[...] Já temos uma obra social com cursos profissionalizantes. Penso em como ajudar pra incluir uma Universidade, um cursinho preparatório para aprovação no vestibular, preparação para enfrentar a concorrência que é desleal. Não sei bem, mas movimentar pessoas para se engajarem nessa causa, nesse projeto. Buscar parcerias e a secretaria da educação como suporte. Buscar outra forma de pensamento, que eles, principalmente os jovens se acreditem capazes, com potencial, algo que não é simples nas periferias. A cultura dominante reforça a não capacidade. Sonho grande, mas não impossível. (VÂNIA)

A compreensão da resiliência à luz da analogia de “navegar nas torrentes” (Cyrulnik 2004) parece apropriada para a aproximação do que se mostra no movimento dos entrevistados que lhes permite poder escolher tomar o leme de suas vidas para não caírem na desesperança e não perderem o rumo.

Na voz da entrevistada Maria Lúcia, esse movimento de tomar o leme da vida acontece de um modo que ela define como grande luta: “Fui criando uma casca dura para ser forte. Tive psicóloga em todas as etapas da formação e ela me ajudou muito. Agora me vejo frágil e isso é libertador. Vejo também que tenho qualidades e me lanço muito para ajudar o outro (risos). A luta é grande”. (MARIA LÚCIA)

De acordo com Cyrulnik (2004), a resiliência é uma transformação de ato em ato, de palavra em palavra, de um conjunto de fenômenos harmonizados que permitem à pessoa um olhar para os próprios recursos, para as condições afetivas e socioculturais do seu contexto, inscrever o seu desenvolvimento e escrever a sua história.

Para crescer e se desenvolver a partir dos valores que conferem sentido é preciso decidir com que recursos as adversidades serão enfrentadas, planejar cuidadosamente a viagem da vida e traçar metas a curto, médio e longo prazos, fortalecer-se, libertar-se dos aprisionamentos e partir sem a segurança do caminho. Nesse sentido, a afirmação de Brooks e Goldstein é esclarecedora:

A autodisciplina tem um papel muito significativo em todas as nossas atividades cotidianas. Quando pensamos antes de agir, quando levamos em consideração os sentimentos dos demais (quando temos empatia), quando refletimos sobre as possíveis soluções para um problema, quando nos comportamos de maneira racional e reflexiva, quando desenvolvemos um plano de trabalho, quando evitamos gritar com alguém que fez algo que nos irritou, estamos mostrando autodisciplina. (BROOKS e GOLDSTEIN, 2004, p.38)

Maria Lúcia, foi ao longo de sua trajetória, solicitada a navegar nas torrentes, mas escolheu não desistir de lutar. Aos 17 ou 18 anos, os pais se separaram e ela foi com a mãe e os irmãos morar na cidade, na casa da avó, à procura de melhores condições de vida, mas as adversidades também não foram poucas ali: “Foi difícil porque não tinha antes muito contato com a família e eram muitas pessoas na casa da avó”. Ela não se deu por vencida e enfrentou a dificuldade, buscando uma maneira de sair dali: “Comecei a trabalhar e fomos morar em outro lugar. Eu passei a ser o homem da casa, trabalhava e estudava à noite no primeiro ano do Ens. Médio”. (MARIA LÚCIA)

Disse que estava morando e trabalhando em São Paulo com o irmão para dar uma vida melhor para a mãe. O meu irmão sofreu um acidente e ficou tetraplégico. A mãe veio para ajudá-la. Continuou trabalhando durante o dia e cuidava do irmão à noite para a mãe descansar um pouco. Todos sofreram muito, ela achava que não ia aguentar, mas aguentou. Depois de muito tempo o irmão retomou a independência. Ela pode pensar na vocação. Cuidando do irmão e cuidando de crianças no trabalho foi vendo que para ser mãe, não precisava ser mãe biológica: “Fui intensificando a minha vida de oração e de amizade com Jesus Morando só, passei a ser mais responsável no cuidado comigo. Fiz o vocacional e fui me encontrando na vocação”. (MARIA LÚCIA)

Para Cyrulnik (2004), o trauma pode empurrar a pessoa para uma direção não desejada, mas uma vez na corrente que a faz rolar e a carrega para uma cascata de ferimentos, a pessoa resiliente faz memória, traz de volta os recursos apreendidos, resiste a se deixar arrastar pela inclinação

natural dos traumatismos e navega, de golpe em golpe, até encontrar uma mão estendida que lhe ofereça outros recursos: uma relação afetiva, uma instituição social ou cultural que lhe permita a superação.

Na Igreja e na Vida Religiosa Consagrada Maria Lúcia parece ter encontrado muitas mãos estendidas para oferecer ajuda e para contar com a ajuda dela. Quando perguntei o que mudou em sua vida a partir da sua entrada na comunidade formativa ela respondeu primeiro com um largo sorriso e depois disse:

Mudou tudo. A maneira de olhar as coisas. Mesmo tendo intimidade com Deus eu não conseguia olhar o mundo com os olhos de Deus, ainda não consigo tudo, mas mudou o meu olhar. O processo formativo me ajuda a me comprometer com as coisas de Deus, a me doar e servir o que precisam”. (MARIA LÚCIA)

Disse ainda que era mais egoísta, só ajudava a cuidar dos seus. No processo formativo com terapia, com o acompanhamento das formadoras foi se trabalhando e trabalhando a relação com as pessoas e especialmente com o pai. “Fui procurando não focar nos defeitos dele e ver as qualidades, era justo e generoso com todos. Fiz o processo de perdão. Trabalhei a partir da pessoa de Jesus, a descida de Deus que se fez pobre, me ajudou muito”. (MARIA LÚCIA)

Cyrulnik ressalta a capacidade de aceitar a oferta da ajuda de outros como condição da pessoa resiliente. Os recursos internos e os comportamentos cativantes favorecem a atração de tutores de resiliência. No dizer de Cyrulnik:

A aquisição desse comportamento cativante, manifestação precoce de um estilo relacional e de uma maneira de resolver conflitos, constitui certamente um dos principais fatores de resiliência. Todos os que foram feridos na infância se admiram, na idade adulta, com a quantidade de mãos estendidas que encontraram. (CYRULNIK, 2004, p.113)

Os participantes da pesquisa, em muitos momentos das suas vidas, precisaram escolher, descobrir e fortalecer os próprios recursos, particularmente o desejo como força para transformar-se e transformar o seu contexto de vida. Nesse processo de superação, acertos, erros, provações, testes e conquistas, contaram com a ajuda de muitas pessoas. Não se deixaram sucumbir diante das adversidades, mas aprenderam com elas, evitando se tornarem máquinas que produzem, mas não vibram pela vida. Nas palavras de Maria Lúcia: “Meu êxito foi ir superando meus traumas, meus medos. Ainda tenho, mas antes era pior. Até para fazer uma leitura eu tremia, errava por medo. Hoje leio olhando para a assembleia e quando estou ansiosa respiro, me controlo, fui me decidindo a enfrentar”. (MARIA LÚCIA)

Algumas cicatrizes permanecem, mas não são determinantes. Ela se mostra muito grata ao Instituto pela releitura que pode fazer da sua história: “Hoje vejo que Deus me ama, graças as formações, coisas que nunca tive na vida. Acolho os pobres como canais dos ensinamentos de Deus. Os pobres, a vivência da minha vocação, me levam para Deus e me fazem feliz”. (MARIA LÚCIA)

O relato de Maria Lúcia remete à Barudy e Dantagnan (2005). Os autores defendem que se o menino ou menina que habita no adulto for cuidado e bem tratado pelos seus pais, vizinhos, professores, terá mais recursos para compreender e satisfazer às suas necessidades, respeitar os seus direitos e os direitos dos outros. “[...] o menino ou a menina que habita em cada adulto tem a sua residência mais próxima do coração que do cérebro. Em diferentes culturas, o coração é designado como a fonte do amor”. (BARUDY e DANTAGNAN, 2005, p.135)

A entrevistada Isis conta sobre as torrentes pelas quais passou, o que aprendeu com a dor, a angústia que a acompanhou. A existência de Isis parece ter sido afetada pela forma de lidar com as coisas, de se relacionar com os outros, por suas preocupações, responsabilidades, esperanças e angústias. Ela se percebe como uma pessoa tranquila, mas intensa, porque encontra sentido nas coisas e nas relações. No dizer de Isis:

“[...]Tranquila e agitada ao mesmo tempo, porque quando tem alguma coisa para resolver não consigo ficar parada. As pessoas mais próximas dizem que sou muito difícil, mas ao mesmo tempo espontânea. Muito difícil (risos), porque não aceito as coisas como dadas, procuro entender os motivos. Aceito, mas aceito questionando”. (ISIS)

Existir é estar com, é conviver, é construir relações significativas, lidando com as coisas e relacionando-se com os outros. A condição de ser-no-mundo de Isis, como realizadora de ser, nos reporta à Gawendo, ao afirmar: "A existência se dá no mundo, isto se faz claro já no próprio termo Dasein (ser-aí), que expressa o quanto a existência é ultrapassagem que transcende a realidade dada, é ultrapassagem de algo situado no mundo, em direção à possibilidade. (GAWENDO, 2001. p. 80)

A fenomenologia fala dos modos infindáveis de ser e compreende a possibilidade de conhecimento a partir da insegurança e da angústia próprias do existir de cada pessoa, em seu movimento de mostrar-se e ocultar-se, do nascimento até a morte. De acordo com Critelli (1996), do ponto de vista em que a vida é dada ao ser humano, como perpétuo deslocamento, o mundo em que habitamos não nos oferece garantias de fixação. E, embora queiramos superar essa experiência

de desamparo e a insegurança de não-pertença ao mundo, ela se constitui como condição de liberdade para nós.

Na ânsia de liberdade, da essência, a angústia fez parte do caminho. Isis relata que, na família, brigava por conquista de espaço. Brigava com o irmão e às vezes sentia raiva dele, outra vez sentia raiva dos familiares porque falavam mal do irmão. Acabou saindo de casa, mas não se livrou das adversidades e do sentimento de desamparo. Uma das maiores dificuldades enfrentadas foi nas relações: “No Ens. Fundamental e Médio tive dificuldade de relacionamento com os colegas. Enfrentei no silêncio, não tinha com quem partilhar” (ISIS). Relata de ter julgado e acusado uma colega, no processo formativo, pelo modo como a colega procedeu. Incomodou-se pelo fato de acusar e não dizer diretamente o que pensava para a pessoa interessada. Considerou estranho o comportamento e fez brincadeiras de mal gosto, gozações. Comentou com alguém e o vento levou. Sabe que prejudicou a colega e criou a oportunidade para conversar e falar do arrependimento pela forma como agiu.

O ser humano não pode deixar-se aprisionar por seus sentimentos, pensamentos ou ações. As ideias, as emoções, as perspectivas e os interesses mudam, como muda o modo da pessoa relacionar-se com as coisas, com os outros e consigo mesma. Os significados e utilidades das coisas alteram-se de geração para geração e dependem da época histórica, da cultura, da sociedade. Critelli esclarece: “Quando as coisas mudam é porque mudaram nossas ideias a seu respeito, mudou a serventia que tinham para nós, nosso interesse por elas, nossos modos de nos referirmos a nós mesmos e uns aos outros”. (CRITELLI, 1996. p. 18)

A afirmação de Critelli é exemplificada na resposta de Isis quando lhe perguntei o que mudou em sua vida a partir da sua entrada na comunidade formativa:

“[...] Mudou a minha percepção da realidade, fui formada na área humana, espiritual. Mudou minha percepção de Deus e a relação com minha família. Antes sabia que não tinha uma boa relação, mas não compreendia. [...] Na formação interna, os encontros me ajudaram a compreender, passei a ter uma percepção mais crítica da realidade”. (ISIS)

Isis relata que no início do processo formativo, no Aspirantado e Postulado não gostou da forma como foi acolhida, não havia diálogo com as formadoras e ela se sentia presa, não podia fazer nada. Reagiu ficando calada e fez a terapia do silêncio.

No Noviciado fez uma avaliação e percebeu que ficar calada não estava fazendo bem, que enquanto não se expressasse não iria se compreender. Uma colega de formação sempre lhe dizia

que ela precisava falar. Disse que nessa etapa não houve grandes dificuldades: “Eu me sentia melhor porque comecei a me expressar e a questionar. Antes era: tudo faz parte da formação. Depois: ok, faz parte, mas tenho que perguntar. Não sou uma máquina de reproduzir ações”. (ISIS)

A busca da verdade que liberta para o sentido parece ter sido autenticada no dizer de Isis sobre a construção da significatividade das relações com as pessoas envolvidas: “Fiz terapia, me trabalhei e agora não tenho uma relação próxima, mas boa. Preciso de mais tempo para reconstruir. Destaco o aspecto da paciência das Irmãs de comunidade e a minha na vivência comunitária”. (ISIS)

Brooks e Goldstein (2004) afirmam: “[...] as formas como entendemos e reagimos diante dos erros e dos fracassos são parte essencial de uma mentalidade resiliente. Os indivíduos resilientes tendem a ver os erros como experiências das quais aprendem e que lhes ajudam no seu crescimento pessoal.” (BROOKS e GOLDSTEIN, 2004, p.36)

Na sequência do relato, Isis continua sua busca e sua angústia. Ela não está segura para continuar na etapa do Juniorato e confirmar a sua opção como Vida Religiosa Consagrada. Está em discernimento na abertura para si mesma e em diálogo com as pessoas responsáveis pelo processo formativo. Tem outros projetos e sonhos: “Quero fazer experiência na família, amadurecer, ver melhor a minha vocação. Fazer o que de fato eu goste de verdade, ainda estou descobrindo, mas sei que é no cuidado com o outro”. (ISIS)

Recorda os desafios enfrentados quando deixou a família nuclear e foi morar de favor, e ao longo do caminho: “ficava com raiva, insegura, mas sentia que a realidade não podia me determinar. Quando recebi informações que não condiziam com a minha forma de pensar, procurei aproveitar no sentido de guardar o que era essencial e descartar o que não fazia sentido”. (ISIS)

Xisto (2000), facilita a aproximação da trajetória de Isis e dos entrevistados ao considerar que para a fenomenologia existencial o fundamento e o horizonte de interrogação, de análise e de conhecimento de uma dada questão é a possibilidade. A verdade no âmbito da possibilidade é entendida como um pôr à luz, um tirar do esquecimento, um desocultar, pelo movimento incessante de luz e sombra, de explicitação e encobrimento que não exclui a ambiguidade e o paradoxo. A verdade é um contínuo mostrar-se e ocultar de algo.

Esta concepção fenomenológica, que abre espaço para a relatividade do saber, da verdade e para a insegurança como modo próprio de existir, parece instaurar uma nova possibilidade de

sentido, permitindo para os entrevistados o espaço para o limite e para o risco, para a experiência, para o aprender a partir do erro.

Isis vai assumindo a imprevisibilidade do caminho, sem perder a esperança que caracteriza o seu processo, a construção da resiliência: “Estou inquieta, em dúvida e insegura no processo de discernimento, sem saber o que vai acontecer, mas noto que estou bem pelas minhas experiências, relações de convivência que são formativas e por enxergar possibilidade de crescer nas dificuldades”. (ISIS)

De acordo com Chequini (2009), os estudos sobre resiliência investigam a capacidade de superação das adversidades, buscando compreender os processos através dos quais se dá essa superação, o que leva pessoas e grupos a ultrapassarem situações extremamente difíceis e sobreviverem de forma renovada e fortalecida.

A trajetória dos entrevistados mostra que ancorados na singularidade que lhes é própria, encontram seu modo particular de olhar e compreender as adversidades apresentadas no caminho. Na singularidade de cada entrevistado, a aproximação do sentido.

O eco das vozes dos participantes, a resistência na fala, a ânsia por compreender, o desejo de poder escolher não aceitar as coisas como dadas, fazem pensar no que significa o dom de ser livre, as implicações de apropriar-se de alguma coisa.

De acordo com Pompeia e Sapienza: “[...]quando algo que é dado não é acolhido, a doação não acontece. Para que a doação aconteça, para que algo seja um dom que possa se efetivar, aquilo que é dado precisa ser acolhido.” (POMPEIA e SAPIENZA, 2011, p. 20).

Os autores defendem que o ser humano não pode recusar a doação de ser livre, mas pode não acolher como dom, como algo que faz parte da sua vida, do seu jeito de ser. Acolher o dom é apropriar-se dele, permitindo que seja, de fato, doação e se efetive plenamente.

Na “arte de navegar nas torrentes”, de quais dons os entrevistados estão se apropriando? De alguma maneira os entrevistados falam das escolhas que vão fazendo. E o que significa escolher?

Os entrevistados vão se desvelando no existir e se movem pela essência, pelo que podem vir a ser.

C – SENTIDO NA VIDA

No contexto desse estudo, de pessoas vocacionadas, cuja existência é consagrada à relação com Deus e com as pessoas, outras vozes se fazem ouvir na busca do sentido, dos sonhos que fazem a vida valer a pena.

É na própria história de vida que a entrevistada Sílvia vai compondo um cenário em que o sentido se mostra e se esconde a partir da relação que ela passa a manter consigo mesma, com o outro e com o mundo. Uma história que se constitui de um dinamismo marcado pelo passado, presente e futuro numa relação de integração, na busca crescente do sentido a partir de uma construção circular, não homogênea e linear, a partir dos confrontos, dos enfrentamentos, dos encontros e desencontros, encantos e desencantos, na dramaticidade contida na existência humana.

Seus relatos da infância tem a marca da falta, a ausência parcial da mãe e da irmã que precisavam trabalhar e a indiferença do pai, por não assumir a paternidade, uma presença imprevisível e descomprometida na família. A dor, para Sílvia se transformou em ações práticas como fazer, na escola, o cartão ou lembrança para homenagem do dia dos pais pela nota. Aprendeu com a mãe e a irmã, professoras, que precisava estudar para conseguir alguma coisa na vida e para isso as notas eram importantes. Ainda que rara a presença, a depender da vontade do pai, ela gostava quando as visitava, era uma presença agradável, que brincava, mas na adolescência quis tomar partido e fazer justiça com a mãe. No dizer de Sílvia: “decidi por algo útil, abrir um processo para que ele assumisse a responsabilidade”. (SÍLVIA)

Para Heidegger o homem é um ser em abertura para si, para o outro e para o mundo. Sua existência, *seu* ser-no-mundo fala de sua vida, de seus interesses, seus sonhos, seus desejos, sua busca, sua falta, seu vir a ser. Nesse sentido, o que move o homem é o chamado do futuro. Diz João Augusto Pompéia:

Os animais são determinados, em sua conduta, por aquilo que existe. O homem, no entanto, parece-me determinado por aquilo que não existe ainda. Aquilo que não existe ainda é sonho, é projeto, é imagem. É expectativa, perspectiva de futuro. Uma perspectiva que pode ter nesse ainda sua força maior. [...] posso dizer que o homem é caracterizado pelo que não existe, mas que pode existir ou pode ser [...] o homem é um sonhador. Imagina algo, espera coisas, deseja e dá forma para isso. (POMPÉIA 1997, p. 43)

Sílvia dá a forma para o seu desejo de fazer novos amigos e de evangelizar, enfrentando a sua timidez na adolescência: “As maiores dificuldades foram para me entrosar. A vergonha me

travava e exigiu muito esforço para superar. Lembrar a mim que estava conseguindo superar, era o exercício de sempre”. (SÍLVIA)

A concepção fenomenológica abre espaço para a relatividade do saber, da verdade e para a insegurança como modo próprio de existir. Sílvia parece instaurar em sua vida uma nova possibilidade de sentido, permitindo-se o espaço para o limite e para o risco, para a experiência, para o aprender na demora da procura de sua verdade. Disse sorrindo que uma outra grande dificuldade foi admitir para ela mesma que queria ser freira, brigou com Deus durante 7 anos, período em que começou a pensar na vocação religiosa até a entrada no Instituto: “Fui a primeira a duvidar da minha vocação, mas principalmente por não querer admitir, porque eu tinha muitos planos diferentes: continuar estudando, ser advogada, jornalista, ser tudo menos freira”. (SÍLVIA)

Sobre o período de sete anos de procura do sentido, de discernimento vocacional Sílvia contou que enfrentou a confusão interior em um longo tempo:

“[...] enfrentei primeiro sozinha, depois falei com um amigo, depois de mais de dois anos com a mãe e ainda levou mais 4 anos para se decidir a iniciar o processo formativo[...]No tempo em que interrompi o processo de acompanhamento vocacional eu fiz a faculdade, comecei a trabalhar, tinha estabilidade financeira, namorei, continuei envolvida nas atividades da Igreja, ensinava dois instrumentos musicais e fiz tudo que um jovem faz”. (SÍLVIA)

Embora, na perspectiva fenomenológica, a concepção do saber e da verdade não nos garanta nenhum resultado preciso, pode nos mobilizar para nos colocarmos a caminho da investigação e da procura de significado e de sentido num movimento próprio do existir humano, de desvelamento e desocultamento. Sobre a espera e a procura no movimento de existir, nas palavras de Sílvia: “Aprendi a ser mais responsável, conciliar trabalho, faculdade, Igreja, diversão, colocando mais leveza em tudo. Depois de um ano retornei para o acompanhamento vocacional bem mais segura”. (SÍLVIA)

Nessa perspectiva de pensamento, na aproximação de si, Sílvia acolhe a insegurança como como desafio e, partindo do conhecido, estabelece novas relações com o desconhecido. A sua compreensão no enfrentamento da timidez: “Era mais fácil a segurança das pessoas conhecidas. Hoje em dia escuto muito que sou comunicativa. Antes não escutava isso, mudei muito. Eu nem acreditava ser possível mudar tanto”. (SÍLVIA).

A existência de Sílvia abre a possibilidade para o que ainda não existe: sonhos, projetos e imagens, mas que pode existir ou pode ser. Ela vai se descobrindo capaz de acolher as "sementes lançadas", e dar espaço para que elas possam enraizar-se e crescer. Sabe que pode seguir um caminho comum com os outros, permitindo que diferentes referências se vinculem.

Caminhando na obscuridade dos novos projetos, abrindo-se e ampliando o campo da investigação, o que Sílvia descobre ao olhar para a sua existência?

Olhando profundamente o modo como a sua existência se revela, Sílvia pode descobrir que existe de modo singular no mundo. Existe relacionada sempre com alguma coisa que faz sentido para ela. Entre tantas coisas que vão compondo o cenário de Sílvia, ela recorda o que a ajudou na sua procura de singularidade: “a oração, a experiência de trabalho, a autonomia para fazer as escolhas. Percebia que faltava algo para ser a melhor versão de mim”. (SÍLVIA)

A trajetória de Sílvia exemplifica a resiliência como capacidade de transcender, aprender com a dor e reinventar-se frente às adversidades, pois de acordo com Vanistendael e Lecomte (2004 apud BRANDÃO 2009, p. 16) “Resiliência é muito mais que o fato de suportar uma situação traumática, consiste também em reconstruir-se, em comprometer-se em uma nova dinâmica de vida.”

Sílvia valoriza suas conquistas, seu trabalho, sua autonomia, mas compromete-se com uma nova dinâmica de vida de fé, que se fundamenta na vivência dos conselhos evangélicos: pobreza, castidade e obediência.

Das primeiras etapas do processo formativo: Aspirantado e Postulantado, Sílvia conta que recorda as mudanças no estilo de vida.

Acostumada a viver com a mãe e a irmã passa a viver com muitas pessoas e sem uma estrutura física adequada. Havia aprendido a organizar-se no tempo e a partilhar tudo, mas encontrou dificuldade em lidar com as coisas práticas que, na sua percepção não eram resolvidas de forma prática. Informações distorcidas e ações contraditórias, geravam desorganização e conflitos na comunidade. Às vezes, até em dia de descanso, queria ficar só para refletir, descansar e não podia, além de muita gente na casa, o julgamento é que estava se isolando, era literalmente chamada para ficar junto das outras. Sofreu muito. Aos poucos foi conseguindo entender, compreender a influência da história, processar os acontecimentos e se colocar.

Na etapa do Noviciado o mais difícil foram as relações. A relação do poder, especialmente de uma pessoa que foi responsável por um tempo, foi bem difícil. Conforme as conveniências, tudo

se remetia aos acontecimentos dolorosos que os jovens não conheciam e era ressaltado o cuidado com o apego, tentando anular as amizades e os vínculos afetivos.

Sílvia, na etapa do Noviciado, pensou em desistir só para se livrar do problema. Como não tinha dúvida de que estava querendo fugir do enfrentamento do conflito pessoal e comunitário, começou a rezar de um jeito diferente, se observando e percebendo os sinais de Deus. Muitas vezes se perguntou sobre seu modo de existir: “por que preciso da aprovação de outros para continuar no seguimento de Jesus? E fui compreendendo que o motivo para sair não era cabível. Eu queria e decidi continuar o processo formativo”. (SÍLVIA)

O relato de Sílvia fala da sua busca da essência de poder ser e aponta para a afirmação de Rocca (2015), ao recordar que muitos depoimentos de pessoas escutadas não apenas em casos de perdas graves ou doenças, mas em outras que parecem ser irreversíveis, demonstram que só uma forte experiência de amor, humano ou divino, consegue dar-lhes novamente uma razão para continuarem lutando pela vida.

Em pessoas religiosas as perguntas “por que e para que” brotam naturalmente do contato com a dor e são dirigidas a Deus, levando-as à busca de valores ou sentidos que são necessários para assumir e aceitar as adversidades que não são possíveis de evitar.

Na etapa do Juniorato, como religiosa, se mostra crítica, autocrítica na busca de compreensão de si e do processo formativo, afirma que mudou o olhar, sente-se irmã, mas ainda percebe uma diferença hierárquica entre uma Juniorista e uma Irmã perpétua:

“[...] procuro compreender as coisas e situações, porque tenho o meu olhar, mas não posso pretender que enxerguem as coisas como eu. Estamos em processo. Vou colocando minhas perguntas porque entendo que a imposição não produz frutos e acredito na possibilidade da abertura até para errar e aprender com os erros”.

Nem a trajetória de Sílvia nem dos demais entrevistados está completa, muitos sonhos estão por serem realizados e descobertos, aponta para o dizer poético de um estudioso de resiliência: “Mais de uma pérola se formou ao redor de uma ferida, como na ostra”. (VANISTENDAEL, 2005, p. 12 apud ROCCA 2008)

D - MODOS DE CUIDAR DE SER

Mas esse cuidar de ser não é aleatório, nem mesmo cuida-se de qualquer coisa. Individual e/ou coletivamente, os homens escolhem o que vai estar sob seus cuidados, aproximando-o e afastando-se de sua cotidianidade, de seu mundo vivido, de sua atenção, de seu interesse [...] É cuidando de ser, é dando conta de ser que os homens existem como homens e como o homem que cada um deles é. (CRITELLI, 1996. p.120).

O cuidado é a marca do ser humano. O sentido de ser, a compreensão da existência: do mundo, dos outros homens, de si mesmo na sua singularidade e pluralidade, expressa-se nas escolhas relacionadas ao modo de cuidar, a partir de suas experiências e interesses. Critelli associa o cuidado à identidade, às escolhas que a pessoa faz. O modo de cuidar não é aleatório e não se cuida de qualquer coisa. Escolhemos individual ou coletivamente do que queremos cuidar e de como vamos cuidar de acordo com os nossos interesses: “É cuidando de ser, é dando conta de ser que os homens existem como homens e como o homem que cada um deles é”. (CRITELLI, 1996. p.120).

Sobre a temática da resiliência que escolhemos cuidar, de acordo com Cyrulnik (2005, p.35), é necessário investigar os fatores de promoção que permitem que um determinado desenvolvimento se restabeleça. São os fatores de promoção os que interessam nesta pesquisa e são os que mais aparecem nos relatos dos entrevistados.

Acolhida, escuta, confiança, espiritualidade, perdão e apoio são indispensáveis ao longo da vida. Para Bowlby (2001) há evidências de que os seres humanos, independentemente da idade, se sentem seguros e mais felizes quando sabem que podem contar com a ajuda das pessoas para desenvolver seus talentos, caso tenham dificuldades.

Os estudos de Grotberg (2005, pp.16-20) sobre a promoção de fatores resilientes e as diferentes estratégias necessárias para se ter condutas resilientes validam teoricamente o processo de resiliência ao longo da vida dos entrevistados desta pesquisa e permitem um olhar que interroga as ações em vista da promoção de valores que fortalecem o aprender ser, aprender a fazer e aprender a conviver em comunidade, para enfrentar, vencer e sair transformados das experiências adversas. Grotberg e outros autores defendem que as pessoas têm crenças e atitudes sobre elas mesmas que podem influenciar o seu comportamento, o autoconceito e a

autoimagem em constante funcionamento, proporcionando retroalimentação à maneira de viver, mas ter uma mentalidade resiliente não significa de nenhuma maneira que a pessoa esteja livre do estresse, da pressão e dos conflitos: significa que ela pode sair de cabeça erguida frente aos problemas vivenciados.

As quatro categorias diferentes: 'eu tenho' (apoio); 'eu sou'; 'eu estou' (relativo ao desenvolvimento da força intrapsíquica) e 'eu posso' (aquisição de habilidades interpessoais e resolução de conflitos) estão presentes nas trajetórias de vida dos entrevistados e serão exemplificadas nos próximos parágrafos.

A primeira categoria "Eu tenho" mostra que Sílvia confia e tem o apoio de pessoas que a amam e ensinam com a própria conduta a maneira correta de proceder, ajudam a crescer na autonomia e evitar perigos e problema:

"[...] Aprendi a pedir a opinião dos outros e ponderar para não misturar as coisas, das práticas às mais complexas. Trabalhei a relação com meu pai e cresci. Tenho êxito na música, praticando e ensinando às Irmãs, vivo em uma comunidade que considero madura e colaboradora". (SÍLVIA)

A segunda categoria "Eu sou" implica sentir-se uma pessoa pela qual os outros podem sentir carinho e apreço, capaz de fazer algo bom e demonstrar afeto, respeitoso consigo e com os outros: "Dizem que sou pontual, amiga, de Deus, inteligente. Hoje em dia escuto muito que sou comunicativa". (SÍLVIA)

A terceira categoria "Eu estou" tem relação com o desenvolvimento da força psíquica e disposição de responsabilizar-se pelos próprios atos e a confiança de que se sairá bem: "Posso dizer que sou feliz, ser comunicativa me trouxe leveza na vida. Sou agradecida por perceber cada coisa no seu lugar, ser mais leve e espontânea". (SÍLVIA)

A quarta categoria "Eu posso" tem a ver com a aquisição das habilidades interpessoais e resolução de conflitos, expressar o que assusta e inquieta, procurar o momento adequado para falar com alguém e a maneira de resolver os problemas, controlar a vontade de fazer algo errado ou perigoso e procurar ajuda quando necessário. Sobre dificuldades nas relações que compreendeu como abusivas assim se expressa:

"[...] tinha dúvida e me perguntava, será que preciso regredir para agradar? e resolvi me colocar, dizer o que pensava. Depois de muito nos olharmos, enfrentamos como

comunidade, dialogamos e o feedback, a correção fraterna e o perdão para a pessoa foi uma ajuda concreta e sincera para um posicionamento diferente”. (SILVIA)

Na voz de Leandro a relevância da acolhida para autoconfiança:

[...]A congregação e os formadores me acolheram. Tenho meios para cuidar dos valores, do corpo e da saúde. A vida em comunidade facilita o autoconhecimento a capacidade para agir, viver na simplicidade, ter um olhar de misericórdia, crescer no companheirismo e preparar para ser uma pessoa de bem em comunicação com o outro. (LEANDRO)

Na perspectiva de permanente constituição do humano, do ponto de vista existencial da concepção heideggeriana, o entrevistado Natan parece descobrir que não há um jeito próprio e mensurável de ser. Natan recorda as adversidades pelas quais pensou em desistir do processo formativo, destaca a presença de profissionais, de amigos e da vida comunitária a necessidade de conversão:

[...] Em algumas dificuldades pensei em desistir, mas tive ajuda: diretor espiritual, terapia, encontro com os amigos, vida comunitária. A vida de oração que sempre busquei ter ajudou muito. Não tenho dúvida da minha vocação, nem da Congregação. [...] Na etapa do Pré-Noviciado a terapia e o formador me ajudaram a parar um pouco e pude ver as maravilhas de silenciar, escutar. Fui percebendo que o amor está para além do que se faz e fui vendo o que não estava certo, o que precisava melhorar. Vejo necessidade de conversão pessoal. (NATAN)

Na arte de estar sempre sendo, a consciência de inacabamento perpassa todos os processos e relações e Natan entende que não há um modo único de pertença ou integração. Viver nessa perspectiva é estar em perpétuo deslocamento, é habitar um mundo que não nos acolhe na totalidade, nem nos oferece garantias de segurança.

Na voz da entrevistada Rosa Maria, a experiência de desabrigo parece configurar-se como condição de liberdade em relação a referência de valores, atitudes, desejos, conceitos, símbolos ideias e significados, permitindo que ela se ocupe de determinadas tarefas em detrimento de outras. Abandonada pelos pais e cuidada pela avó, sofreu as restrições da pobreza e o conflito na relação com o avô que bebia e era agressivo com ela, com a irmã e com a avó. Ao ser interrogada sobre o que mudou em sua vida, a partir da sua entrada na comunidade formativa respondeu:

“[...]Tudo mudou. Sempre formação humana e até hoje trabalho a relação com os meus pais. Desde o Aspirantado trabalhei com a formadora a timidez, porque no processo formativo temos que tomar iniciativas. A formadora propôs o acompanhamento psicológico, dizendo que ajudaria principalmente na relação com os meus pais. No início tive medo, mas aceitei. [...] As Irmãs ajudaram muito, algumas idosas, apoiavam, riam, tornavam a vida mais leve.

No postulado e noviciado tive dificuldades de relacionamento, mas estava com mais esperança. Conversava mais com as Irmãs. (ROSA MARIA)

O relato de Robson corrobora o pensamento de Melillo (2005 apud MONTEIRO, LIMA e FURTADO 2018) que utilizando a analogia da “Casita” de Vanistandael, associa a autoestima à construção da resiliência e reconhece a aceitação incondicional de alguém próximo como o coração dessa construção, independentemente dos comportamentos da pessoa. No dizer de Robson, independentemente dos seus acertos e erros, a aceitação incondicional do formador se configura como o coração da construção da sua identidade.

[...] Tive muita dificuldade para definir minha identidade. Até da psicóloga eu tinha vergonha. A solução que encontrei foi assumir minha sexualidade ‘sem dar ibope’, sem colocar no outdoor e as ironias foram perdendo a força. Eu assumi para mim, mas não fico falando, as pessoas podem cogitar, mas eu não confirmo. Eu assumi o que sou. [...] Tive um formador fantástico, próximo do ideal, psicólogo, ético, respeitoso. Para esse formador eu falei da minha identidade, senti confiança, pude fazer uma experiência bonita de confiar. Ele chamou a minha atenção porque ele não se assustou. Orientou-me a continuar na postura de não negar, de acolher, de considerar a minha sexualidade como dom de Deus e vivê-la na perspectiva da vida que almejo. (ROBSON)

O testemunho de Robson demonstra que mais tarde, em outras situações de adversidade ele soube utilizar os próprios recursos e se mobilizar para encontrar tutores substitutos.

Robson, ao se mostrar confiante, sereno e capaz de confiar em um formador que acolhe sem julgamento nos remete a Perosa e Pucci (2018). Os autores afirmam que a aceitação está ligada à existência dos fatos e não ao seu conteúdo. De acordo com os autores, os fatos aceitos são mais facilmente compreendidos e a serenidade é a aceitação da existência como é, sem aprisionamento ao ideal. A aceitação e respeito à pessoa implica em deixar o julgamento do lado de fora da relação, sem esquecer o propósito de ampliação do autoconhecimento. O acolhimento do modo de ser do outro é quase uma decorrência do não julgamento. Acolher é deixar ser, é possibilitar à pessoa a compreensão de si mesma e respeitar suas escolhas. Talvez, por ser acolhido, Robson possa compreender seu posicionamento no mundo e assumir a responsabilidade por seus atos.

A concepção fenomenológica abre espaço para a relatividade do saber, da verdade e para a insegurança como modo próprio de existir e possibilita instaurar uma nova possibilidade de sentido. Sílvia, em seu relato, ressalta a importância da comunidade como espaço para o limite e para o

risco, para aprender com os erros, fala da comunidade como o lugar de perdão e de celebração, comunidade como lugar para crescer na autoestima, autonomia e integração:

“[...] vivo em uma comunidade que nos instiga para o autoconhecimento, a olhar para a nossa história de vida e a ressignificar. Trabalhei a relação com meu pai, aprendi a perdoar e cresci. [...] A comunidade está ajudando na capacidade de escuta, na aproximação e fraternidade entre nós. O testemunho da vida fraterna tem ajudado muito. Aprendi a pedir a opinião dos outros e ponderar para não misturar as coisas, das práticas às mais complexas. [...] Tenho êxito na música, praticando e ensinando às Irmãs, vivo em uma comunidade que considero madura e colaboradora. Sobre a capacidade de comunicação posso dizer que sou feliz, me trouxe leveza na vida. Sou agradecida por perceber cada coisa no seu lugar, ser mais leve e espontânea (SILVIA)

Cencini (2019) recorda que a Vida Religiosa Consagrada precisa estar preparada para as exigências da modernidade, formar o coração para viver no Amor, escolher as alternativas para dar respostas plausíveis às interrogações dos tempos modernos. Os questionamentos em relação ao número, sobrevivência e futuro da VRC encontram eco na voz da entrevistada Vania, ao responder sobre o papel da Comunidade no seu processo de formação, sem dar ênfase nas obras ou resultados:

[...]A comunidade contribui com o testemunho de missionariedade, a faixa etária alta não é impedimento para que as Irmãs se dediquem à causa. São muito especiais no sentido de me acolher na etapa que estou. Elas me ajudam a zelar pela oração. Percebo a unidade da Congregação - família religiosa, as Irmãs presentes. As autoridades visitam a comunidade, a distância não as impede de manter contato. As Irmãs me lembram que sou unionista e não posso me descuidar da formação, da oração e para não cair no ativismo. Elas me recordam que pretender dar conta de tudo é perigoso. (VANIA)

Ao afirmar que a distância não impede a comunhão, os contatos e a interação, Vania nos leva a Merino (2016), que defende a compreensão da era digital como o tempo da presença, real e virtual, física ou moral, ativa ou passiva, mas interativa. É um tempo marcado pela necessidade de ver, falar e ouvir, que solicita a construção de presenças solidárias, comunicativas, libertadoras, inspiradoras e transformadoras. Presenças positivas que recordem crenças, contribuem para a expressão de convicções e valores, priorizem o bem real, não a aparência, abrindo caminhos de esperança às pessoas e comunidades. Presenças que contem com o que há de positivo nas pessoas ao seu entorno para fazê-las sonhar e procurar alternativas individuais e coletivas. Presenças livres e libertadoras.

Na busca de si mesmo, a interação com o outro é de grande relevância. A alteridade do mundo, funciona como um espelho no qual nos refletimos, nos percebemos e formamos nossa individualidade. No dizer de Almeida:

Somos públicos antes de sermos privados, somos comunidade antes de sermos individualidade, somos todo antes de sermos parte[...] basta que olhemos para a nossa vida cotidiana e veremos que nossos costumes são, na maior parte das vezes, heranças; o mesmo se dá com os nossos gostos e preferências, com nossa forma de manifestar a religiosidade e até com o modo que pensamos [...] o que somos é, em grande parte, herança e o primeiro que há em nós é o herdado. (ALMEIDA, 2000, p. 8)

Quando mergulhamos na rotina do cotidiano, sem escutar as perguntas mais profundas, transformando as dúvidas em certezas, corremos o risco de perdermos a nossa singularidade, vivendo o presente de forma inautêntica como se não tivéssemos nem passado e nem futuro. A construção da resiliência precisa mobilizar diferentes habilidades e competências pessoais, dentre elas sociabilidade, empatia, determinação, autocontrole, pensamento crítico e a visão positiva de mudanças e esperança no futuro etc.

O entrevistado Fabio relata muitas dificuldades no processo formativo, mas entende que a comunidade ajuda a olhar de forma positiva e a alcançar os objetivos juntos, não sozinhos.

[...] Na casa de formação passei a enxergar o mundo diferente, enfrentar outras dificuldades que me amadureceram, me tornei uma pessoa melhor, a vida comunitária me ajudou a respeitar o outro. Eu sofria porque queria estar no centro. O processo formativo me ajudou a aceitar a sexualidade, o que faz parte de mim, a ter um olhar mais humano sobre mim [...] nosso valor está em nossa vocação. Viver a vocação como doação, chamado para o bem do outro. A pessoas apontam meus defeitos e oferece oportunidades de mudança, para sair da crise. A sinceridade de alguns confrades tem me ajudado muito nesse processo de mudança. (FÁBIO)

O Relato de Leandro exemplifica como as demandas da pandemia da COVID-19 e outras adversidades alteram as relações e solicitam a escuta, paciência e compreensão da vivência para a resignificação da vida.

[...]O noviciado eu fiz no exterior. Foi uma mudança sair do país, viajar de avião. O meu irmão pegou COVID, na época que não tinha UTI, essas coisas, fiquei muito aflito, com medo de não conseguir me despedir, caso morresse. Foi o momento mais dramático que vivi, mas consegui conversar e me adaptei bem. Tive um formador bem paciente, sábio, tranquilo, nos fez crescer. Tinha vasta experiência, compreensão do que estávamos vivendo, os protocolos de segurança, de saúde eram mais rígidos. O formador foi bem empático e ajudou bastante. Quando o irmão estava com COVID, de início fiquei bem preocupado, comecei a me questionar se deveria ter ido para outro país, mas nunca me senti abandonado, me senti acolhido pela comunidade. (LEANDRO)

As mudanças do mundo em diferentes cenários, tempos e contextos como conflitos, as guerras, o luto que vivemos por tantas perdas, recorda a todos a urgência de reconstruir os laços humanos e o sentido de comunidade e solidariedade em vista de respostas rápidas às emergências.

A sociabilidade, compreendida como a capacidade de estabelecer vínculos de confiança e cultivar relações é um pilar da resiliência. Para Rocca (2015), os indivíduos mais sociáveis e que conseguem estabelecer diferentes relações formais e informais de apoio com pessoas de ambientes

e idades diferentes apresentam abertura para a confiança e melhores condições para buscar e encontrar ajuda.

7.4 Resultado: um olhar para o todo (metatexto)

A análise textual discursiva, com base nas categorias emergentes, permitiu identificar semelhanças nas trajetórias da maioria dos participantes da pesquisa.

Chamam a atenção as cicatrizes das experiências adversas ligadas às relações. Nas relações familiares, a presença paterna é evidenciada com a marca da insuficiência: pais ausentes, fracos ou agressivos que provocavam raiva e medo em quase todos os entrevistados. Conflitos com os irmãos, vizinhos, colegas de classe na escola, experiências de *bulling*. Fizeram parte do percurso, não sem dor, o sentimento de não ser acolhido, escutado e compreendido e as brincadeiras de mau gosto em algum momento no processo formativo para a Vida Religiosa Consagrada.

Por outro lado, cuidar de pessoas significativas, especialmente da mãe na família, dos educadores na escola e dos formadores e comunidades religiosas no processo de formação, parece ser um dos mais poderosos preditores de resultados positivos em termos de condutas resilientes.

A escola, embora para alguns tenha sido a manifestação nefasta da desigualdade social, é um lugar onde todos são motivados para estudar e veem como possibilidade de mudança de vida. Mesmo em situação de extrema pobreza e distância das escolas o estudo foi prioridade. Apenas uma entrevistada foi alfabetizada mais tarde, aos 10 anos, quase por sua própria conta e risco. Os demais tiveram apoio da família e não houve desistência da escola.

A relação com Deus, a espiritualidade parece ter sido despertada e fortalecida nas famílias e comunidades eclesiais, pois, os entrevistados falam do discernimento vocacional e da escolha para a entrada nas comunidades de formação como consequência das opções cristãs, opções de fé, de relações fraternas e conquistas coletivas vivenciadas na vizinhança e na Igreja ao longo da infância e adolescência.

A partir das categorias emergenciais encontram-se várias qualidades reiteradamente identificadas em estudos publicados sobre resiliência como fatores de proteção: expectativas de futuro saudáveis, desejo de aprender e direcionamento para objetivos, orientação para a consecução dos mesmos, êxito nos empreendimentos, desde os menores, motivações para as conquistas, senso de propósito e futuro relacionado a um senso de autonomia e autoeficácia, senso de justiça e de solidariedade.

Essas qualidades, as aspirações de fé, educacionais e o desejo de um futuro melhor foram fortemente associadas à presença de figuras significativas. Quando um futuro atraente parece possível e atingível, conseguimos mais facilmente renunciarmos à gratificação imediata e fazermos escolhas mais abrangentes com base em valores naturais e auto transcendentais.

O modelo de Grotberg (1995) possibilita sintetizar condutas resilientes através da posse de condições que se expressam na linguagem: "eu tenho", "eu sou", "eu estou" e "eu posso". Em todas essas verbalizações explícitas ou ditas de outras formas os entrevistados deixam transparecer os diferentes fatores de resiliência, como autoestima, confiança em si mesmo e no ambiente, autonomia e competência social.

A posse dessas atribuições verbais também pode ser considerada como fontes geradoras de resiliência. Assim acontece quando alguém pode recorrer às características de "eu tenho" pessoas em quem confio e que me amam incondicionalmente e pessoas que me ajudam quando estou em perigo. Pessoas que amam incondicionalmente e que protegem dos perigos ajudam a fortalecer o "eu sou" uma pessoa boa, digna de afeto e confiança, portanto, "tenho" confiança no futuro e "posso" falar dos meus medos e incertezas sabendo que terei ajuda quando precisar.

Esses verbos no plural podem ser exemplificados a partir da fala dos entrevistados, sobretudo quando responderam se e como a Comunidade formativa potencializa os atributos pessoais da resiliência:

"Nós Temos"

- A Congregação que acredita em nós e nos ajudam quando precisamos de orientação;
- Pessoas que tem contribuído em todas as etapas para o desenvolvimento humano, crescimento espiritual, profissional;
- Uma formação individualizada, dentro das necessidades e do tempo de cada pessoa;

- Testemunho de pessoas fortes que são referências de compromisso com a vida e defendem a vida plena, o bem para todos;
- A formação que possibilita condições que resguardam nosso direito como pessoas e também como formandos, através de acompanhamentos / orientações com profissionais capacitados;
- Liberdade para expressar a solitude. Formador que é gente e forma gente;
- Entre nós temos uma comunhão de ideais, buscamos fazer as coisas na totalidade. Uma visão de futuro objetiva, vida plena, fazendo as coisas com sentido;
- Ferramentas para desenvolver a missão de acordo com nossas aptidões.
- Acompanhamento psicológico e a vivência comunitária. Nos momentos de tensão, há sempre uma pessoa que serve como mediador nas resoluções dos conflitos;
- Valores que garantem a vida na concretização de uma missão;
- Fé, capacidade de reconhecer que não dependemos só do nosso esforço, mas também da graça de Deus;
- Compreensão de que a lei pela lei mata, o amor é que deve ser a nossa regra. Muitos exemplos de amor e de perdão;
- Hoje temos mais liberdade, há sensibilidade para pensar diferente em situações especiais que precisamos falar mais, visitar a família etc.

"Nós Somos"

- Capazes de cuidar dos outros.
- Apaixonadas (os) pelo Crisma, desejosas (os) de levar as pessoas a conhecerem a Deus.
- Pessoas com dons, dignas da confiança demonstrada pelos encargos na comunidade e nas pastorais;
- Empenhadas em colocar todas as nossas forças nos valores do Evangelho;
- Incentivadas a olhar para a nossa história de vida e a ressignificar;
- Motivadas para um olhar objetivo diante do que nos acontece. Nosso estilo de vida leva a buscar a reflexão, o conhecimento;
- Convocadas a acreditar na providência de Deus, nossa máxima é a confiança em Deus, que tudo alcança, mas uma confiança ativa, com metas claras e esforços contínuos;

- Solidárias. Nos esforçamos para nos colocar no lugar do outro, participar de suas dores e alegrias.

"Nós Estamos"

- Buscando ser mais flexíveis e entender algumas coisas como provação. Isso dá uma certa leveza;
- Escutando e buscando expressar as emoções, separar as coisas, entre nós às vezes não nos ajudamos com a provocações que fazemos ao outro;
- Vivenciando o Evangelho. É forte a experiência de oração, do conhecimento de Jesus como o grande Mestre;
- Recebendo *feedback*, escutando coisas boas que nos ajudam a admitir o que temos de bom para servir e desenvolver mais os talentos;
- Em processo formativo que nos instiga para o autoconhecimento;
- Compreendendo que a vida fraterna é o exercício constante de nos relacionar com o diferente, o grande termômetro dos nossos afetos, da nossa fidelidade e felicidade.

"Nós Podemos"

- Intensificar a experiência da vida fraterna, a caridade, a missão;
- Exercitar a aceitação positiva da mudança: transferências de comunidades e dos trabalhos, da missão;
- Conviver com novas pessoas, grupos e visões diferentes;
- Vivenciar os valores e novas formas de pensar a vida, as relações: oração, partilha, expressão do pensamento e sentimentos na vivência no cotidiano ajuda a ser quem somos diante do mundo, na singularidade de cada um;
- Construir vínculos afetivos e a autonomia de ser quem é;
- Recordar que se a gente está em processo, o outro também está;
- Aprofundar nossa reflexão que é limitada em alguns aspectos, sistematizar melhor o estudo sem medo da universalidade do conhecimento;

- No processo formativo, aprofundar os dons e talentos, perceber a capacidade e trabalhar com objetividade sem a preocupação exclusiva de dar respostas às necessidades das Obras;
- Crescer na independência implicada na vivência dos conselhos evangélicos, na capacidade de ser livre nos afetos, de amar e ser de todos e não ser exclusivamente de ninguém, de quebrar o moralismo e a rigidez;
- Trabalhar mais a capacidade de humor na formação humana, aprender a rir de coisas difíceis. A formação nos ajuda a olhar nossa história e a vida com mais leveza. O processo acontece de dentro para fora. Se consigo estar leve vou levar leveza.

Algumas características e condutas resilientes foram por eles reconhecidas, outras ecoaram das suas vozes nas entrevistas. Nesse cenário é possível uma tentativa inicial de síntese das características de resiliência dos religiosos e religiosas em formação:

Condutas resilientes dos religiosos e religiosas em processo de formação	
Condutas	Como se manifestam
Determinação	Agem com firmeza na maioria das situações e tem protagonismo ao escrever uma nova história.
Persistência	Demonstram habitualmente constância nos atos, o medo não os paraliza.
Bom uso da memória e do esquecimento	Utilizam as boas memórias para a construção de novas experiências e as dores são interpretadas a partir de uma leitura de fé, na ótica do perdão.

Respeito	Respeitam a si mesmos e aos demais.
Solidariedade	Renunciam a projetos pessoais para abraçar projetos coletivos em vista do bem-estar da Comunidade e/ou interlocutores da missão.
Empatia	Buscam-se colocar-se no lugar do outro, compreender que o outro também está em processo de construção para entendê-lo e acolhê-lo nas suas diferenças.
Motivação	Motivam-se para ser a melhor versão de si, pela aprendizagem e pelos bons resultados. Investem para conhecer e desenvolver as habilidades e competências.
Objetivos definidos a curto e a longo prazos	Vivenciam os valores da formação, assumindo os desafios próprios de cada etapa e preparando-se para alcançar as metas relacionadas à consagração: votos definitivos, estudos e missão.
Fortalecimento nas adversidades	Interpretam, em geral, as experiências dolorosas, como oportunidades para o crescimento em todas as dimensões da vida. São pessoas gratas e esperançosas.
Aprender da experiência	Utilizam tanto as boas quanto as más experiências como motivos para aprender e como base para novas aprendizagens e descobertas.
Autotranscendência	Passam dos valores naturais como a inteligência para os valores autotranscendentes como a fé e a vivência dos votos de pobreza, castidade e obediência na gratuidade da vida.
A busca de um sentido	Buscam costurar os acontecimentos com o fio do sentido e se arriscam na imprevisibilidade do mundo pela entrega da vida.

Bom Humor	Encontram alternativas criativas para solucionar a maioria dos problemas, enfrentam as brincadeiras preconceituosas com outras que contribuem para mudar o foco e não se perdem na raiva.
Ética	Discernimento entre o bem e o mal, escolhem o perdão vinculado a atitude ética: a vida comunitária os ajuda a sair de si mesmos como uma grande profecia
Autoestima	Aprendem a se perceber acolhidos, a gostar de si mesmos e aceitam-se como são.
Autoconfiança	Mostram-se seguros das suas potencialidades e capacidades.
Senso crítico	São capazes de fazer autocrítica, sabem que tem muito a crescer e questionam os próprios valores e das comunidades na prática.
Valorização dos estudos	Valorizam e reconhecem as oportunidades de estudo na academia e nas comunidades religiosa. Na missão e nas pastorais estão abertos para aprender e ensinar.
Autoeficácia	Valorizam suas conquistas e colocam suas capacidades a serviço do outro, da vida.
Sonho	Possuem sonhos que incluem o cuidado com os outros, o bem-estar das pessoas e a transformação da sociedade.
Espiritualidade	Conferem sentido e valor à vida, incluindo a procura de significado na relação com os outros, com a natureza ou uma divindade. Têm fé em Deus e na Vida.

Segundo Perosa e Pucci (2018), a dimensão do propósito, o “para que” daquilo que fazemos, diferencia a fenomenologia de outros projetos que são bases para teorias psicológicas. Para a fenomenologia, o tempo mais importante é o futuro, o que permite que algo ocorra.

Da avalanche de impressões, sensações, vozes e das entrelinhas dos discursos produzidos pelos participantes da pesquisa, aparece a resiliência, na forma de atributos pessoais e comunitários para prover e acessar recursos de bem-estar, de paz, de transformação. Em quase tudo, a marca da fé em Deus e da fé na vida. Uma síntese iluminativa de tantas e diversas vozes pode ser feita emprestando a canção “Tente outra vez” de Raul Seixas:

Tente outra vez

Não diga que a canção está perdida
Tenha fé em Deus, tenha fé na vida
Tente outra vez

Beba (beba)
Pois a água viva ainda 'tá na fonte (tente outra vez)
Você tem dois pés para cruzar a ponte
Nada acabou, não, não, não

Oh oh oh oh tente
Levante sua mão sedenta e recomece a andar
Não pense que a cabeça aguenta se você parar
Não não, não, não, não, não
Há uma voz que canta, uma voz que dança
Uma voz que gira (gira)
Bailando no ar

Oh queira
Basta ser sincero e desejar profundo
Você será capaz de sacudir o mundo, vai
Tente outra vez

Tente (tente)
E não diga que a vitória está perdida
Se é de batalhas que se vive a vida
Tente outra vez

8. CONSIDERAÇÕES

O estudo da resiliência associada às questões da formação para a vida religiosa consagrada está sendo inaugurado. Nessa Dissertação priorizou-se a literatura que investiga a resiliência como processo de aprendizado e fortalecimento, não como superação da dor e da angústia, mas como abertura à transcendência e à busca de sentido, estabelecendo as

conjugações possíveis. Chamamos de considerações porque há muito a ser pesquisado sobre o desenvolvimento da resiliência para compreender como as pessoas e comunidades em formação fazem frente às adversidades a partir do gênero, idade etc. A perspectiva fenomenológica aponta para os diferentes olhares sobre os diversos modos de ser: ser no mundo, ser resiliente, ser religioso (a).

A partir da literatura e das vozes dos participantes da pesquisa, percebemos que entre tantas possibilidades de abertura para ser, a resiliência é uma das formas de Cuidado. Conferindo sentido às suas vivências, os participantes vão assumindo a tarefa de cuidar de “ser si mesmos” no movimento constante de vir a ser.

Lançados na experiência de imprevisibilidade e desabrigo com a tarefa de descobrir o nosso lugar no mundo e “cuidar de ser”, somos chamados a perceber o sentido das nossas ações, no momento e singularidade das mesmas ações.

Entre tantos modos, cuidar de ser no mundo, ser religioso, ser resiliente implica na aproximação, aceitação e resignação da dor que aparece nas suas expressões de tristeza e fazem parte da vida. Compreender a diferença entre dor (tristeza, pesar, infortúnios) e sofrimento (ressentimento, frustração e revolta) nos permite buscar encaminhamentos distintos, porque o modo como a dor afeta a pessoa pode ou não mobilizar a possibilidade de transformação.

As questões de pesquisa foram incluídas nas categorias de análise, especialmente na quarta categoria: modos de cuidar de ser, formando um quebra-cabeças, para constituir, mais tarde, um mosaico ressignificado.

Em muitos relatos os entrevistados evidenciaram que experiências profundas de dor se transformaram em desafios e oportunidades de crescimento, de aprendizado e transformação, demonstrando que resiliência está relacionada com a tolerância ou não da frustração e da angústia que a acompanha. A resiliência se dá a partir das percepções e interpretações que a pessoa faz dos acontecimentos, das experiências e das escolhas para sua vida.

Estudos alertam para outras maneiras de lidar com o sofrimento e com a dor que não se limitem às conhecidas tentativas de logo superá-los, transformando-os imediatamente em doença, transtorno, problemas que devem ser evitados. Esses modos de deixar-se afetar pelos

acontecimentos podem ser investigados na perspectiva fenomenológica em que a dor está presente na vivência intencional do sofrimento.

Ao longo da pesquisa foi possível perceber nas vozes dos participantes que a experiência de serem amados e acolhidos, os vínculos de confiança estabelecidos com alguns familiares, educadores, formadores, amigos e outras pessoas de referência, bem como a fé, a espiritualidade, a oração, a aprendizagem através do exemplo e os sonhos sonhados desde a infância, foram os fatores que mais se destacaram no que diz respeito à promoção e desenvolvimento da resiliência.

A relação de vínculo, amor e cuidado, construída e fortalecida no cotidiano dos entrevistados favoreceu a base da sua autoestima, da autoconfiança, determinação e protagonismo, seu querer-ser. Em consequência disso, ocorreu o despertar para uma vocação alicerçada em um projeto de vida comunitária, um projeto solidário na perspectiva do Evangelho.

Entendendo a Vida Religiosa Consagrada como existência consagrada à relação com Deus e com as pessoas, projeta-se o futuro da “essência das relações” como o coração do Seguimento do Mestre. Nas pegadas de Jesus somos chamados a construir relações marcadas pela compaixão, com a linguagem da misericórdia, do coração compadecido das misérias humanas. Nessa perspectiva, para os formandos, embora se reconhecendo resilientes, exercer a resiliência implica em assumir um processo lento, no que concerne à percepção, profunda reflexão, sensibilidade e aceitação das diferenças.

Posto que tudo está em movimento, em constante construção-desconstrução-reconstrução a pesquisa traz à luz a relevância da resiliência para o processo formativo, ajuda a compreender o que faz com que as pessoas continuem sonhando - elementos para a reflexão teórica e prática em relação ao futuro da VRC. Considerando que a pesquisa foi realizada com os formandos que permanecem nas etapas do processo, ficam em aberto estudos com pessoas que desistiram durante o percurso formativo. Uma pergunta nos desafia: O que faz com que um número significativo de formandos abandonem o Projeto Pessoal/Institucional de Vida?

O presente estudo se limitou aos componentes da resiliência individual. Por se tratar de religiosos e religiosas, homens e mulheres que vivem em comunidade e trabalham com

peessoas que estão em contextos de exclusão social, se faz necessário estudar resiliência na ótica da Psicologia libertadora, comunitária, em vista do fortalecimento de valores e da busca coletiva de políticas públicas que assegurem direitos, condição de cidadania e vida plena para todos. Do nosso lugar de fala, da nossa missão e do recorte das vozes dos participantes da pesquisa, compreendemos que Resiliência pode ser, entre tantas outras definições, a arte de cultivar juntos a fé em Deus e a fé na vida, coragem, esperança, comunhão. Capacidade pessoal e comunitária para ressignificar a dor, a morte, a culpa, as adversidades. Resiliência como escolha do modo de cuidar de ser, unindo compromisso, humor e leveza, ressurreição!

É muito significativa a canção “Maria, Maria” do Milton Nascimento (1978) que fala do modo de existir resiliente.

Maria, Maria
É um dom, uma certa magia,
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta
Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta
Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo uma marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca

Possui a estranha mania

De ter fé na vida

(MILTON NASCIMENTO, 1978)

Maria, Maria é uma canção que me acompanha quase sempre e que pelo simples fato de “cantarolar” me traz a força e o encantamento de uma imensidão de “Marias”, certa magia, gente que merece viver e amar, gente convocada a cuidar, não de um planeta qualquer, mas da terra da gente que dom é. (não entendi) Gente do Nordeste, do Brasil, do Mundo, da Casa Comum.

Marias, Marias, irmãs, irmãos, amigas e amigos, certa magia. Gente de todos os dias, de tantas e diversas lutas, gana sempre que recorda som, diferenças, harmonia. Diversidade da cor, de dor, gente que do outro escuta o clamor, dose forte de fé e humor, gente que sabe sorrir para que o irmão não precise chorar. Vem, comigo, na mistura de dor e alegria, vamos juntos rezar, sonhar, pensar, trabalhar, “resilenciar”! A estranha mania de ter fé na vida, partilhar e esperar.

REFERÊNCIAS

ALVES, H. e MENDONÇA, Z. Plantão Psicanalítico: Criatividade e mudança de paradigma na Escuta e Setting, na pandemia de COVID-19, in: **Criatividade, Novas Nuances Teóricas na perspectiva da Filosofia e da Psicologia**. Editora Gênio Criador. São Paulo, 2022, pp 156-179.

ALONSO, I et al. Sentido de humor, bem-estar subjetivo e competências de coping desportivo em atletas. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, ESPECIAL 8 p. 9-14. Jan.,2021

ALMEIDA, C.L. de. O Cotidiano. **Revista de Educação AEC**.v. 29, nº 117. Brasília: AEC, 2000. p. 7 - 12

AMADO, A.C, et al. Resiliência e escolarização na perspectiva Bioecológica: um ensaio teórico. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.3, p. 27695-27713 mar 2021

AQUINO, T. A. e CRUZ, J. S. da. Espiritualidade e Resiliência: relevância e implicações no pensamento frankliano. **REVER**. São Paulo. v. 20. n. 2, mai/ago 2020.

ASSIS, S. G. de; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. **Resiliência: Enfatizando a proteção dos Adolescente**. Porto alegre. Artmed, 2006.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido: sobre as fragilidades dos laços humanos**. Tradução Plínio Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021

BARUDY, J. e DANTAGNAN, M. **Los Buenos Tratos a la Infancia – parentalidad, apego y resiliencia**. Barcelona: Editorial Gedisa, S.A, 2005

BERNDT, C. **Resiliência: o segredo da força psíquica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

BENETTI, I. C.; CREPALDI, M. A. Resiliência revisitada: uma abordagem reflexiva para principiantes no assunto. **Revista Eletrônica de Investigación y Docencia (REID)**, 7, p. 7-30, jan. 2012.

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOSS, M. **Angústia, culpa e libertação**. São Paulo: Livraria duas cidades ltda, 1977. p. 28- 72.

BRANDÃO, J. M. (2009). **Resiliência: de que se trata? O conceito e suas imprecisões**. Universidade Federal de Minas Gerais.

BRANDÃO, J. M., Mahfoud, M., e Gianordoli-Nascimento, I. F. **Resiliência em psicologia**. 2011

BRASIL, T. L. **Promoção de resiliência em alunos do curso de pedagogia da UFPE: uma análise do Programa Adulto: resiliência ao longo da vida**. 206 f. Mestrado em Educação – UFPE, 2015

BROOKS, R., GOLDSTEIN, S. **El poder de la Resiliencia - Cómo lograr el equilibrio, la seguridad y la fuerza interior necesarios para vivir en paz**. Barcelona: Paidós, 2004.

BUZZI, A. R. **Introdução ao pensar – o Ser, o conhecimento, a linguagem**. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 21, 33.

CAVALCANTE, I., HENRIQUE A. L. S. e ROCHA, S. R. da. A análise textual discursiva como caminho para a compreensão de histórias de vida em pesquisa educacional. **Revista Brasileira de Pesquisa**.

CARDOSO, T.; MARTINS, M. C. F. **Construção e validação de uma escala dos atributos pessoais da resiliência**. 2013. 126p. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Saúde – Faculdade de Saúde, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.

_____. **Livro de exercícios EPR**. São Paulo: Vetor, 2014.

CARVALHO, A. M. (org.). **O mundo social da criança: natureza e cultura em ação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

CENCINI, A. **Abrçar o Futuro com Esperança: O Amanhã da Vida Consagrada** [Trad. Jaime A. Clasen]. São Paulo: Paulinas, 2019.

CHEQUINI, M. C. M. **A relevância da espiritualidade no processo de resiliência**. *Psic. Rev.* São Paulo, v. 16, n.1 e n. 2, p. 93-117, 2007.

CNBB-Conferência dos bispos do Brasil. João Paulo II (1983). **Código de direito canônico**. Trad. Oficial: Brasília: Loyola.

CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido: A respeito da fenomenologia**. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 11 - 14.

CYRULNIK, B. **Resiliência: essa inaudita capacidade de construção humana**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

_____. **Os patinhos feios**. São Paulo. Martins Fontes, 2004^a

_____. et al. **El Realismo de la Esperanza: testimonios de experiencias profesionales en torno a la resiliencia**. Barcelona: Gedisa, S.A., 2004b.

_____. **Bajo el signo del vínculo: una historia natural de apego**. Barcelona: Gedisa (2005a).

_____. **La Resiliencia: una infancia infeliz no determina la vida**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2005b

DICK, H. **O divino no jovem: elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil**. Porto Alegre: Instituto de Pastoral da Juventude; Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, 2006.

DUARTE, P. A., WINOGRAD, M. e KLIER N. Cyrulnik e seu pioneirismo na articulação entre o conceito de resiliência e a teoria psicanalítica. **Quaderns de Psicologia** | 2022, Vol. 24, Nro. 1, e 1732 ISSN: 0211-3481. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FEIJOO, A. M. L. C de. Dor, Sofrimento e Escuta Clínica. Arquivos do **IPUB**, v. 1, n. 1, p. 22-34, jan./abr. 2019.

FRANKL, V. E. **Logoterapia e análise existencial: textos de cinco décadas**. [Trad. Jonas Pereira dos Santos]. Campinas/SP: Editora Psy II, 1995.

GALIAZZI, M. C, LIMA, V. M e RAMOS, G. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v.8, n.19, p. iv-xix, dez. 2020. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

GAWENDO, A. F. **Era uma vez... A existência à luz de histórias**. 2001. 166 f. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2017.

GRANADOS, L. F; SALGADO, S. e PARRA, J. El camino de la resiliencia: del sujeto individual al sujeto político. **Magis. Revista Internacional de Investigación en Educación**, vol. 10, núm. 20, julio diciembre, 2017, pp. 49-68. Pontificia Universidad Javeriana Bogotá, Colombia.

GRUSPUN, H. **Criando Filhos Vitoriosos** - quando e como promover a resiliência. São Paulo. Atheneu, 2005.

GROTBERG, E. In: MELILLO, A, OJEDA, E. S. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

GUMS, E. F. **Resiliência e criatividade em pessoas de destaque: um estudo comparativo**. Tese Doutorado em Psicologia – Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2015.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 4ª ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1996, v. I, 325p.

_____. 4ª ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1996, v. II, 262p

JULIANO, M.C e YUNES, M.A.M. **Ambiente & Sociedade São Paulo** v. XVII, n. 3 n p. 135-154 n jul.-set. 2014

JUNQUEIRA, M. F. P. & DESLANDES, S. F. Resiliência e maus tratos à criança. **Cadernos de Saúde Pública**, v.19, n.1, p. 227-335, 2003.

KALLAS, M. B. L. de M. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. **Reverso**. Belo Horizonte, v. 38, nº 71, p. 55-63, jun. 2016.

KRATSCH, Maria Leia. **A vivência do adoecimento: Reflexões sobre Liberdade e Busca de Sentido à luz da Psicologia Existencialista**. Fac. Sant'Ana em Revista, Ponta Grossa, v. 4, p. 53-64, 1. Sem. 2020.

LECOMTE, J. In: MANCIAUX, M. **La Resiliencia: resistir y rehacerse**. Barcelona: Editorial Gedisa, S.A., 2005

MELILLO, A. Realidad social, psicoanálisis y resiliencia. In. MELILLO, Aldo; SUÁREZ OJEDA, E. N.; RODRÍGUEZ Daniel (Comp.). **Resiliencia y subjetividad. Los ciclos de la vida**. Buenos Aires: Paidós, 2004. p. 63-75.

MARGAÇA C.; RODRIGUES D. Espiritualidade e resiliência na adultez e velhice: uma revisão. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 31, n. 2, p. 150-157, maio-ago. 2019. doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i2/5690>

MERINO, B. A. Liderança e Proximidade. Valor da presença no governo da vida consagrada. **Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal**. Publicaciones Claretianas, Madrid. 2016.

MIGUEL, F. K. et al. Estudos de Validade do Questionário Online de Empatia Temas em Psicologia. **Trends Psychol.**, Ribeirão Preto, vol. 26, nº 4, p. 2203-2216 - dezembro/2018

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

MUNIST, Mabel et al. **Manual de identificación y promoción de la resiliencia en niños y adolescentes**. Buenos Aires: Organización Mundial de la Salud, 1998.

_____. Historia del concepto de resiliencia. In: UNIVERSIDAD NACIONAL DE LANÚS. Relatoría del Seminario - Taller La resiliencia como aporte a intervenciones sociales sustentables. Buenos Aires: UNLA, 2001. p. 69-83. (Col. Salud Comunitaria, Serie Resiliencia).

NADAL, C. M. S. **A Resiliência ao longo da Vida de Afrodescendentes**. Faculdade de Educação, Programa de Mestrado em Educação. Porto Alegre, 2007.

NORIEGA G. et al. Autoestima, Motivación y Resiliencia en escuelas panameñas con puntajes diferenciados en la Prueba TERCE. **Revista de Investigación Educativa**, 2020.

PEROSA, M. A. Y.; PUCCI, D. **Histórias de Uma Supervisão: exercícios de compreensão clínica daseisanalítica**. São Paulo: Escuta, 2018.

PINTO, J.F.; PAULA, A.P.P. Contribuições da epistemologia qualitativa de González Rey para estudos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil: **Psicologia & Sociedade** (2018).

POMPÉIA, J. A. A. A história dos desejos: in **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, São Paulo, nº 10, p. 5-16, 2001.

_____. Arte e existência: in **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, São Paulo, nº 8, p. 42-51, 1997.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, T. B. **Os dois nascimentos do homem: Escritos sobre terapia e educação na era da técnica**. Ed. Viaverita. Rio de Janeiro, 2011.

RILKE, R. M. **Cartas a um jovem poeta: a canção de amor e de morte do porta-estandarte**. Cristóvão Rilke: tradução Paulo Rónai e Cecília Meireles. São Paulo: Globo, 2001.

ROCCA L., S. M. Resiliência: Um novo paradigma que desafia a reflexão e a prática pastoral. **Revista do Dpto. de Teologia da PUC-Rio / Brasil**. Atualidade Teológica. Ano XII nº 28, janeiro/abril 2008.

ROCCA L., S. M. **Resiliência, Espiritualidade e Juventude**, 2ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2015.

RUTTER, M. Resilience: Some Conceptual Considerations. **Jornal of Adolescent Health**, 1993. Disponível em: [http://www.jahonline.org/article/1054-139X\(93\)90196-V/pdf](http://www.jahonline.org/article/1054-139X(93)90196-V/pdf)

TORRALBA, F. **Inteligência espiritual**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VANISTENDAEL, S. La infancia en el mundo: familia y resiliencia en el niño. Montevideo: **Oficina Internacional Católica de la Infancia - BICE**, v. 5, n. 3, p. 1-55, 1994.

_____. Cómo crecer superando los percances: resiliencia, capitalizar las fuerzas del individuo. Ginebra: **Oficina Internacional Católica de la Infancia - BICE**, 1

VAN DEN BERG, J. H. **O paciente psiquiátrico - esboço de uma psicopatologia fenomenológica**. São Paulo: Editorial Psy II, 1994. p. 67.

VARGAS P. J.J. e VÁSQUEZ C. M. E. Desafíos pedagógicos a la formación en la etapa de noviciado de comunidades religiosas. **Cuestiones Teológicas**, 46 (106), 272-294, 2019. doi: <http://doi.org/10.18566/cueteo.v46n106.a04>

XISTO, D. T. R. **As condições humanas – Mito e Fenomenologia**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2000. p. 16 -56.

APÊNDICE A

Termo de compromisso Livre e Esclarecido

Prezado Participante

Você é convidado a participar de uma pesquisa sobre o processo de Resiliência na formação para a Vida Religiosa Consagrada (VRC), realizada pela aluna Zirlaide Barreto Mendonça como parte dos requisitos do Programa de Pós Graduação da Universidade Católica de Santos. O objetivo da pesquisa é contribuir para a identificação e promoção de capacidades e condutas resilientes no processo de formação. Os instrumentos utilizados de acordo com as propostas serão aplicados individualmente. Na primeira etapa da coleta de dados será aplicada na plataforma digital, a Escala dos Pilares da Resiliência (EPR), que avalia 11 características da resiliência, classificando os pilares mais fortes e mais fragilizadas na superação das adversidades. Você está sendo convidado(a) para participar dessa etapa e poderá ser ou não, convidado(a) para a segunda etapa. Na segunda etapa, serão realizadas 3 Entrevistas com duração de 70min, com foco no processo da resiliência na trajetória da formação. Sua participação em um dos procedimentos não o(a) obriga a participar dos demais. Você é livre para retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou investimento financeiro. É fundamental a sua colaboração na realização de todas as etapas, caso você não participe de alguma etapa, será excluído da amostra. Asseguramos o absoluto sigilo antes e depois da pesquisa, nem seu nome, nem outras informações que possam identificá-lo(a), serão divulgados. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, registro e gravação das entrevistas ficarão sob a guarda da pesquisadora, estarão disponíveis apenas para os avaliadores e pesquisadores do Programa, apresentando apenas o que for relevante para efeito de publicação. Embora os procedimentos usados não sejam invasivos, podem implicar em riscos psicológicos mínimos, como ansiedade e tensão por se sentir avaliado (a). Caso haja algum desconforto emocional, logo após o seu relato a pesquisadora lhe dará o suporte necessário. No final da

pesquisa você receberá, se for do seu interesse, o resultado da avaliação e classificação das características da Resiliência, informações úteis ao processo de autoconhecimento.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 61-98254112 ou pelo e-mail zirlaidecp@yahoo.com.br.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Católica de Santos. Informações detalhadas podem ser obtidas através do site; www.unisantos.br. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) pode ser contatado para denúncias e/ou reclamações referentes aos aspectos éticos da pesquisa, de Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 17:00. na Av. Dr. Cláudio Luís da Costa, 50, Jabaquara, Santos, 3º andar Ala F. E-mail: secretaria.cep@scsantos.com.br. Telefone (13) 3202-0600 / Ramal 1910.

Se você tiver de acordo em participar da pesquisa, assine e guarde uma cópia para seu arquivo.

Eu _____ após ter sido esclarecido(a) e ter entendido o que está escrito, ACEITO participar da pesquisa.

Assinatura da (o) participante da pesquisa

Aluna pesquisadora – Zirlaide Barreto Mendonça

Pesquisador Orientador
Prof. Dr. Hélio Alves

Data: _____

APÊNDICE B

ROTEIROS DAS ENTREVISTAS

PRIMEIRA ENTREVISTA

Raport

Dados de identificação

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Anos de formação na Vida Religiosa Consagrada:

1. O que você gosta e faz bem?
2. Como você se percebe?
3. Como seus amigos o percebem, o que dizem sobre você?
4. Você fez Ensino Fundamental e Médio em escola pública ou particular? Por que?
5. Quais as maiores dificuldades vividas antes de iniciar o processo formativo? Como as enfrentou?
6. O que mudou em sua vida a partir da sua entrada na comunidade formativa?

SEGUNDA ENTREVISTA

Raport

1. Do “vivido” no processo formativo o que você gostaria que não se repetisse?
2. Quais dificuldades você encontrou nas etapas de formação (Postulado, Noviciado, Juniorato)?
Como reagiu?

3. Nas dificuldades encontradas você pensou em desistir? Procurou ajuda? Teve apoio? De quem?
4. Quais foram, segundo você, seus maiores êxitos no processo formativo? Como reagiu?
5. Quais são seus maiores sonhos? Como a comunidade está contribuindo no seu processo formativo?
6. Numa escala de 1 a 10, como você avalia, atualmente, o seu bem-estar geral? A que você atribui o resultado?

TERCEIRA ENTREVISTA

Raport

Avaliaremos o quanto, na sua opinião, o processo formativo para a Vida Religiosa Consagrada potencializa a resiliência, utilizando no questionário, 11 áreas investigadas na Escala dos Pilares de Resiliência (EPR) de Cardoso e Martins (2013).

Para cada fator apresentado você vai expressar o quanto e como, na sua opinião, o processo formativo está contribuindo para o desenvolvimento do mesmo.

Dê entre 1 a 10 pontos para cada afirmação. 1 ponto significa muito pouco e 10 pontos significa que está desenvolvendo plenamente. Justifique sua resposta.

	Características da Resiliência	Quanto	Como
1	Autoeficácia: refere-se à a crença e percepção da pessoa sobre suas próprias capacidades	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
2	Autoconfiança: refere-se à pessoa que é segura, que acredita que pode colocar-se diante de qualquer situação com uma postura forte e eficaz.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	

3	Controle emocional: refere-se à capacidade de controlar as emoções, evitando ter ataques de ira e conduta agressiva.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
4	Orientação positiva para o futuro: refere-se à pessoa que pensa positivamente em relação aos acontecimentos de sua vida, seja no campo profissional, familiar ou pessoal, e que, possui objetivos claros e luta para concretizá-los, por acreditar que irá vencer.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
5	Valores positivos: qualidade de se comprometer com valores e de estender o desejo pessoal de bem estar a humanidade, de diferenciar o bem do mal, além do anseio de viver uma vida pessoal satisfatória, ampla e com riqueza interior.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
6	Empatia: habilidade de se colocar no “lugar do outro”, perceber o estado emocional (pensamentos e sentimentos) de outra pessoa, sem que ela necessariamente o diga e compreender as razões que a levam a se comportar de determinada maneira.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	

7	Reflexão: capacidade de manter o auto distanciamento diante de um problema para poder refletir sobre a melhor solução com sabedoria, inteligência e crítica.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
8	Sociabilidade: habilidade de ser relacionar e criar laços de intimidade com outra pessoa, com intuito de equilibrar a própria necessidade de afeto.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
9	Aceitação positiva para a mudança: refere-se ao reconhecimento de que as mudanças e as situações difíceis podem oferecer oportunidade de crescimento.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
10	Independência: capacidade de manter distância emocional e física de outras pessoas, sem cair no isolamento.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
11	Bom humor: refere-se à habilidade de usar o bom humor para lidar com os problemas, não para negá-los, mas para possibilitar alívio e uma forma de enxergar a vida de maneira otimista.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	

ANEXO

IRMANDADE SANTA CASA DE
MISERICÓRDIA DE SANTOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: RESILIÊNCIA: IMPLICAÇÕES NO PROCESSO FORMATIVO PARA A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

Pesquisador: ZIRLAIDE BARRETO MENDONÇA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 56945522.0.0000.0139

Instituição Proponente:

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.336.675

Apresentação do Projeto:

Trata-se de primeira versão de projeto de pesquisa como parte de requisitos para Mestrado Profissional em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas.

Objetivo da Pesquisa:

O projeto apresenta como objetivos: primário - Contribuir para a identificação e promoção de condutas resilientes no processo de formação para a Vida Religiosa Consagrada (VRC). Oferecer um instrumento através de um produto técnico para minimizar os impactos de vulnerabilidade de pessoas em formação, promovendo,

dessa forma, o fortalecimento de valores relevantes para o estilo de Vida Religiosa Consagrada. / secundários - Identificar e Analisar características de resiliência dos formandos como fatores de prevenção para o enfrentamento das adversidades no

processo de formação para a Vida Religiosa Consagrada. Compreender as implicações da resiliência e a relação com o estilo de vida de pessoas em processo de formação para a Vida Religiosa Consagrada (VRC), a partir de um grupo previamente selecionado. Descrever processos sociais e intrapsíquicos que potencializam resiliência e o desenvolvimento saudável dos formandos (as) para a Vida Religiosa Consagrada

Endereço: AV. DOUTOR CLAUDIO LUIS DA COSTA 50

Bairro: JABAQUARA

CEP: 11.075-900

UF: SP

Município: SANTOS

Telefone: (13)3202-0600

E-mail: cep@scsantos.com.br

Continuação do Parecer: 5.336.675

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora aponta como benefícios ao participante a oferta, no final da pesquisa, do resultado obtido através da EPR a fim de que possam conhecer o nível de resiliência em características reconhecidas como pilares, trabalhar seus pontos fortes e fracos no enfrentamento das adversidades. Os participantes das Entrevistas, que manifestarem interesse, poderão ter uma devolutiva para maior compreensão do seu próprio processo.

Como prejuízos a pesquisadora aponta que apesar dos métodos não serem invasivos, podem trazer para o participante, riscos psicológicos mínimos como cansaço ao responder as perguntas, tensão ou ansiedade por se sentir avaliado. Caso o participante relate algum desconforto, a pesquisadora que é psicóloga, devidamente credenciada para oferecer assistência psicológica, dará suporte imediato, sem nenhum ônus para o participante, e/ou encaminhará para os recursos da comunidade

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto encontra-se com bem estruturado, com introdução clara, objetivos bem descritos e procedimento metodológico bem estruturado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos apresentados estão de acordo com o padrão do CEP.

Recomendações:

Quaisquer alterações, favor comunicar o CEP.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado. Sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1905033.pdf	16/03/2022 15:42:25		Aceito

Endereço: AV. DOUTOR CLAUDIO LUIS DA COSTA 50
Bairro: JABAQUARA CEP: 11.075-900
UF: SP Município: SANTOS
Telefone: (13)3202-0600 E-mail: cep@scsantos.com.br

03

IRMANDADE SANTA CASA DE
MISERICÓRDIA DE SANTOS

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	16/03/2022 15:38:10	ZIRLAIDE BARRETO MENDONCA	Aceito
Outros	Termo_de_compromisso.pdf	11/03/2022	ZIRLAIDE BARRETO	Aceito

Página 02 de

Continuação do Parecer: 5.336.075

Outros	Termo_de_compromisso.pdf	15:02:51	MENDONCA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_pesquisador.pdf	11/03/2022 15:00:53	ZIRLAIDE BARRETO MENDONCA	Aceito
Folha de Rosto	Plataforma_Brasil_folha_rosto_ZIRLAIDE E_converted_by_abcdpdf_converted_by abcdpdf.pdf	11/03/2022 14:53:03	ZIRLAIDE BARRETO MENDONCA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao.pdf	25/02/2022 14:04:46	ZIRLAIDE BARRETO MENDONCA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	25/02/2022 14:04:37	ZIRLAIDE BARRETO MENDONCA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTOS, 07 de Abril de 2022

Assinado por:
FERNANDA MARTINS DA SILVA SANTOS
(Coordenador(a))

Endereço: AV. DOUTOR CLAUDIO LUIS DA COSTA 50
Bairro: JABAQUARA CEP: 11.075-900
UF: SP Município: SANTOS
Telefone: (13)3202-0600 E-mail: cep@scsantos.com.br

PRODUTO TÉCNICO

E-book: Guia para promoção da resiliência no processo formativo para a Vida Consagrada

Produto Técnico: proposta de promoção da resiliência no processo formativo para a Vida Consagrada (E-book), apresentada como parte do requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas, pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Santos.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Alves

ZIRLAIDE BARRETO MENDONÇA

SANTOS 2022

GUIA PARA PROMOÇÃO DA RESILIÊNCIA NO PROCESSO FORMATIVO PARA A VIDA CONSAGRADA

PREFÁCIO

As religiosas e religiosos vivenciam a tensão própria dos conselhos evangélicos e da vida fraterna, ser-no-mundo com o outro. Em tempos de tantas mudanças e crises de todos os tipos, na missão cotidiana, estão com pessoas ou grupos, que a seu modo, enfrentam grandes e frequentes adversidades que parecem exigir além das próprias forças e desafiam a eles e a todos que os acompanham.

Muitas vezes as pessoas não só se adaptam, mas superam e saem das situações melhores, mais fortalecidos, renovados e com esperança. Experiências de superação são vivenciadas por diversos grupos, em diferentes realidades em toda a história. Essa capacidade de enfrentamento vem sendo estudada, sistematizada e reconhecida como resiliência.

Com o presente “Guia” desejamos oferecer um instrumento que nos permita trabalhar sobre alguns interrogantes:

Que significa a resiliência? O que sabemos a respeito? O que as pessoas entrevistadas na pesquisa nos dizem? Na condição de educadores e formadores como podemos promover a resiliência? Que aspectos podemos fortalecer no processo formativo?

Como o próprio conceito de resiliência este trabalho está longe de ser acabado, o conhecimento e o desenvolvimento humano se ampliam e se enriquecem através das experiências e reflexões. De acordo com Galiazzi e Ramos (2021) somos todas e todos “aprendentes do aprender”.

1. INTRODUÇÃO

A partir do percurso vivenciado como religiosa educadora e psicóloga e da pesquisa intitulada: Resiliência – Implicações no processo formativo, entendo que pensar e propor a promoção de resiliência é uma convocação para olhar a pessoa em sua singularidade, centrando-se nas potencialidades e nos recursos individuais e comunitários que possibilitam enfrentar situações adversas, aprender com a dor e sair fortalecida e aberta a uma nova dinâmica de ser-no-mundo com o outro na procura do sentido que faz a vida valer a pena.

Visto que a resiliência é processo relacional que pode ser desenvolvido em todas as idades, a proposta de “Guia” para promoção de resiliência no formato de E-book, busca promover saúde e bem-estar para as religiosas e os religiosos de todas as idades e onde, quando e como puderem ser alcançados.

Apoiar, em nível nacional, a vida consagrada, como uma das assessoras do setor de Formação da Conferência dos Religiosos do Brasil, com sede em Brasília, função que assumirei a partir de janeiro de 2023, é uma estratégia para prevenir as condutas de risco e fortalecer os fatores de proteção de resiliência e a qualificação da resposta vocacional.

O desenvolvimento humano, em todas as dimensões: cognitiva, afetiva e volitiva, se constitui um processo de autoconhecimento, das competências e habilidades para adaptar-se às diversas ecologias e ambientes, em redes sociais. Apoiando os religiosos, assiste-se indiretamente os jovens em seus ambientes socioeconômico, político e cultural, interlocutores da missão.

Pessoas e comunidades podem intervir e facilitar acesso à saúde, ambientes e políticas públicas saudáveis, fortalecer e aumentar as habilidades pessoais relacionadas ao bem-estar e parcerias. Os projetos mais impactantes de desenvolvimento e promoção da saúde e bem-estar exigem esforço e responsabilidade compartilhados, para promover mudanças simultâneas nos níveis individual, grupal, organizacional e comunitário, incluindo a participação e protagonismo de adolescentes e jovens envolvidos. Essa publicação na modalidade de “guia”, é uma estratégia para oferecer um suporte na promoção de resiliência, não é para ser seguida como receita, as linhas

de orientação podem ser entendidas como sugestões, sendo que cada pessoa vai encontrando seu “próprio estilo e explorando os diferentes métodos”.

Trata-se de um guia de orientação para a resiliência, na perspectiva integral, que defende as necessidades da pessoa na sua subjetividade, em espaços de tomada de decisão e políticas sociais inclusivas.

O “guia” apresenta conceitos, informações e instrumentos que podem ser introduzidos nos Planos de Formação e aplicados na prática da formação inicial e permanente, oferecendo ao leitor duas opções: a leitura como um guia pessoal para o desenvolvimento psicossocial com destaque à resiliência e uma autoavaliação de suas condutas e ações.

A outra opção é o trabalho em grupo através de oficinas, com metodologia e técnicas participativas que considerem as vivências, conteúdos formativos e celebração da vida. As questões que servem de guia podem ser organizadas e trabalhadas com assessoria profissional ou adaptadas de acordo com as realidades e comunidades formativas. Os resultados de “aprender juntos” valem o tempo e os recursos investidos.

Na publicação do “Guia para a promoção de resiliência no processo de formação para a Vida Consagrada” se dará a conhecer a voz dos participantes da pesquisa, os caminhos percorridos, o reconhecimento dos fatores, condutas e tutores de resiliência desvelados no processo que podem ser fontes de luz.

Na voz de uma das entrevistadas: “Ser resiliente é enfrentar as dificuldades sem desespero, com planejamento, correndo atrás e se reinventando mesmo diante do cansaço, das adversidades” (VÂNIA).

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral: Oferecer um produto técnico que permita caracterizar a resiliência segundo diferentes autores e perspectivas, ressaltar a importância/eficácia do enfoque de resiliência na prevenção de risco e contribuir para a sua promoção como uma estratégia de intervenção psicossocial em situações adversas.

Objetivos específicos:

- ✓ Dar a conhecer as principais características e condutas que identificam uma pessoa resiliente;
- ✓ Enfatizar a importância da presença e das ações dos educadores, formadores e comunidades formativas como geradores de resiliência;
- ✓ Sugerir ações que podem gerar e fortalecer as características da resiliência.

3. RESILIÊNCIA

Para Munist et al (1998), a resiliência não provém exclusivamente do ambiente, nem é uma característica inata, mas se baseia na interação entre a pessoa e o ambiente e por isso nunca é completamente estável. Ninguém é resiliente de forma permanente. Toda pessoa pode ter altos e baixos em níveis de pressão elevados. A resiliência está ligada de alguma maneira ao risco e depende de como as adversidades são interpretadas. Daí a importância de reduzir os aspectos que atingem seu potencial máximo do desenvolvimento. A promoção social pode ser uma fonte de inspiração para as diversas áreas: a educação, a política e o trabalho social, que deve ser de prevenção e compreensão dos mecanismos que atuam em nível individual, familiar e comunitário. Interessa-nos destacar dois componentes importantes da resiliência: resistência à destruição e capacidade de reconstruir frente às adversidades.

O desenvolvimento do conceito de resiliência ajuda a ver claramente essa dimensão das pessoas e oferecer uma nova perspectiva de esperança. Algumas definições da palavra resiliência propostas por diversos autores:

- ✓ A resiliência tem sido caracterizada como um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam uma vida "saudável" em um ambiente insalubre. Resiliência como processos que são realizados ao longo do tempo, proporcionando combinações positivas entre os atributos da criança e seu ambiente familiar, social e cultural. (RUTTER, 1992 apud MUNIST et al 1998)
- ✓ Resiliência distingue dois componentes: resistência contra a destruição, capacidade de proteger a própria integridade sob pressão e a capacidade de forjar um comportamento positivo na vida, apesar das circunstâncias difíceis (VANISTENDAEL, S. e LECOMTE, J. 1994)

- ✓ Conceito genérico que se refere a uma ampla gama de fatores de risco e sua relação com os resultados da competência. Pode ser o produto de uma conjunção entre fatores ambientais e temperamento, e um tipo de habilidade cognitiva que algumas pessoas possuem desde muito pequenas. (OSBORN, 1996 apud MUNIST et al, 1998).
- ✓ A capacidade para triunfar e para viver e desenvolver-se positivamente, de maneira socialmente aceitável, apesar da fadiga ou da adversidade que podem implicar risco grave de resultado negativo.” (VANISTENDAEL, apud CYRULNIK, 2001, p. 10)
- ✓ A resiliência é entendida como a capacidade de resistir às adversidades humanas. (PEREIRA, 2001, p. 87)
- ✓ Manifestação da capacidade de transcender. (BARBOSA, 2006, p. 3)
- ✓ Não apenas a capacidade individual para lidar com as adversidades, mas também a capacidade de uma comunidade de pessoas para prover os recursos de saúde necessários para criar e sustentar bem estar, proporcionando oportunidades individuais para acessar recursos de saúde de maneiras culturalmente relevantes. (UNGAR e colaboradores apud BRANDÃO 2009)

De acordo com Muniste et al (1998) a abordagem da resiliência é explicada através do que tem sido chamado de modelo "do desafio, que mostra que as forças negativas, expressas em termos de danos ou riscos não são encontrados necessariamente em seres humanos inertes como danos permanentes. O modelo do desafio ou resiliência prevê escudos protetores que impedirão que as forças negativas atuem linearmente, mitigando assim seus efeitos negativos e, por vezes, transformando-os em fator de superação da difícil situação. O modelo de desafio e resiliência aumenta a capacidade de analisar a realidade e de conceber intervenções eficazes.

Não podemos falar da resiliência como se fosse um conceito unívoco e absoluto. A resiliência é compreendida como uma capacidade humana e universal que está presente nas diferentes comunidades, etnias e culturas e possui traços e características particulares de acordo com os diferentes contextos em que se manifesta. A troca de conhecimentos e experiências neste campo é muito útil para orientar o nosso trabalho, desde que sejamos capazes de identificar os fatores de um contexto específico e, ao mesmo tempo, a comunidade contribua com os seus próprios recursos.

Promover a resiliência é reconhecer a força além da vulnerabilidade, visando melhorar a qualidade de vida das pessoas a partir de seus próprios significados, de como vivenciam e interpretam os acontecimentos, das experiências por elas ressignificadas.

Ser resiliente significa assumir a tarefa de reconhecer os espaços, qualidades e pontos fortes que permitam enfrentar positivamente experiências estressantes. Estimular uma atitude resiliente implica potencializar esses atributos, incluindo todos os membros da comunidade no desenvolvimento, implementação e avaliação de programas de formação.

A resiliência não é uma capacidade estática, pode variar de acordo com o tempo e com as circunstâncias. É o resultado de um equilíbrio entre fatores de risco, fatores de proteção e a personalidade do ser humano. O ser humano pode ressignificar fatores ou circunstâncias de vida desfavoráveis. Uma pessoa pode “estar” mais do que “ser” resiliente. É preciso insistir na natureza dinâmica da resiliência.

Ao analisar a interação entre fatores de risco, fatores de proteção e resiliência é importante que não se concentre apenas na pessoa, é preciso alargar o conceito e compreender a interação que ocorre com as variáveis sociais e comunitárias.

4. MÉTODO DE FORMAÇÃO EXPERIENCIAL

De Miguel (1988, apud RIBEIRO, 2014) fala da necessidade de novas perspectivas de conhecimento e da coerência na busca, uma vez que os novos caminhos metodológicos requerem ousadia para investir na postura reflexiva, em atuações mais criativas e assertivas, o que implica abdicar da ênfase sobre o instrumentalismo. O autor recomenda maior cuidado sobre o sentido do que fazemos, os procedimentos que utilizamos e a utilidade que nos oferecem.

A convicção da necessária abertura aos novos caminhos da formação, para além dos procedimentos metodológicos preexistentes, neste tempo de pandemia, tão caracterizado pelo desabrigo, lança-nos ao risco das experiências que transcendem aos espaços tradicionais de atuação, as formas mais habituais de escuta e intervenção no cuidado à saúde e humanização.

Na escolha do risco em relação ao método-caminho faz-se significativa a contribuição de Rojas e Baruki-Fonseca (2009) que sugerem o movimento próprio do ir e vir presente na fenomenologia, capaz de entrelaçar ideias, pensamentos, estudos e conhecimentos como facilitadores do desvelamento daquilo que se apresenta em termos de vivência e o constante recomeçar, problematizar e transcender na compreensão da realidade a partir do sentido.

Sobre a criatividade, Ades (1994, p.28) afirma: “a tarefa criativa não pode ter resultados previsíveis e não pode ser programada, como se programa a construção de uma ponte”, sugerindo descentrar os pensamentos, repensar alternativas paradigmáticas e a mudança do ângulo de abordagem, já que os métodos, mesmo os aparentemente mais seguros, não garantem resultados a todos os problemas.

Fenomenologia e criatividade se conectam. O entrelaçar do “fazer ciência”, sem perder a criatividade, desafia-nos a cuidar para evitar o aprisionamento da suposta ou pretendida segurança do método preestabelecido, sem cair no vazio teórico, conceitual ou prático. A criatividade da ciência desvela-se no cuidado de quem se coloca como peregrino, de quem faz caminho a cada passo sem uma direção padronizada. O modo de cuidar emerge na contemplação do que aparece em cada paisagem, em cada desvelar de possibilidades. Sobre o desafio do lançar-se na imprevisibilidade do caminho é esclarecedora a observação de Ribeiro:

seguir na trilha do método-caminho exige rigidez e flexibilidade, autonomia e dependência, todos dosados na medida de abertura do nosso caminhar, o qual não pode se dar de modo absolutamente solitário, mas solidário [...] é esta a dinâmica. Criativa, porque mantém o círculo em constante movimento de renovação, de reconstrução, de ressignificação, de inovação. (RIBEIRO 2014, p. 210)

A abertura do caminhar solidário e o movimento de desconstrução e renovação dos métodos impostos pelo contexto pandêmico da COVID-19 resultou numa dinâmica criativa de aproximação e escuta qualificada, que foi tornando possível a ressignificação dos fatos relatados: isolamento, distanciamentos, sequelas da doença, mortes, luto, em acontecimentos costurados com o fio do sentido que liberta. A dinâmica criativa permitida pelo movimento do risco, da solidariedade na reconstrução do fazer profissional potencializou o processo de resiliência como a compreende Uicich:

resiliência é considerada como a possibilidade de uma adaptação com êxito e funcionamento positivo, apesar das desvantagens sociais e econômicas que produzem alto risco biológico

e social, situação que pode superar e sair fortalecido transitando por caminhos culturais e eticamente válidos. (UICICH, 2006, p. 25).

Ribeiro (2015) trata de quatro princípios essenciais para embasamento da construção do caminho, pesquisa/intervenção que vai se estendendo à medida que se dispõe a manter a mente (razão) e o coração (emoção) abertos, impulsionados pelas convicções e escolhas. De acordo com Ribeiro, a abertura às diferentes perspectivas paradigmáticas é o primeiro e fundamental princípio para o acesso a novas possibilidades, ao potencial criativo e à transformação inerentes à humanização.

O segundo princípio é o diálogo com outras áreas do conhecimento, a partir da contribuição de diferentes referenciais que ampliam a percepção da realidade e permitem as modificações necessárias.

O terceiro princípio - as estruturas flexíveis - autentica o caminho percorrido marcado pelas adaptações emergenciais. Conforme Ribeiro:

A abertura paradigmática e a predisposição para o diálogo levam-nos a buscar estruturas flexíveis à integração das implicações entre realidades que se mostram simultaneamente solidárias e conflitivas, elementos característicos da pesquisa na perspectiva complexa e transdisciplinar. Em decorrência disso, o conjunto de procedimentos e instrumentos será aberto o suficiente para realizarmos as adaptações compatíveis com as emergências e, por sua vez, integrar a prática (ciência) e a reflexão (filosofia) em parceria epistemológica, negando a desintegração e a fragmentação. (RIBEIRO, 2015, p. 201)

A abertura às diferentes perspectivas, o diálogo e as estruturas flexíveis tornam-se condições para o quarto princípio: o espírito aberto ao novo, atento para o registro do inesperado.

Com base no Projeto de Formação Experiencial desenvolvido e aplicado pelo Projeto Talitha Kum, com sede em Buenos Aires, apresentamos a proposta das Oficinas participativas que não pretende ser exaustiva nem mesmo um manual de metodologia para a Promoção da Resiliência.

A intenção é proporcionar um breve conhecimento de um dos métodos mais utilizados, especialmente pela Igreja Católica da América Latina considerado válido na medida em que torna realidade os critérios da metodologia ver-julgar-agir-revisar-celebrar, para alcançar os resultados esperados no processo.

A experiência mostra que é importante que o assessor e o animador conheçam e administrem uma variedade de métodos e, sobretudo, que saibam discernir as oportunidades de usar um ou outro, dependendo do estágio do grupo e das conquistas que se buscam no processo que estão desenvolvendo.

As oficinas em grupo ou comunidade é uma experiência na qual as pessoas compartilham suas vidas e se apoiam no processo de compreensão e elaboração de suas vivências adversas, revisitando-as à luz da fé e celebrando juntos os acontecimentos e experiências.

O método de formação experiencial visa facilitar os encontros de grupos ou comunidades, permitindo às pessoas partilhar as suas experiências, aprofundá-las e iluminá-las e assim transformarem progressivamente as suas vivências adversas.

Este objetivo é alcançado através de oficinas, uma sequência que considera quatro etapas.

5. OFICINAS: quatro passos

Aprender é prestar atenção e escutar atentamente as experiências vividas dos Outros e nesse movimento de partilha, (re)construir teorias e paradigmas antes cristalizados. Certamente não é um processo simples e imediato, mas um movimento de transformação que exige num primeiro momento ter humildade em reconhecer seus próprios limites [...] aprender por meio das experiências dos Outros sempre é significativo [...]. (GALIAZZI e RAMOS, 2021, p. 188)

5.1 Primeiro momento: Motivação

É uma atividade breve para despertar e centrar o interesse das pessoas para as experiências que se propõe abordar. Deve ajudar a questioná-las e criar as condições para o seu posterior aprofundamento. Deve estar diretamente relacionado ao objetivo do encontro, mas ainda não adiantar respostas sobre ele. Podem ouvir músicas, ler poemas, apresentar cartazes previamente preparados, etc.

5.2 Segundo momento: Descrição da experiência

É tempo de criar condições para que as pessoas compartilhem a sua experiência pessoal sobre o assunto abordado e possam ter contato com o que vivem, sentem, pensam e fazem, como primeiro passo para compreender melhor a si mesmas e ao ambiente em que vivem. A descrição da experiência é um passo necessário para devolver a palavra às pessoas e ajudá-las a dar um nome às suas vivências. O exercício ou técnica utilizada deve facilitar a expressão pessoal e garantir a possibilidade que todos se sintam envolvidos.

Exemplo:

Entregar papel e caneta para os participantes.

a) – Pedir que os integrantes do grupo façam um tempo de silêncio, lembrem e escrevam acontecimentos que marcaram suas vivências nos últimos seis meses.

b) – De todos esses acontecimentos – o que foi vivido como apaixonamento (entusiasmo)? E como padecimentos (tristezas, sofrimentos, conflitos)?

- Partilha em 2 (diálogo de confiança)

- Partilha de todos juntos (escutar a emoção)

- O que chamou a sua atenção?

- De que nos demos conta?

- O que descobrimos?

- Escuta de todos/as (privilegiando o que vamos descobrindo)

- Pequenos esclarecimentos

5.3 Terceiro Momento: Análise da experiência

É o aprofundamento da experiência para poder entendê-la melhor e descobrir nela os aspectos inicialmente percebidos e aqueles elementos não suficientemente levados em conta, mas que de fato condicionam e influenciam as situações em que vivemos. Este momento pretende retomar as experiências pessoais e desdobrar seus significados, facilitando o processo de "realização", pois expressam critérios, avaliações, as informações das quais as pessoas se

apropriaram, autoimagem, consciência social, as possibilidades de ação que são reconhecidas, o que é considerado bom ou ruim, enfim, tudo o que constitui a sua "visão do mundo". Esta etapa dá continuidade à anterior e ao mesmo tempo significa um avanço da reflexão.

Além de perguntas facilitadoras, é o momento do grupo receber do assessor ou animador uma contribuição para refletir e aprofundar a análise. Pode ser feita a exposição de um tema como: “Dor e Sofrimento” ou outro previamente combinado com o grupo.

5.4 Quarto Momento: Celebração - discernimento da experiência.

Uma vez melhor compreendida e assumida a experiência, é possível lê-la desde o seu nível mais profundo, o significado da fé. Discernir a experiência é captar nela a ação salvífica de Deus e a resistência. Trata-se de acolher a Palavra de Deus (texto bíblico de acordo com o tema) e responder ao convite que promove uma mudança de vida e de atitudes, deixando-se conduzir pela força do Espírito e abrindo-se à ação de Deus, sempre presente em cada experiência humana.

O passo metodológico do discernimento se apoia na atitude pessoal de busca de um novo significado para as experiências pessoais; no anúncio da Palavra, que nos convida a viver uma Mensagem que revela, interpreta e consolida as experiências de vida, e na dimensão comunitária, que fortalece o processo e faz da comunidade um lugar de encontro e celebração do evento e espaço de testemunho.

Em clima de oração a pessoa pode fazer uma síntese do encontro, escrevendo uma pequena carta, poesia, oração ou através de um desenho livre que expresse o que a pessoa pensa e sente. Termina-se com um momento fraterno de partilha, agradecimentos, lanche, abraço.

REFERÊNCIAS

ADES, C. Notas sobre criatividade em Pesquisa. In: **Temas Psicol.** Ribeirão Preto, v.2, n.3, dez 1994.

BARBOSA, G. S. (2006). **Resiliência em professores do ensino fundamental de 5ª a 8ª série.** Tese de Doutorado, Núcleo de Psicossomática e 127 Psicologia Hospitalar do programa de Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de

BRANDÃO, J. M. **Resiliência: de que se trata?** o conceito e suas imprecisões. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2009.

CYRULNIK, B. **La maravilla del dolor: el sentido de la resiliencia.** G. González Zafra, trad. Barcelona: Grani, 2001.

CUELLAR, Edgar Barreiro. **Psicología de la Liberación** - Aportes para la construcción de una Psicología desde el Sur. Bogotá-Colombia: Ediciones Cátedra Libre, Versão Digital 2015. Capítulo 1 - El Devenir de una propuesta Liberadora para la Psicología. Disponível em: www.catedralibremartinbaro.org.

DE MIGUEL, F. M. D. Paradigmas de a investigación educativa española. In: Dendaluce, I (Coord.). **Aspectos metodológicos de la investigación educativa.** Madri: Narcea, p. 60-77, 1988. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1213620>. Acesso em fev. 2013

FEIJOO, A. M. L. C de. Dor, Sofrimento e Escuta Clínica. Arquivos do **IPUB**, v. 1, n. 1, p. 22-34, jan./abr. 2019.

GALIAZZI, M. C. e RAMOS, M.G. Aprendentes do Aprender: Um exercício de Análise Textual Discursiva. Injuí,2021.

MUNIST et al. **Manual de Identificación e promoción de la resiliencia.** Washington, DC: Organización Panamericana de la salud, 1998.

PEREIRA, A. M. S. **Resiliência, personalidade, stress e estratégias de coping.** Em J. Tavares (org.) Resiliência e Educação. (pp. 77-94) São Paulo: Cortez, 2001.

RIBEIRO, O. C. Criatividade na Pesquisa Acadêmica: Método-Caminho na Perspectiva de uma Fenomenologia Complexa e Transdisciplinar. UFRGS: Dossiê ECOTRANS: **Ecologia dos saberes e Transdisciplinaridade**. DOI: 10.5216/teri.v 5i1. Jan./Jun. p. 189-215, 2015.

ELJA, Buenos Aires. **Método de Formación Experiencial**. Versão digital, 2019. Disponível em: https://issuu.com/eljabuenosaires/docs/metodo_de_formacion_experiencial

VANISTENDAEL, S. e Lecomte, J. (2004). Resiliencia y sentido da vida. Em A. Melillo; E. N. S. Ojeda e D. Rodríguez (org.) Resiliencia y subjetividad: los ciclos de la vida (pp. 91-101). Buenos Aires: Paidós